

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Sandra Maria de Castro Rocha

PROFESSORAS TATUADAS: a aprendizagem das marcas

Santa Cruz do Sul
2011

Sandra Maria de Castro Rocha

PROFESSORAS TATUADAS: a aprendizagem das marcas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, na Linha de Pesquisa Aprendizagem, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa em Tecnologias e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Gustsack

Santa Cruz do Sul
2011

Sandra Maria de Castro Rocha

PROFESSORAS TATUADAS: a aprendizagem das marcas

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Dr. Felipe Gustsack
Professor Orientador - UNISC

Dra. Jurema Gorski Brites
Professor examinador - UFSM

Dra. Sandra Regina Simonis Richter
Professor examinador - UNISC

Dra. Marly Ribeiro Meira
Professor examinador - UFRGS

Santa Cruz do Sul
2011

AGRADECIMENTOS

Àqueles que compartilham de minha vida familiar: Mãe, Mano, Marcelo e Adriana e Yeshouah...

Gratidão!

Àquele que, na sua ausência, ensina o valor de uma presença: Pai...

Gratidão!

Àqueles que participam das provocações, do pensar e do repensar. Também das conversas, dos risos, das celebrações: Miguel, Margarete, Diva, Rafael, Lúcia, Patrícia e Gabriel...

Gratidão!

Àqueles professores que, escolhidos como leitores em diferentes fases deste trabalho, contribuíram para sua ampliação: Gládis Ramos, Titi Roth, Nestor de Souza e Sulema Schultes...

Gratidão!

Àquele que, por acreditar em minhas escolhas, com generosidade e em constante parceria, teve a ousadia de ser meu orientador: Felipe...

Gratidão!

RESUMO

Implicado no contexto das pesquisas e reflexões realizadas pelo grupo de Pesquisa Linguagens, Cultura e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, este trabalho contempla algumas das instigantes e conflitantes facetas da tatuagem como um modo de narrar. Busquei, como principais referências, Edgar Morin, Humberto Maturana, Jorge Larrosa, Roland Barthes, David Le Breton, Fátima Freire Dowbor, Rafael Echeverría, Miguel Arroyo e Paulo Freire. Início trazendo as questões que foram mobilizadoras do estudo, para depois multidimensionar a tatuagem, contextualizando sua natureza e origens. Sigo procurando entendê-la como um ato de escrita, que é, também, um ato de leitura e decifração. Avanço apresentando as reflexões que foram emergindo à medida em que ampliava minha compreensão sobre a tatuagem, o que contribuiu para uma aproximação entre tatuagem e linguagem, questionadas em suas diversas facetas, nas quais se dão a compreender, quer como afirmação libertária ou de aprisionamento: tatuagens para se sair da “clausura do corpo” ou para o corpo “educar”? Ainda que contrariando justificadas expectativas pelo fato de eu anunciar uma pesquisa realizada em meio a um grupo de professoras, de modo a compartilhar a estratégia narrativa que escolhi para por em ato as reflexões iniciadas, optei por limitar-me a trazer apenas um único exemplo dessa estratégia, que consiste num movimento de contar(-se) de marcas sentidas, em uma vida cheia de histórias de uma professora. Associando-se as diferentes fases (tamanhos) das bonecas russas, tomadas na qualidade de disparadoras de narrativas, às fases do desenvolvimento pessoal e profissional da pessoa entrevistada, proponho a transição de etapas da narrativa de si. A professora, convidada a brincar com as referidas bonecas, parte das marcas que traz a “sua menina”, até chegar ao momento atual da vida. Tecendo histórias de minhas marcas com as relatadas de sua experiência de viver, assim o fizemos em diálogo aberto ao consenso, mas não arredoio ao conflito, às contradições, que sinalizam formas várias de ser-estar mulher e professora tatuada em linguagem. Não esquecendo que as tatuagens, nas sutilezas de um mostrar-ocultar, são também maneiras de tornar visíveis os corpos escondidos pelas relações na docência, este trabalho oportuniza afirmar, pela condição reflexiva propiciada pela leituras de si na leitura das próprias tatuagens, o caráter formativo da narrativa (auto)biográfica, capaz de fazer emergir, em presença de uma atenta escuta, as aprendizagens de marcas de cenas protagonizadas no cotidiano da docência. Iniciei o estudo que gerou este texto sabendo-o digressivo e sabendo-me em terreno incerto, errante, e mesmo assim (ou talvez por isso) tenha persistido, porque fascinantes inquietações me acompanhavam, embora a indisfarçável pretensão de não desejar respostas. Por isso, eis aqui um texto ainda sendo escrito, como tatuagem inacabada, porque aberta a interações, a transformar-se, receptiva a diferentes sentidos e interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Professora. Tatuarse. Marcas. Corpo. Sedução. Narrativa (auto)biográfica.

ABSTRACT

The following text is implicated in the context of research and reflections made by the group of research *Linguagens, Cultura e Educação* (Language, Culture and Education), from the *Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado*, at the *Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC*, this dissertation aims to contemplate some of the provocative and conflicting facets of tattooing as a way of narrating. My heading references were Edgar Morin, Humberto Maturana, Jorge Larrosa, Roland Barthes, David Le Breton, Fátima Freire Dowbor, Rafael Echeverría, Miguel Arroyo and Paulo Freire. I start bringing up mobilizing questions for the study, and then expand the tattoo subject, contextualizing his nature and origin. I follow trying to understand it as a writing act, as well a reading and translation act. As my understanding grows, I start to introduce thoughts about tattoo, this contributed to a close approach between tattoo and language, such as a libertarian or imprisonment claim: can tattoos leave the “closure of the body” or “educate” the body? Contrary to expectations even though justified by the fact that I post a survey conducted among a group of teachers, in a way to share the chosen narrative strategy to start with initiated thoughts, I chose to bring just one example of this strategy, that consists in a way to tell (yourself) about feeling marks, in a life whole of teacher’s stories. Associating different sizes from the Russian dolls as narrative spreaders, to the steps of personal and professional development from the interviewed person, I propose a transition of stages from the narrative itself. The teacher, invited to play with the dolls, starts from the marks that “his girl” carries until arrive at the actual moment of her life. Telling stories from mine marks with her experience of life, this happened in an open dialogue with one purpose, but not running away from conflict, contradictions, that show many ways of being a tattooed woman and teacher in language. We can’t forget that the tattoos, in the subtleties of show/hide, are also ways to turn noticeable the bodies that are hidden by the teaching relations, this work provides an opportunity to affirm by the reflexive condition offered by reading itself in the reading of her own tattoos, the formative character of the narrative (auto)biographical, able to show marks, in the presence of a attentive listener, from the daily experience of teaching. I started the study that generated this text knowing that it would be digressive and unknown subject for me, nevertheless I persisted, because I had fascinating concerns about the study subject, although there was an undisguised pretension of not wishing answers. For this, you will find here a written text, as uncompleted tattoo, because it is open to interactions, to transform itself, receptive to different meanings and interpretations.

KEYWORDS: Language. Tattooing itself. Marks. Body. Seduction. Narrative. (Auto)biographical.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	7
2	HISTÓRIAS MARCADAS.....	15
2.1	Os primeiros traçados.....	15
2.2	A emergência das marcas.....	18
2.3	Marcas em mim.....	23
3	TATTOO COMO LINGUAGEM.....	29
3.1	Na leitura de corpos tatuados.....	29
3.2	No rastro da tatuagem.....	34
4	PROFESSORAS EM LINGUAGENS: PROFESSORAS EM TATUAGENS.....	42
5	“BASTIDORES” REVELADOS.....	49
5.1	As bonecas russas	49
5.2	A narrativa	55
5.3	As marcas do caminho: pegadas.....	58
5.4	A linguagem das histórias.....	68
6	AS CORES E OS TRAÇOS DAS MARCAS	72
6.1	Da meninice	73
6.1.1	Do início da vida escolar	74
6.2	Da adolescência: o início de definições intelectuais e das escolhas profissionais	76
6.2.1	De histórias	77
6.2.2	De espinhas no rosto	79
6.3	Da vida universitária	81
6.3.1	Do estágio	82
6.4	Do prazer/desprazer de ser-tornar-se professora	83
6.4.1	Do desenvolvimento pessoal e profissional	86
6.4.2	Da vida, que emergiram na pele em forma de tatuagens.....	88
6.4.2.1	Da diferenciação.....	91
6.4.2.2	Da ousadia e da fuga do padrão. Tatuagem para quem?.....	92
6.5	Das tatuagens de hoje.....	94
6.5.1	Do trânsito entre o desejado e o vivido.....	107
6.5.2	De pele tatuada.....	116
7	INTENSIFICANDO AS CORES DA TATUAGEM.....	125
7.1	“Por que eu preciso das tatuagens?”.....	139
8	ALGUMAS PALAVRAS.....	143
	REFERÊNCIAS.....	147

1 APRESENTAÇÃO

*Então me diz qual é a graça
De já saber o fim da estrada,
Quando se parte rumo ao nada?
(Paulinho Moska)*

O desenvolvimento de um estudo que busca a compreensão de algo, que parte de indagações e que está aberto às surpresas do que se mostra no caminho a ser, também, conhecido, não tem o traçado prévio, e abre-se à vinda do porvir, nas palavras de Larrosa (2004, p.30). “Não importa o quanto se tente em contrário, a vida se passa na companhia da incerteza” (BAUMAN, 2009, p.91). Isso, se, de um lado, confere liberdade ao escrever, de outro, faz desse processo que, neste caso, acontece também no tempo determinado de um curso de Mestrado, um constante conviver com a incerteza. E com as novas perguntas que vêm de mudanças, também do olhar de quem já não é mais a mesma que iniciou o caminho, até porque “estamos condenados ao pensamento incerto”, dizia Morin (2005), quando definia nosso pensamento como sendo trespassado de furos, sem ter nenhum fundamento absoluto de certeza. Mas, salientou ele: “somos capazes de pensar nestas condições dramáticas” (MORIN, 2007, p.69).

Isso porque vivemos em fluxos e, nesses contextos, vamos tecendo-nos com os fluxos de outros tantos que, também se compondo, experimentam o segredo do conviver. Tornamo-nos diferentes, mutantes no evoluir da textura que se forma e, em constante criação, transforma-se. Criadores de mundos e de corpos, é nos encontros – mas também nos encontrões – que vamos rasurando a figura que somos (ou éramos?) na constância da nossa recriação. Se rasurados, marcados, já outros? Inéditos, talvez estranhos na dinâmica das conexões que fazemos no tempo de nossa existência.

Trazemos, é sabido, muitas marcas no corpo, como as de nascença, as das doenças da infância, as marcas do tempo na pele. Também cicatrizes que, por existirem de forma visível, contam histórias de quedas, de cirurgias, de pequenos e grandes momentos vividos. E tantas outras marcas que vamos corporificando ao longo da vida que, se estão presentes na nossa memória, materializam afetos, emoções, aprendizagens. Tatuagens, marcas, cicatrizes; algumas, feridas abertas.

No entender de Morin (2007), deve-se buscar a complexidade lá onde ela parece em geral ausente, como, por exemplo, na vida cotidiana. Assim, penso que é

no cotidiano da docência que, professoras¹, desempenhamos um dos nossos grandes papéis sociais. Outros papéis são jogados, segundo o autor, conforme estejamos em casa, no trabalho, com amigos ou desconhecidos. Somos diversas, tanto na consideração de nossas idiossincrasias a refletir no coletivo da escola, como na assunção das diversas faces de nós mesmas.

E foi vivendo o e no cotidiano de uma vida de professora que pude entender a afirmativa de que pesquisas também nascem de algum desconforto ou insatisfação diante do que já se sabe ou de algo visto com olhar de estranhamento. Eu diria que foi o inesperado que me desacomodou. Morin (1999, p.27), alertou que “estamos num universo entregue ao ruído e num mundo que contém acontecimentos que somos incapazes de decifrar”.

Ao iniciar um novo ano letivo, estranhei o aumento do número de colegas, professoras, cujos corpos mostravam tatuagens. Acreditando, como Morin (2009), que *o novo brota sem parar*, e me sentindo como um Alberto Caieiro, num poema escrito em 1914, *nascida para a eterna novidade do mundo*, agora não sei dizer se as colegas já as exibiam e o reencontro, depois das férias, provocou que aquelas imagens tatuadas, quem sabe muitas vezes vistas, estivessem a mim se mostrando em estado de inédito, e quanto mais as percebia, mais delas queria me aproximar, refletir sobre elas, já que, de algum modo, elas me inquietavam.

O estranhamento vinha, talvez, de uma intuição. De haver, naquelas tatuagens, um universo de sentidos e significações que eu, naquele momento, ainda não podia estimar. Só mais tarde, entretanto, comecei a entender que eu, numa mescla de admiração e curiosidade, antevia enigmas a serem perscrutados. Admirava o fato de elas, ousadas, tatuarem-se. E intuía que, por existirem em corpos de mulheres professoras, aquelas imagens tatuadas mereciam ser olhadas com cuidado, destacadas da banalidade em que se tem constituído a tatuagem, presentemente.

E se as imagens, traços, grafismos suscitaram minha atenção, as professoras, suas “portadoras”, aquelas em cujos corpos as tatuagens cintilavam, também me mostravam, num pensamento nascente, que havia, no fato de tatuarem-se, com quaisquer que fossem as imagens, uma “desobediência”, uma “traição” à imagem

¹Peço licença para falar em professoras porque o universo escolar, especialmente no ensino fundamental é, majoritariamente, feminino. Além disso, é de onde sei falar em primeira pessoa.

socialmente construída sobre a professora. Professora e tatuagens, ícones, respectivamente, de retidão e marginalidade?

Sem se darem por isso, elas, porque tomadas pelo aspecto da vontade e ousadia de marcar o corpo e, em ato contínuo, de expor as marcas, reforçavam um assunto que está na ordem do dia, todos os dias: a (in)disciplina, que vem se constituído como tema do *cafezinho* ou da tese de doutoramento. Poucos a definem, e tem que ser afirmada para ser negada.

Afora o sistema militar e o carcerário, nas suas variações institucionais, quer me parecer que, somente no educacional, de forma tão ostensiva, a disciplina seja tão almejada, como, inclusive, condicionante da manutenção da vigência dos sistemas.

Tal aproximação não é infundada, pois há, ainda hoje, concepções sobre a atividade escolar e as relações que na escola se estabelecem, alicerçadas na certeza de ser lá um lugar de detenção e controle (E não somente de alunos!). Essa herança recebida pela escola no aspecto disciplinar é também presente na sua estrutura e funcionamento, fato percebido ao naturalizarmos termos como *grade* curricular, *carga-horária*, *disciplinas* e as relações hierárquicas, os treinamentos, as restrições de condutas, as filas, a massificação.

Não tenho, nos intentos deste ensaio, a disposição de discutir a disciplina no âmbito escolar. Devo dizer, no entanto, que foi andando pelos corredores de luzes e sombras da (in)disciplina que comecei a pensar os tempos e os espaços, os encontros e os laços que conservam e transformam a vida de professoras.

Para saber dessas vidas, considere viável, como um ponto de partida, a vivência, por elas mesmas, de uma leitura de si, na leitura das próprias tatuagens. Essas leituras emergiriam de conversas com seus caminhos, na abertura de suas caixinhas de memórias, de suas gavetas de guardados, para conhecer os riscos que rasgam, traçam e marcam o percurso que leva meninas a tornarem-se mulheres-professoras, de modo a entender como elas chegaram onde estão em suas vidas. Por que professoras tatuadas?

Não hesito em dizer que é com “professoras tatuadas” e não professores que me ocupo, porque foram elas, as colegas professoras tatuadas a me converter em pesquisadora. Nessa condição, e sem prescindir de que era com os sentidos afetados que o fazia, busquei saber seus modos de conceber suas tatuagens, os jeitos como organizam os signos, os valores que as facultaram a ser e mudar,

marcando o corpo a partir do que, de quem e do quanto amam. Elas, por terem experimentado o que significa marcar no corpo parte de sua história de vida, e eu por vislumbrar que teriam, para além das tatuagens, outras marcas, tão profundas e definitivas, que constituem sua subjetividade de mulheres e professoras.

Faz-se importante esclarecer que a tatuagem, nas minhas buscas, foi se facetando, e a tatuagem-marca de que falo pode ser uma inscrição, aquela marca perene, gravada na pele que carrega o desejo da conservação de memórias, histórias, culturas. Pode, entretanto, não ser algo estampado fora, na superfície do corpo, assim como a linguagem, para Maturana (1997, p.168), “não tem lugar no corpo (no sistema nervoso) dos seus participantes, mas no espaço de coordenações consensuais de conduta que se constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes.”; neste caso, não são imagens desenhadas no corpo, mas imagens tatuadas da memória dos afetos. Agora, é conveniente atualizar de que tatuagens tem se constituído o corpo de mulheres-professoras ao longo da história da docência, da qual somos, todas, oriundas.

Perdura, ainda nos dias atuais, traços da constituição familiar sacralizada no período patriarcal, baseada no autoritarismo exercido pela figura do pai, e não estão longe os efeitos de repressão sofridos pelas mulheres no transcurso da história, embora a *domesticação* da mulher tenha cedido espaço, já no século XIX, para nos restringirmos à sociedade brasileira, ao surgimento do proletariado, em decorrência das revoluções industrial e tecnológica, o que determinou a entrada da mulher no mercado de trabalho, o mesmo período em que foram criadas as primeiras escolas normais, as quais não escaparam do preconceito dos que não desejavam a profissionalização da mulher. Muitos, por tê-las como intelectualmente inferiores.

Se considerarmos essa uma realidade da transição do milênio anterior, o crescimento urbano, o avanço do capitalismo, a importação de costumes europeus impôs novos comportamentos em relação à mulher e, demais, a toda a sociedade que carecia ser educada. Apesar das ideias liberais em voga, as mulheres ainda eram preparadas para as prendas domésticas e para o casamento. Salvo raras exceções, elas não ocupavam outros lugares fora do confinamento doméstico.

Nessa função meramente voltada para o lar, a mulher deveria apresentar características como docilidade, gentileza, submissão, além de princípios morais e patrióticos. Tantas eram as qualidades da mulher-mãe-filha que cuida da casa, do pai e irmãos, do marido; que borda, pinta, costura, tudo feito com dedicação e

bondade, aliado ao fato de ser muito religiosa e desprovida de instintos sexuais, que muito bem serviam ao discurso higienista, como à Igreja Católica, responsável maior pela construção dessa imagem de mulher divinizada (dada por Deus).

Pois é essa mulher, dada a se conformar com sua condição de filha-mãe-esposa, essa doce e cuidadosa figura a eleita para iniciar o processo de escolarização dos filhos homens que necessitavam da instrução, afinal, os filhos moldam sua conduta aos sentimentos das mães; era necessário, agora, uma mulher 'educada' pela educação formal e também religiosa.

Ninguém melhor, pois, a iniciar, com a docilidade que lhe era natural, a docilização dos corpos, irônica expressão, tanto quando referida ao condicionamento da mulher ao cárcere doméstico quanto ao aniquilamento dos corpos na ação educativa.

Então, olhando-se para trás, lá onde inicia a escolarização da sociedade brasileira, vamos encontrar dóceis professoras se exercitando no que seria a maior e mais inquestionável herança que deixariam às "colegas" dos próximos séculos: a habilidade no disciplinamento dos corpos. Enquanto substanciavam o que se convencionou chamar de feminização da Educação, faziam da escola, hipoteticamente lugar para o conhecimento, lugar de ocultamentos, templos de grandes silêncios, quando o assunto é corpo, sexualidade.

Como não existe exercício de disciplinamento do corpo do outro que não passe pelo do próprio corpo, as professoras – e os professores – aprenderam a autodisciplinar seus corpos, por meio dos mesmos processos de ocultação da sexualidade que infligem, ainda hoje, aos alunos, ao que parece, sem conhecer que

do mesmo modo que na educação como negação do corpo é o próprio corpo negado aquele que diz os processos que conduziram a sua própria abolição, na educação como fabricação do corpo é o próprio corpo fabricado aquele que diz das técnicas e das práticas corporais que lhe produziram (LARROSA, 2004, p.173).

Em mais de duzentos anos, as mulheres, aos poucos, emanciparam-se da dominação da família patriarcal, onde não lhes era permitido realizar seus desejos sexuais e profissionais; conquistaram espaço indiscutível no mercado de trabalho; legitimaram outras formas de constituição familiar; conquistaram o direito ao uso da pílula anticoncepcional (e a toda liberdade sexual daí decorrente); tiveram o

reconhecimento de sua capacidade intelectual. E tantas outras conquistas pessoais somaram-se às coletivas.

Sendo a construção do corpo uma construção histórica, não é tarefa fácil compreender como, mesmo depois de tantas transformações políticas, econômicas, socioculturais por que passaram as sociedades que tiveram, na luta de mulheres, a sua emancipação, desde o modelo patriarcal até a contemporaneidade, a escola, *locus* de ação predominantemente feminina, ainda se sustenta na anulação do corpo.

Da mesma forma que a mulher-professora desenvolve a consciência de si própria e da sociedade em que vive, valoriza seus anseios, suas preocupações e desejos, e considerando que não mais vigoram dispositivos explícitos que impeçam a liberdade de expressão, assim como a mobilidade corporal, e historicamente essa mulher tenha buscado tomar o seu lugar na sociedade e no campo da produção cultural, entretanto as suas escolas, e especialmente suas salas de aula denunciam seu conformismo a uma abordagem de corporeidade que enfatiza o disciplinamento, tanto de seu corpo quanto de seus alunos. Seriam essas práticas o sintoma da ausência do que Maturana (2000) considerava respeito pelo outro ou uma conduta amorosa para com ele ou ela que, segundo o autor, só acontece se esse outro for visto e aceito, pois

...quando nos dirigimos a alguém, o fazemos de corpo inteiro: produz-se todo um envolvimento tátil, de cheiro, de calor do corpo, respiração, expressões faciais, olhares recíprocos, entonações que se entretecem às palavras que enunciamos, reafirmando-as, desmentindo-as, provocando-as, etc. Nossas palavras são enunciadas por um corpo que vê o outro, a quem se dirige, que apreende e significa suas expressões faciais, seus movimentos, seu jeito de olhar, que percebe sua respiração, seu odor, que é afetado por esse outro e que regula seus próprios dizeres – verbais e não verbais – pelos sentidos e significados em jogo nas condições sociais imediatas e mais amplas dessa interação (FONTANA, 2007, p. 02).

Nós, professoras, com o senso de disciplina internalizado, temos desempenhado esse papel feminino na educação, que foi sempre o de moldar condutas, controlar gestos, movimentos, enfim, o corpo todo. Por que ainda não conseguimos transpor essas limitações? Essa não é uma pergunta que me faço sozinha. Dowbor (2007), no livro *Quem educa marca o corpo do outro*, dizia que sempre se pergunta o porquê de nossa dificuldade de deixar nossos corpos fluírem livres e soltos. São as marcas, os corpos e também a linguagem, de um modo geral,

por seu caráter sempre insuficiente, impregnada da incompletude humana. “Ser humano es estar en un proceso de permanente reconocimiento de nuestras limitaciones, restricciones e imperfecciones” (ECHEVERRÍA, 1997, p.214-216).

Entretanto, é nesse contexto de disciplinamento de corpos que se gesta o seu contrário: não desconsiderando as inquietações anteriores, por um momento que seja, faz-se interessante pensar que, quando, em corpos tão silentes brincam e pousam criaturas aladas, entre borboletas, colibris, fadas e andorinhas; quando, em corpos tão inertes brotam flores, movem-se peixes, faíscam estrelas; quando, em corpos tão negados a pele é rasgada por serpentes e dragões; quando, enfim, a tatuagem reclama seu espaço de visibilidade, emerge o corpo, sua tela, sua teia, “da faísca do senciente-sensível” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17-18) e, talvez, assim, iluminada pela condição própria de corpos já não invisíveis, a história da docência se desacomode dos padrões que institui para fazer-se história, no andar de cada corpo tatuado-marcado que vai se contando e se reconstruindo nos seus tempos e cenários, todos carregados das inscrições de nossas experiências, produzindo novas marcas, novas inscrições, em constante devir.

Assim, no tempo de um olhar, na velocidade de um pensamento, uma perturbação se apresenta e a ideia se constitui: professoras tatuadas, que riscos são esses?

Aos moldes de Fernández (1994), apraz-me sugerir que a tatuagem desvela “a mulher escondida na professora”, por pensar com Larrosa (2004), para quem tanto o corpo (porque é linguagem) como a linguagem (porque é corpo), escapam ao seu controle pedagógico, porque corpo e linguagem são vivos, e mesmo corpos negados ou fabricados rebelam-se, assim como as linguagens. Por vivos, inventam-se, pois “se é verdade que toda novidade se manifesta como desvio e aparece frequentemente, ou como ameaça, ou como insanidade aos defensores das doutrinas e disciplinas estabelecidas” (MORIN, 2008, p.34), aí habita um desvio: na tatuagem que se mostra no corpo da professora, uma linguagem revelada – a indisciplina.

Se, portanto, dentre as mais amplas razões que eu teria para me ocupar da ideia de marcar e ser marcada, em momentos, desde os mais densos aos mais fugazes nas relações escolares cotidianas, é por considerar que à professora, contrariando aqueles que veem nossas atribuições como um fardo, como esforço, é dado mover-se em espaços de inegável sensualidade, por também serem as

professoras, na linha do que escreveram Maturana & Rezepka (2002), um animal sensual que vive espontaneamente no tocar e acariciar mútuo. Toda ação da professora é disparada pela vontade de atrair, pela intenção de provocar, de seduzir. Ouso dizer que jogos de sedução, mesmo quando negados, são as mais presentes estratégias profissionais na relação pedagógica. Esse jogo acontece, na opinião de Echeverría, em função do que temos a oferecer, e mais, do quanto nos sabemos sendo uma oferta para o outro:

Cada vez que logramos concitar en el otro el juicio de que somos una posibilidad para él, estamos en el juego de la seducción. Y podemos ser una posibilidad en términos de nuestras competencias profesionales, de nuestras interpretaciones sobre la vida, de que tenemos un producto que se hace cargo de sus inquietudes, etcétera (ECHEVERRÍA, 1997, p. 232-233).

Foram essas inquietações iniciais que me levaram à produção destas reflexões, que se deram, assim, de um estranhamento que, tornado incômodo, resultou em proximidade, de modo a poder refletir com e sobre ele. Lanço um olhar incomum às experiências da aprendizagem de meninas-mulheres tornarem-se professoras enquanto tatuam-se e com esta ação vinculam sua vida à profissão. Persegui, assim, as marcas “indeláveis” de modos de elas tornarem-se professoras, tornando-se, ao mesmo tempo, mulheres; e me pergunto se, ao tatuarem-se, carregam alguma intenção de romper, para si mesmas e para o contexto educacional, com a imagem desgastada de “professorinhas”. Ou seja, haveria alguma intenção das professoras que se tatuam em enfrentar ou transformar todo um conjunto de características tradicionalmente conservadoras da educação, das escolas e de seus sujeitos?

Além disso, haveria alguma aprendizagem específica que realizariam com essa ação? Quais os sentidos, as histórias e dimensões dessa aprendizagem? Ao colocar uma imagem e seus significados tatuados no corpo, há uma tentativa de produção de uma imagem de si, com o intuito de dar-se a ver, incitando, em quem vê, o desejo de mais ver? Mostrar-se na imagem de uma pessoa tatuada tornaria a professora uma outra pessoa, além de professora? Alcançaria uma mudança de perfil e contribuiria para uma redefinição da imagem de professora?

Estas e outras interrogações contextualizo no texto que segue, considerando sempre que, ao fazê-las, era também a mim que as fazia.

2 HISTÓRIAS MARCADAS

*As coisas do mundo
Vão se traduzindo
E o tempo é o vento
que vai conduzindo
(Renato Teixeira)*

2.1 Os primeiros traçados

Tem sido prática usual das administrações municipais de Santa Maria-RS reunirem todos os professores da rede num clube social, quando inicia um ano letivo. Principalmente em se tratando de uma primeira aproximação do novo grupo que assume a gestão municipal com o professorado, esse momento inicial é organizado pela Secretaria de Município da Educação.

O reencontro dos colegas costuma ser bastante festivo, abraçam-se, beijam-se, conversam, sorriem, tocam-se, olham-se. Tanta é a balbúrdia que, por vezes, até políticos e palestrantes convidados para essa abertura do ano letivo encontraram dificuldades de fazer seus pronunciamentos. Os professores querem conversar. Querem contar do descanso que tiveram, das férias, das viagens, dos êxitos dos filhos, dos namoros do verão, enfim, querem demonstrar o quanto os quarenta e cinco dias de férias lhes fez bem.

Também circulam assuntos referentes às escolas, à secretaria, à prefeitura, em conotações variadas de apreço, malícia, preocupação e desencanto. Novidades não faltam: as migrações de uma escola para outra, a nova cor do cabelo, o regime que deu ou não deu certo, o bronzeado, o namorado novo. Nos últimos anos, novos itens foram incluídos, como as “lipo”, os preenchimentos, o silicone. E um outro, que muito me chamou a atenção: a tatuagem, para mim, algo a saber.

Afetada, talvez, pelo impensado de imagens tatuadas em corpos de professoras ou imagens de professoras em e com corpos tatuados, que haviam, por assim dizer, me “escolhido”, coloquei-me a responder ao apelo dessa eleição, embora (ou mesmo) de modo errante, realizando conexões, exigindo do pensamento aberturas a (im)possibilidades. Nessa fase de passagem, duas tatuagens de colegas que estava conhecendo no início do ano em que iniciava o Mestrado chamaram muito minha atenção. Uma que, nas costas, ostentava *habeas corpus* e no antebraço, parte interna, o nome dos filhos. Senti aquilo como um grito:

Liberdade. Mas, como tudo no universo conhecido, pensar também é um processo complexo e, talvez por isso, logo em seguida me veio a dúvida: Será?

Além disso, o nome dos filhos no antebraço seria um modo de caracterizar, digamos, um abraço nos filhos? Soube por ela que estava em vias de separação e aquele era, já que estava registrado em seu corpo, realmente, seu grito de liberdade. De fato, logo em seguida, se libertou daquele casamento que a oprimia. Um grito que encontra, na música de Gonzaguinha, a sua referência poética:

Veja bem!
 Nosso caso
 É uma porta entreaberta
 E eu busquei
 A palavra mais certa
 Vê se entende
 O meu grito de alerta
 Veja bem!
 É o amor agitando o meu coração
 Há um lado carente
 Dizendo que sim
 E essa vida dá gente
 Gritando que não...
 (Gonzaguinha)

As tatuagens da outra colega não estavam, a princípio, expostas, pois ela as tem nas costas. A mais visível, porque é uma inscrição de ombro a ombro, enxerguei-a parcialmente e quis saber do que se tratava: *Deus, fazei-me instrumento de vossa paz!* Logo abaixo da frase, traz a pomba do espírito santo e, mais abaixo, uma cruz e mãos postas, segurando um rosário. Senti ali toda a religiosidade, e quando fui saber com ela de suas razões para tatuar aquela frase bíblica e as imagens também referentes à religiosidade, falou-me das buscas que já havia feito no sentido de se achar em algo superior; os caminhos que percorreu tentando pertencimento em seitas, cultos, religiões, quando, voltando-se para si mesma, percebeu que sempre esteve no que considerou o melhor caminho, o seu catolicismo. Foi assim que resolveu manifestar no único lugar somente seu, sua pele. Com o tempo, fez outras tatuagens como enfeite, segundo ela: um ramo de rosas no pé, o nome dos filhos no peito. Decifrações que não escaparam a Caetano Veloso:

Deus deseja que a tua doçura
 Que também é a dele
 Se revele, mais pura, na tua pele
 Mensagem da rosa, enfim decifrada
 (Caetano Veloso)

Passei a perguntar mais sobre as razões que levavam as professoras a tatuarem-se. Encontrei as mais variadas respostas, e mesmo respeitando aquelas que insistem em dizer "tatuei um jacaré porque achei bonitinho", pude entender as tatuagens das minhas colegas como imagens que carregam impressões afetivas, marcas de uma história ou de muitas histórias de vida. Muitas já fizeram mais de uma. Esse pensamento alinha-se com o de Scheiner (2006) em cuja dissertação assegurou ser o corpo humano um dos espaços primordiais utilizados para a impressão e a narração de sentido. Explica ainda que o uso do corpo foi importante, em todos os tempos, como instrumento simbólico e narrativa cultural.

Na pesquisa realizada por Marcelino (2007), na qual analisou a tatuagem "à luz da análise do discurso", consta que é da tradição da tatuagem ela conferir ao corpo que a ostenta o desejo de mostrar-se com a(s) qualidade(s) que a imagem escolhida lhes sugere: força, beleza, coragem, leveza, romantismo, magia entre outras tantas. Se visto pelo lado da vaidade, tem-se da pessoa tatuada a imagem de alguém que "busca colocar algo belo na pele", diz o pesquisador.

Meu interesse inicial era restrito aos sentidos atribuídos às tatuagens nos seus corpos, pelas professoras. Pelo fato de que, além de curiosidade, não ter compreensões relativas ao que leva pessoas a se tatuarem, busquei, num primeiro momento, conversar com professoras tatuadas sobre os sentidos que elas atribuíam aos seus corpos e as suas tatuagens. O interesse em conversar com elas sobre este assunto advinha, também, de uma suspeita inicial de poder haver elos em comum entre a tatuagem e a docência, o que, bem sei, permaneceria como uma idéia de alguém com uma natureza imaginativa, se não tivesse dado vazão a essa associação de coisas, assumindo o que possa haver de incomum neste movimento que proponha.

Sem imaginação, dizia Dowbor (2007), a capacidade de sonhar roda ladeira abaixo sem nada que a detenha para lhe dar forma. Sem imaginação, não conseguimos nos colocar no lugar do outro para ousar sentir o que ele sente, para ousar trocar de lugar com ele. Sem imaginação, nossa capacidade de brincar, de olhar, de sentir, fica limitada e perde a capacidade de alçar voo. Só vemos o que é possível ver; o interessante é poder ver o que não dá para ser visto.

Conversei, não só com colegas próximas, mas também, e por vezes, de forma que me pareceu muito sincera e espontânea, com algumas professoras participantes

de duas comunidades do *Orkut*, **Professores Tatuados** e **Professoras Tatuadas**, todas residentes em diferentes estados do país. Pela forma como se identificavam ao entrarem nas comunidades, fiz o primeiro contato, via *Orkut*, com elas, deixando meu *MSN* para que me retornassem, se interessadas em conversar comigo sobre tatuagens.

Eu queria saber que tatuagens as professoras mostravam, o que essas imagens tinham a ver com elas, especialmente com a sua história de professoras. Pelos detalhes verbalizados, são rosas, estrelas, borboletas, peixes, inscrições em inúmeros idiomas, algumas dando vida ao latim, ao sânscrito. Seus corpos apresentam, alguns em preto e branco, outros em vivas cores, pensamentos que explicitam desejos e outros que necessitam de melhores explicações.

Ao longo das conversas, percebi que havia algo mais que imagens desenhadas na pele. Presentes nos relatos sobre a escolha das imagens, das cores, dos lugares do corpo, a história, o momento vivido que determinam essas escolhas. Datas que não podem passar sem registro, fatos marcantes na vida, como nascimento dos filhos, mudanças que necessitaram de coragem, amores que ficariam para sempre, separações, alegrias e sofrimentos e, em muitas, a certeza de que, somente tatuados, seus corpos figuram como imagens de sua subjetividade, possuem uma marca própria ou, conforme Leitão (2004) apresentou a tatuagem: “um sinal de nascença escolhido”. Pires (2005), autora do livro *O corpo como suporte da arte*, salientou que a história do indivíduo é contada pelo corpo, e não só quando evidencia o processo de envelhecimentos nas rugas e nas marcas adquiridas, mas também pelos fatos que esse indivíduo quer que, deliberadamente, fiquem registradas no seu corpo, como narrativas de si, que ajudam a construir universos de sentidos e significações, na construção da cultura e de quem somos: Tatuagens como linguagem.

2.2 A emergência das marcas

Ao mesmo tempo em que, sinceramente, me interessava em compreender o que as imagens significavam, algumas questões, como agulhas prestes a marcar a pele, inquietavam-me: O que importa aos outros saberem da opressão de um relacionamento que resultou em libertação? De onde vem a importância do olhar do outro na afirmação da fé que para sempre estará estampada na pele? A importância

do olhar do outro estaria na possibilidade de que ele produza uma outra imagem que possa ser tomada como própria? Penso que deva existir algum tipo de prazer ao sentir que o olhar do outro produz também um outro, diferente do anterior, não-tatuado, e dos outros, mas na singularidade desejada. Na avaliação de Ana Costa (2005, p.09-10), “ele (o olhar) não vem somente de fora, mas é aquele que nos produz a experiência de sermos olhados como um objeto diferenciado de outros, arrancados da *planitude* da imagem.” A psicanalista complementa que isso que se arranca de lá onde estávamos entre outros, produz, ao mesmo tempo, dor e prazer. “O vazio do lugar de nosso ser-objeto insiste em se fazer traçar de nossa pele, para que dele possamos constituir memórias, identidades, taxonomias, narrativas de fatos, ou mesmo geografias”.

Na relação tatuado-tatuador, o tatuador, até pelo fato de sua arte² ser impregnada da contemporaneidade, segue modelos, observa tendências, e mesmo importa e desenvolve técnicas, dada a concorrência que, de certa forma, impõe que ambientes e métodos sejam os mais assépticos como também o produto final, a tatuagem possa (e)levar o nome do tatuador. As imagens, cores, luzes com que ele pode tocar/marcar/mudar/criar o corpo/mundo de alguém são os próprios desejos (de dor e gozo) que nascem do corpo, da sua fragmentariedade e incompletude que requerem que o tatuador aí *acrescente* essa outra natureza, que satisfaça esse desejo de preenchimento, talvez, de uma ausência. Na opinião de Pires (2005), são próprias do humano a capacidade de retirar do inconsciente desejos recalçados e transformá-los em adornos, assim como a de qualificar qualquer objeto como símbolo de proteção, de complementaridade. Desenhos perenes que parecem assegurar o domínio e posse sobre o próprio corpo.

Mostrar-se na imagem de uma pessoa tatuada tornaria a professora uma outra pessoa, além de professora? Alcançaria a mudança de perfil e contribuiria para uma redefinição da imagem de professora? Arroyo (2007) comentou que a história das últimas décadas tem se caracterizado por tentativas de redefinição do imaginário relativo à professora, no intento da criação de outra cultura, para, assim, mostrar outro perfil. Seria produzir o que ele chama de “uma nova presença”, marcada por gestos pensados para chocar, desestabilizar o imaginário de professora primária, de mulher bondosa, terna, cuidadosa. “Reconhecer esse traços para redefini-los em

² Assim considero a tatuagem no desenvolvimento deste estudo.

outros valores e outras culturas é um ponto de partida” (ARROYO, 2007, p. 35) Pode ser a tatuagem esse ponto de partida a que Arroyo se refere?

Na busca dos sentidos do corpo tatuado, numa das referidas conversas *online*, *ouvi* a expressão: “... eu tinha que marcar a pele porque a alma já estava marcada...” A jovem professora que disse isso relatava a dor de uma injustiça, a dor de ter sido traída por pessoas de sua família. A tatuagem de um coração sangrando, atravessado por um punhal seria a forma de inscrição da memória do sofrimento por eles causados. Era uma forma de lembrá-los e de gritar a culpa que a essas pessoas imputava.

Pensei muito sobre essa tendência de atribuímos à alma esse lugar de nos sentirmos marcados, como se a alma fosse algo mais profundo e aquilo que nos marca não seja sentido no corpo sem o devido registro, a ‘concretude do gesto’, segundo Norbert (1994), citado por Sennet (2009)³. Como se a alma, sentindo-se aprisionada no interior dos seus corpos necessitasse de uma marca, precisasse impingir na superfície um sinal de sua existência, o que se realizaria com o oferecimento, para uma visão exterior de algo seu que seria, normalmente, íntimo. Maturana e Rezepka (2000) escreveram que, na unidade corpo e alma, a negação do corpo é a negação da alma e que o contato com a alma é contato com o corpo, embora esse contato pareça ser completamente abstrato. É um movimento que pode ser compreendido como um ‘vestir a alma do lado avesso’, conforme me foi dito em uma das muitas conversas que tive sobre o assunto. Isso, no intento de externalizar o que, sem o registro na pele, as pessoas não veriam.

Passando os olhos pelas fotos publicadas no *Orkut* pela professora acima citada, detive-me na que mostrava sua principal tatuagem, dentre as quinze que já fez. Lembrei de Frida Kahlo, pintora mexicana que, visceralmente retratada nos quadros que pintava, expunha seu rosto e corpo em dor. Produziu sua arte dando significado às dores causadas por doenças da infância, acidentes, amputações, abortos, mas também por traições do marido. Na arte, as marcas da dor. Pois se assim não fosse, não teríamos um Iberê Camargo a dizer que pinta porque a vida dói! Entretanto, a tatuagem é arte que se produz com o corpo, no corpo, na pele, sobre o corpo, permanecendo no corpo, diferentemente da pintura, que permanece em interações nas telas, nas paredes etc.

³ NORBERT, 1994 apud SENNET, 2009.

Como no momento em que conversava com as professoras que, gentilmente, se dispuseram a trocar ideias comigo em meio digital não tinha a pretensão de conhecê-las em maior profundidade, sobraram-me perguntas quanto aos sentidos dos seus corpos tatuados: seria para que seus desenhos internos neles se revelem, ao oferecerem ao olhar do outro sua experiência vivida? Ou seria para que, nas imagens se ocultem, de forma que a tatuagem, ao capturar os olhares alheios, não lhes possa desvelar a alma? Talvez seja, entre outras, também essas duas possibilidades.

Das conversas com essas professoras ficaram-me muitas marcas, algumas somente sentidas mais tarde, quando parava para pensar nos sentidos de suas tatuagens, na teia de emoções e significados que produzem essas imagens em seus corpos.

Braz (2006), num estudo antropológico preocupado mais amplamente em interpretar o significado atribuído ao corpo, à estética e à dor, levando em conta as possíveis interconexões entre o corpo modificado e a experiência do prazer, do erótico em práticas de modificações corporais, entre as quais a tatuagem, percebeu a efetivação de um discurso que enxerga nessas práticas um meio da conformação de projetos corporais individuais, salientando, porém, a potencialidade subversiva dessas mesmas práticas corporais.

Passei a me perguntar se as tatuagens que marcam a pele das professoras, e toda a carga semântica que denunciam, por um lado, anunciam visibilidade às vaidades e podem, portanto, ser verbalizadas; por outro lado, não estão, também, encobrendo razões inconscientes? E não seriam os corpos tatuados, como qualidade de coisas visuais, na possibilidade de serem apreendidos pelo olhar do outro, uma forma de orientar a visão para que nesses corpos adentre? Manipulações de olhares sensibilizados?

A busca por respostas, ao invés de tranquilizar-me, tatuava meus pensamentos com desejos, transgressões, tradições conservadas, sedução, identidades. Eu, tentando antever a história dos significados das tatuagens, terei desejado tatuar-me? Ou, quem sabe, porque as percebi como Merleau-Ponty (1971, p.81), para quem "ver é entrar num universo de seres que se *mostram*, e não se mostrariam se não pudessem se esconder uns atrás dos outros ou atrás de mim", fiquei a desvendar enigmas e, nesse ato de metafórica cumplicidade, fui tatuada? Mas por que eu deveria tatuar-me? Por que as professoras estão se tatuando?

Paradoxalmente e à medida que avançava nos questionamentos e em algumas compreensões do tema, já não era possível olhar a palavra tatuagem sem que ela se multiplicasse em outras perspectivas. Aos poucos a palavra “marca(s)” passou a ocupar meu pensamento, que se volta para as formas que professoras encontram para viver a docência, considerando que os espaços de atuação são importantes espaços de inscrição dos corpos, que se tornam marcas da memória, lembrança de encontros no mundo, como nos confidenciou Prado (1991, p.101-102): “O que a memória ama fica eterno”. Novos rumos, novas agulhas, novas tintas.

Nesse caminho, a tatuagem mostrou-se a mim em multiplicidade de cores e atravessamentos, por isso também passei a espiar sob suas latências, e penso que as marcas impressas no corpo por agulhas ou pela experiência são fendas por onde escapam as crenças que mulheres professoras trazem de um estilo de ser e os desejos que ‘marcam’ o jeito que elas encontram para inventarem a si mesmas, a seus corpos como construção sensível que, entre outras potencialidades, atestam o estar em relações, na convivência com o outro e consigo mesmas. Maturana e Rezepla escreveram que “o mundo que se vive sempre é e surge como uma expansão multidimensional da própria corporalidade, e vai mudando com a mudança de corporalidade que se produz no viver” (MATURANA; REZEPKA, 2000, p.35). Para Portinari (2002), tal incompletude é marca constitutiva da própria corporalidade, o que nos faz pensar que nossos corpos são sempre alheios. Disse ela que, aliás, nossos corpos não são tão nossos assim. É o constante trabalho de apropriar-se, habitar, incorporar, tornar nosso o corpo próprio, um trabalho que se inicia na primeira infância e desdobra-se nas infinitas vicissitudes de um processo que só termina na morte.

Na mesma linha, mais voltado ao ser que se sabe inacabado também diante dos seus saberes e não-saberes, Paulo Freire via na consciência dessa condição a abertura aos outros, à reflexão, um caminho para o conhecer e presume que seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. “O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão do impulso natural da incompletude” (FREIRE, 1996, p.153).

2.3 Marcas em mim

Na banca de qualificação do projeto de pesquisa que deu origem a este ensaio, a professora Marilda Oliveira de Oliveira⁴ reclamou a ausência de minhas marcas, razão de sua curiosidade em saber ‘quem é a Sandra’, ‘quais são as suas tatuagens corporais’, com o que concordo plenamente.

As marcas deixadas, sejam por amor, corte ou tatuagem, ficam para sempre. São bem mais que verdades. Fazem parte da alma da gente assim como os olhos enfeitam o rosto. Assim como a história ou como a chuva. As marcas que ficam na gente são aquilo que esquecemos e aquilo que somos para sempre (MOOJEN, 2000, p. 9).

Ao explicar como, de um interesse pelos sentidos que as imagens marcadas no corpo conferiam àquelas professoras que as portavam passei a me ocupar, também, das experiências de quem se deixa tatuar nas relações afetivas, no movimento dos corpos envolvidos na ação docente, fui econômica comigo mesma. Isso, no sentido de não ter me denunciado, não ter exposto *minha pele tatuada*, a pele de alguém que tem um orgulho quando relê o texto que vem escrevendo há mais de vinte anos de trabalho (Trabalho? Não foi só isso...!) com alunos e com colegas, professores, em escolas municipais e no Núcleo de Tecnologia Educacional – NTEM, de Santa Maria-RS.

Quando iniciei no magistério, apostava que não pertenceria a esse mundo por mais de dez anos. Tudo muito estranho, acrescido do fato de que Escola era a *praia* da minha mãe. Intimamente eu negava a idéia de sermos *colegas*. Devido a isso, aceitei fazer concurso para outra rede de ensino. Eu disse: aceitei. E foi isso mesmo. Assim como havia *topado* prestar concurso vestibular para Letras, por condução de minha mãe. Na minha adolescência eu sabia que ia ser jornalista, mas prestei vestibular para Medicina e para Letras.

No início, foi duro eu ter que acordar ao meio dia para dar aula às treze e trinta. Meu pai tinha que colocar um relógio daqueles antigos, barulhentos dentro de uma panela velha para eu despertar. Do contrário, eu não acordava. E eu já tinha vinte e

⁴ Profª Drª Marilda Oliveira de Oliveira - Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM).

oito anos, idade em que muitas colegas já comemoravam sua primeira década de trabalho. Essa era eu. Imatura, rebelde... e professora.

Alunos... e eu lá. De calça puída e alpargatas. (*Mas o perfume é francês, viu, mãe!*) O cabelo era uma juba. Sentava nas classes, coisa que não podia, ou íamos para o pátio, lá embaixo das árvores que hoje não existem mais. Eu e os alunos falávamos da vida, de poesia e sonhos. Em pouco tempo conhecia-lhes medos, segredos, desejos. Projetos, jornal, teatro, música! Lembro do dia em que rompi com aquela professora de português, fabricada nos ditames da gramática normativa em que eu, se não refletisse a tempo, iria me constituir. Eu estava tentando fazer com que os alunos entendessem a diferença entre verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto. Foi num lampejo, quando me virei para esclarecer sobre uma letra, que olhei para os alunos de 6ª série, entre dez e doze anos de idade. Parei e muitas perguntas me inquietaram: Que importância tem, para esses corpos ávidos por movimento e descobertas, ficar sentados, copiando, e saber a regência de um verbo? Eu estou dando aula reproduzindo minhas professoras e as professoras delas? Devo continuar só a ensinar somente gramática ou buscar novos rumos?

Para mim, foi muito importante, bem cedo, não me ver nesse estereótipo de professora de português, e assumir o esforço de romper com a estrutura fechada da escola. Tive que aprender, também, a enfrentar os percalços advindos de uma prática pouco convencional.

Durante os próximos nove anos estive numa função que me oportunizou conhecer um pouco mais os colegas professores de grande parte das escolas que iniciavam a se informatizar. Foi um aprendizado sem igual, pois estava, junto a um grupo de colegas, na condição de quem tem que preparar/capacitar/formar/orientar os colegas para se envolverem com os recursos tecnológicos que as escolas passaram a receber do Governo Federal.

E quem eram os colegas? Múltiplos. Mas únicos. Cada um com suas maneiras de ver a escola e a si mesmos no processo sem volta de informatização da sociedade. Uns desejando pertença no novo panorama tecnológico, outros clamando pela compreensão dos demais por não se sentirem capazes de novas aprendizagens. E para todos, e para cada um, eu tinha que ser única. Portanto múltipla. Lembro do desequilíbrio de uma colega, quando, estando eu em reunião noutro lugar, cheguei um pouco atrasada ao primeiro dia de um curso que preparamos para professores que nunca haviam sentado diante de um computador.

Ansiosos, frágeis e despreparados para tanta exposição da própria ignorância. Ela, no último computador, chorava baixinho, abraçada a um livrinho de salmos. Quando me aproximei, chorou alto, gritou, dizendo que estava se sentindo uma alienígena, uma dinossaura excluída, que agora tinha a exata compreensão do que é ser um aluno excluído, pois era assim que ela se sentia, quando todos já conseguiram *mexer, fazer coisas*, ninguém disse a ela o que era para fazer (A ideia era essa, mesmo!).

Naquela sala, ela já não estava se sentindo bem. Convidei-a para irmos para a outra sala, onde não havia ninguém e expliquei do que se tratava a dinâmica do curso. Lá, diante do computador, acalmaram-se as lágrimas e, aos poucos ela foi perguntando, respondendo minhas questões e saiu dali, feliz como criança, depois de ter digitado um dos seus salmos prediletos. Ao lado, inseriu uma rosa. Quando se despediu, novas lágrimas. Abraçada a mim, disse que recebeu a mais bela aula de pedagogia. Disse que, a partir daquele momento, seria outra professora. Lembrou de um 'aluninho' seu, com sérias dificuldades de aprendizagem, mas que, como tem outros vinte e seis alunos, achava que não podia fazer nada por ele. Disse que jamais esqueceria desse dia em que a peguei pela mão...

Num outro momento, num final de curso, estávamos todos avaliando a formação, ponderando expectativas com avanços e desencantos. Uma colega disse: *Bem, vocês todos falaram muito bem, eu concordo com os elogios a nossas profes (não gosto muito disso), mas uma coisa que eu ganhei da Sandra neste curso foi minha mudança de categoria. Lembro dela me dizendo: mostra para os teus anjos (seus filhos) que ninguém vai estragar o computador se tocar nele. E muito menos tu. Continuou: Agora já não sou mais a "flanelinha" inconveniente daquele computador que eu comprei e estou pagando, viu...? Agora aqueles ingratos têm que ler no quadro dos meus horários qual será o deles. Agora entrei na briga pelo computador. E com vantagem.*

Estando ainda nesse ambiente só para professores, no ano de 2008, desejei dividir-me entre a atuação no NTE e aulas de português numa escola. Estava na hora de colocar em prática o que, em teoria, eu orientava que os colegas fizessem.

Voltando à sala de aula, novamente me vi na condição de quem tem que conquistar espaço em meio às concepções que consideram a escola lugar de silêncios. Da mesma forma que toques de corpos, beijos são considerados comportamentos *não adequados* no espaço escolar; o anseio, a curiosidade, a

vontade de desmanchar para descobrir o que tem dentro também são aos poucos freados nos alunos; a voz, o corpo, a expressão, o arroubo acautelados. Devem falar quando solicitados. Pouco importa se essa voz silenciada é um corpo que já não fala. Onde ficam o desejo e a imaginação?

Voltei a me deparar com a exigência de que, como professora, “colaborasse” para que fossem mantidos os sentidos disciplinados, aniquilados, controlados durante a aula: controle da atenção, dos movimentos (exercício para permanecer sentado durante todo o período de aula e não desejar sair no intervalo), controle da escrita, da fala. Seria como me contentar a ter alunos como meros ouvintes. E eu que os queria, mais do que nunca, falantes, escreventes, produtores das mídias que os têm, e, em geral, a todos nós, reduzido a receptores, passivos na sua natureza acrílica, portanto reféns.

Mesmo que, entre os colegas, alguns me chamassem a atenção pela forma parceira com que se relacionavam com os alunos; mesmo que houvesse projetos que privilegiavam o envolvimento, a participação dos alunos, havia consensos de que, ainda, mantê-los sob vigilância e contidos era a melhor forma de “domínio de classe”. Tive que reconhecer – e lamentar – que toda essa aquietação de sentidos parte de uma voz de professor(a), uma voz para a qual Maturana e Rezepka (2000) lembram que “nós nos acariciamos ou nos ferimos com as palavras, nos acolhemos ou rechaçamos a partir da emoção, porque tocamos mutuamente os corpos, mesmo sem tocá-los” (p.42).

Minha conduta em não corresponder ao o que é esperado de uma aula de português, principalmente porque é instituída a concepção de que escola boa é escola silenciosa, na qual todos os alunos estão, comportadamente, guardados em suas salas. Levei para a minha prática o desafio de produzir materiais midiáticos, nas mais diversas linguagens. Acredito que, com relativo êxito, dada a qualidade reflexiva e argumentativa alcançada pelos alunos, que me surpreenderam (e muito a si próprios) com seus posicionamentos críticos em relação aos textos, aos discursos circulantes na mídia comercial, ao desmontar esses textos para compreender de que maneira foram construídos os sentidos, desvendando a intenção do autor ao escolher a forma de escrita, ou seja, entendendo como o texto foi elaborado. O mesmo acontecendo com a imagem, a luz, os personagens, os cenários, em atividades de desconstrução e construção de texto e vídeo a partir de produções em audiovisual: do campo publicitário, e não só os publicados na televisão e na internet,

mas também os veiculados em revistas, no rádio e no jornal; do campo literário (história em quadrinhos, radionovela, fotonovela, telenovela, trabalhadas a partir do gênero conto) e do jornalístico (editoriais, crônicas, reportagens, documentários, programas de rádio, telejornal).

A cada atividade que realizávamos, eu me encantava com a autoconfiança crescente entre os meninos e meninas da escola. Em pouco tempo eu já dispunha de monitores, o que facilitava meu movimento nesse contexto que envolvia toda uma organização da escola. As fotonovelas contaram com toda a equipe diretiva e funcionários da escola, atuando como atores. As telenovelas, embora alguns transtornos ocorridos, pois foram gravadas em meio aos barulhos da escola, usando os recursos da máquina fotográfica digital, fizeram tão bem a quem escreveu, roteirizou e encenou (alunos do 9º ano), que eles pareciam nem perceber as inadequações. Depois de editadas, exibíamos para professores e colegas de outras turmas. Viam-se como atores, riam a cada cena. Também se encantavam quando ficavam sabendo que outros colegas, em outras escolas assistiram a suas produções.

Quando, em um desses momentos, em que apresentávamos as fotonovelas e ouvíamos um programa de rádio, me distanciei para refletir sobre o que estava acontecendo, sobre o quanto se tornou importante para aqueles alunos a exposição de seus textos, de sua imagem, em foto e vídeo, o quanto vibravam com a escuta da própria voz. Emocionada, chorei. Eles perceberam e a *aula* terminou num grande abraço, com muitas lágrimas de contentamento.

Senti-los produtores, criadores do próprio mundo, realizando e realizando-se, expondo-se, desafiando timidez e inexperiência, era o que me dava a confiança para não desistir daquela proposta de trabalho, pois muitos foram os apelos para que *desse aulas mais normais*. Apelos, inclusive, de alunos. Cedi em alguns momentos. Embora soubesse do conteúdo gramatical que se ocultava em cada atividade, sei o quanto, para pais e professores, é importante ver os cadernos abarrotados de *atividades de português*, como me sugeriam alguns.

Ao final do ano, foram infindáveis as formas de agradecimento, quer verbalizadas, quer escritas em depoimentos, cartõezinhos que recebi dos meninos e meninas daquelas turmas de nono ano, por ter acreditado neles, pelo carinho, pelas nossas conversas. Uma menina disse: *Professora, já sei o que vou fazer. Vou ser jornalista. Quero continuar escrevendo*. Um menino afirmou: *A senhora é mesmo*

uma jornalista frustrada, mas eu tenho certeza que é uma professora muito realizada. To certo?

Não tinha a intenção de me expandir no contar de minhas vivências, se não para, também eu, lembrar tantos momentos, tantas pessoas que ficaram aderidos a mim. Penso ser essa *escrita de mim* que me autoriza a tematizar sobre as marcas de que somos constituídos, como atores e autores de nossa trajetória e, assim, produtos e produtores da dessa sociedade que, por sua vez, imprime em nós suas marcas, assim como temos talhadas as marcas da história e da cultura.

3 TATTOO COMO LINGUAGEM

Tatuagens, para mim, são riscos, rabiscos... são marcas de amor maternal, afetivo e efetivo... amor sensual... amor por um espaço passado, presente que se projeta no futuro próximo ou distante. Tatuagens são escolhas sensíveis e representativas de tempos vindos, que marcam nossa passagem por este astral.

*Tatuagens... minhas... são fragmentos... mosaicos de felicidade... Minhas estrelas que são guias coloridas... representam minhas crenças... O azul do céu e a paz... O verde das matas... esperanças e saúde. O amarelo da energia do sol brilhante e o vermelho aguerrido, dando força e coragem para vencer obstáculos do cotidiano... Minha fada pequenina, com a magia da maternidade, representando minhas filhas... bem-querer infinito que marca em minha pele o que já está marcado em minha alma, em meu coração... Tatuagens... são instantes de coragem de alguém que, como eu... já na idade madura se conecta com arroubos de adolescência... É o meu momento de envelhecimento.
(Vera Lúcia Lucena)⁵*

3.1 Na leitura de corpos tatuados

Minha avó, que era amante e colecionadora de pedras, possuía um broche com um topázio em moldura dourada, usado em lapelas, lenços, blusas, com muita elegância. Quando faleceu meu avô, tivemos que escolher uma foto para a lápide. Essas fotos são impressas num material que aparenta ser uma louça ou uma pedra vitrificada. Ela desejou ter uma foto igual, porém reduzida, no mesmo formato de sua pedra. Assim que o joalheiro substituiu o topázio pela foto, passou a usar o novo broche, um emblema da lembrança, um distintivo da presença dele nela. E quando perguntavam sobre a foto, longas e emocionadas eram as falas que contavam da vida dos dois e da saudade que sentia. Se antes a pedra era usada como enfeite, a pedra com a foto não mais saiu de suas roupas, sóbrias pela viuvez, quaisquer que fossem.

Num programa voltado ao turismo, a que eu assistia na TV, era apresentado um panorama de cidades espanholas. Pitorescas, históricas, folclóricas, urbanas, características de cidades onde convivem costumes contemporâneos, avançados e conservadores, arquitetura da urbanidade atual vizinha da medieval. Numa dessas cidades, populosa, mediterrânea, a repórter deteve-se a conversar com moradores que comentavam ser o seu bairro um dos “adotados” por casas noturnas, bares, festas, acontecendo constante movimento e barulho de “tribos urbanas” de todas as espécies. As ruas, calçadas, praças, segundo entrevistados, são tomadas nas madrugadas. As residências, quase todas em prédios de apartamentos não muito

⁵ Professora Orientadora Educacional das redes estadual, municipal e particular de Santa Maria-RS.

altos, rentes às calçadas, chamaram a atenção da repórter, quando caminhava, mostrando as ruas, pela quantidade de faixas colocadas nas sacadas, nas janelas dos apartamentos, escritas em seu idioma, o catalão. Na tradução de uma moradora, algumas faixas afirmavam ali se tratar de um lar, outras repudiavam o ruído, a impossibilidade de terem uma noite de sono, a prostituição, o fato de sentirem-se presos dentro de casa, pois o bairro tornou-se marginal, “apartado”.

Em outra reportagem, era apresentado um grupo de *skatistas*, que falavam das dificuldades que a cidade impunha à prática do esporte, não comportado pela arquitetura, mas também não havendo lugar apropriado para eles. Embora o *skatismo* seja esporte individual, seus adeptos acabam por se unirem em grupos bastante fortalecidos, mas estigmatizados. Na referida reportagem, o grupo de rapazes, unidos também para “brigarem” com o poder público por espaço na cidade, têm um nome, uma identidade que fazem questão de salientar. Um dos integrantes, questionado sobre o que o grupo significava para ele, levanta a manga da camiseta e mostra o nome do grupo tatuado no braço.

Em que termos dialogam minha avó, os moradores da cidade espanhola e o *skatista* tatuado? Ou o que têm em comum a saudade da minha avó, a intranquilidade dos moradores da cidade espanhola e a “tribalidade” do *skatista*? Ou, ainda, o que aproxima o broche da roupa de minha avó, as fachadas dos apartamentos da cidade espanhola e a pele do *skatista*?

Refletir acerca das três referências acima implica pensar nos indivíduos, nos seus modos de narrar(-se) e nos espaços em que se dá sua abertura de mundo, fronteiras por onde se exteriorizam e podem tornar presente a alguém para sempre ausente, no portar de sua fotografia; tornar visíveis e legíveis, tanto, sentimentos de repúdio e indignação quanto de pertença, na escritura em uma fachada de prédio ou em um corpo. São artefatos que revelam também onde – em que suporte, em que meios – as linguagens se articulam, tendendo a uma compreensão de si por si e pelo outro, um outro que há de ler o que se dá a ler.

Sem deixar de reconhecer que é uma ousadia, sinto-me tentada a *brincar* com as palavras linguagem e tatuagem, parafraseando Merleau-Ponty (1989): ...muito mais que um meio, a *tatuagem* é algo como um ser e por isso pode tão bem trazer-

nos alguém à presença⁶. Seria outra coisa, senão *presentificar* o marido e o grupo, o que minha avó e o *skatista* intentavam fazer?

Percebo que as leituras que fazemos das tatuagens, acerca delas e com elas, muitas vezes, guardam uma proximidade com as que fazemos das fotografias, assim como com aquelas dos escritos em lugares públicos. Sem atribuir a essas leituras algum juízo de valor, procuro focar, agora, meu olhar apenas na tatuagem. Antes, porém, explico que a leitura que faço de uma fotografia sempre aderida a todas as roupas (como se impressa estivesse em cada uma) não é menos tatuagem que o nome do grupo impresso no corpo do *skatista*. Elas figuram, para mim, indistintamente, como tatuagens, e as faixas escritas (ou inscritas), como grafites nas paredes. O broche, ao se acoplar às roupas, as faixas às casas e a tatuagem à pele modificam o contexto narrativo anterior, conferindo a ele outra roupagem, outra forma, outras possibilidades de narração, de sentidos. Externalização de singularidades, delimitações e apropriações do próprio corpo, no espaço-tempo de narrar(-se), de estar em linguagens.

Voltando à reportagem, lembro-me do sorriso dado pelo rapaz, no momento em que desnudou a tatuagem, revelando sua *autografia*. Gesto com o qual parecia perguntar: *preciso ainda dizer mais alguma coisa?* Assim, a tatuagem é tomada por ele como a sua linguagem.

Se penso a tatuagem como uma linguagem, como um modo de narrar(-se), percebo que ela carrega um aspecto que a diferencia de outras linguagens, na medida em que evidencia, talvez de maneira mais direta, os vínculos entre corpo e linguagem: as demais permitem ao corpo sua inscrição em espaço externo – papel, palco, tela, ar – enquanto a tatuagem inscreve o corpo em si.

Ter a tatuagem como uma escrita, uma voz, um gesto no qual se inscreve o corpo permite perceber como, nas linguagens, o pessoal (a experiência) e o social (a condição de existência) se intersubjetivam, configuram-se como texto e se oferecem à leitura, na busca de complementaridades. Assim como o som clama pelo silêncio para ser pronunciado, a palavra pelo branco da folha para ser escrita, a imagem da experiência clama pela pele para ser tatuada. Sem o som, o ruído do silêncio; sem a escrita, o branco da folha; sem a tatuagem, a possibilidade da pele. Inscrição da

⁶Texto original do Merleau-Ponty (1989, p. 92): “Muito mais que um meio, a linguagem é algo como um ser e por isso pode tão bem trazer-nos alguém à presença...”

experiência do e no corpo, ou, de outra forma, o corpo como um lugar da escrita, a tatuagem, desde as sociedades pré-letradas, nas quais cada um tem seu lugar e seu tempo de crescer e se modificar definidos, tem se constituído, tradicionalmente, como linguagem que calca na pele desejos; de um modo, buscando diferenciação, de outro, identificação.

Voltando, entretanto, no que escrevi acima – ‘o corpo como um lugar da escrita’ e o texto, a materialidade com quem busco aproximação para *ler* tatuagens, não continuo a ter a *tatuagem* na consideração de um texto; há que ser o *corpo tatuado* um texto. Se eu tomar apenas a tatuagem como um texto a ser lido, tenho meu olhar e minha leitura, voltados para a imagem-tatuagem. Essa é a chave: não a tatuagem, mas ele, o corpo tatuado, é que se dá a ler. Este, sim, pode ser visto em estreita relação com um texto. E, como um texto, o corpo desejoso de tocar a/em quem o lê.

Corpos tatuados como textos a serem desfrutados por leitores. Essa ideia do “desfrute” do texto pelo leitor tomei emprestada de Barthes (2008), que falou do “prazer da escrita”, do “prazer do texto”. Textos são escritos por escritores; tatuagens são produzidas por tatuadores. É alguém dizendo o que quer que seja *escrito* no seu corpo e o tatuador *escrevendo*. Nessa lógica, o tatuador é um escriba.

Um texto é escrito para um leitor, ou seja, é uma escrita endereçada a alguém. Quem é o leitor do texto, no momento da escrita? Por indefinido, mas desejado, esse leitor, aos olhos do escritor que o almeja, paira entre eles (autor e escritor) um tempo-espço de fruição (jogo e sedução), pois que, eles, materialmente, não existem um para o outro, senão como criação de um pelo outro, imaginados, presumidos. Não fosse essa dúbia certeza da existência, não estaria Barthes (2008) a admitir e a inquietar-se em não lhe assegurar o prazer do leitor (que nem sabe se e com que leitura existirá) o prazer que tem, como autor, na escrita do texto.

Tomando o corpo tatuado como um texto escrito com prazer (em que pese serem, dor e sangue, prazeres), dada sua condição ex-posta, esse corpo também há de desejar um leitor, pois que também move o ser da tatuagem (dono da pele e da ideia da tatuagem) o gozo, segundo Barthes (2008), que se cria entre a composição do texto e a leitura do mesmo, o que leva o autor (e levará o corpo tatuado?) a querer, também, ‘dragar’ o leitor, portanto, tornar factível a leitura do texto-corpo tatuado.

Saindo-se do estado de intermitência, transitando-se, assim, do que Barthes (2008) chama de ‘aparecimento-desaparecimento’ e, em já existindo um leitor no

que se ‘dá a ler’, como pensado por Larrosa (2004), não está presumido um escritor, que está ausente e nada ‘quis dizer’. Ele salienta que, quando o escritor ‘dá a ler’, não coloca a si mesmo para relacionar-se por meio da escritura com um leitor, o qual ele teria, mais ou menos, antecipado. Assim, desconstrói a ideia de que o escritor, ao ‘dar a ler’, o faz a partir do que suas palavras ‘dizem’ ou ‘querem dizer’. Escreveu esse autor que, no mesmo movimento em que o escritor ‘dá a ler’ as palavras, abandona-as, deixando-as à deriva e, nem ele, nem suas intenções têm como controlá-las. Disse ele também não se colocar a si mesmo a relacionar-se, por meio da escritura, com um leitor. Vejamos, numa simplificação, como pode se construir um corpo tatuado, acompanhando o tipo de relato mais recorrente:

- Vive-se um momento avaliado como transformador da vida (uma viagem, uma doença, o nascimento de um filho etc.);
- considera-se que esse momento ficará marcado para sempre no corpo/na alma;
- decide-se que esse momento deverá ser marcado na pele;
- escolhe-se uma imagem significativa, por meio da qual o momento pode ser lembrado para sempre;
- faz-se a tatuagem.

A imagem escolhida para ser colocada na pele é carregada das intenções de quem vê ou sente nela um signo de suas sensações ou sentimentos. Entretanto, quando a pessoa ‘dá a ler’ esse corpo tatuado (excetuando-se as tatuagens colocadas nas costas ou em lugares ocultos do corpo, ou seja, fora do raio de visão do próprio tatuado), penso que não se evidencia o tal abandono, a deixada à deriva das tatuagens, pois que, ao contrário de um escritor, a pessoa tatuada pode até dar-se pelo esquecimento de suas próprias tatuagens, mas terá, sim, o controle de quem vê seu corpo tatuado, e de como o faz. Ou seja: em sendo vista, vê e vê-se. E quanto às intenções de quem ‘dá a ler’, retomando o que disse Larrosa (2004), quando afirmou que nem o escritor, nem suas intenções estarão presentes na leitura de seu texto, ao contrário, o tatuado e suas explícitas ou veladas intenções estão sempre presentes nas tatuagens que faz cintilarem em seu corpo, e desfruta da possibilidade de, em sendo lido, ler.

Atraí Barthes (2008) e Larrosa (2004) para conversarmos sobre texto e tatuagem. Ou deveria dizer que trouxe suas escrituras em “O prazer do texto” e em “Linguagem e Educação depois de Babel” para pensar a tatuagem como um texto?

Assim o fiz suspeitando que os dois me guiariam no entendimento da tatuagem (ou do corpo tatuado) como um texto, como eu intentava. Eles (os autores ou suas escrituras) fizeram mais: conduziram meu pensar para a constatação de que, embora próximo de um papel escrito, de uma tela pintada, de uma parede grafitada, um corpo tatuado encerra uma outra linguagem e modos outros de dar-se a ler. Desde quando homens e mulheres encontram no corpo o meio para as suas narrativas?

3.2 No rastro da tatuagem

Enaltecida, perseguida, proibida, estampada, escondida, estandarte de bravura, insígnia da marginalidade, sentença de morte, hino da vida, marca de poder, marca dos que estão fora do poder, amuleto de proteção, rito de passagem, roupa de luto, sinal de status, estigma, projeto de vida, moda, sedução, aversão, fetiche, inserção na tribo, diferenciação na tribo, atestado de nascimento, documento de identidade, autobiografia, risco do sujeito, traço da cultura, desenho, escrita. Na ponta da língua, na ponta da agulha, a tatuagem (COUY, 2010).

Recuperar a origem da tatuagem é uma tarefa árdua. Ao que indicam estudos e escritos curiosos que se ocupam dessa prática milenar, ela, conforme Marques (1997), ou nasceu uma vez e se espalhou pelo mundo, ou nasceu mais de uma vez, filha de muitos pais, em todos os continentes. Há indícios de corpos tatuados até entre as múmias egípcias femininas, que teriam vivido entre 2160 e 1994 a.C. Elas apresentam inscrições na região abdominal, sinalizando que a tatuagem teria, entre os egípcios da antiguidade, relação com a fertilidade. Também no corpo de um Homem do Gelo, múmia com aproximadamente 5.300 anos, teriam sido encontradas linhas azuis que podem ser o mais antigo registro de uma tatuagem.

Quanto à etimologia da palavra tatuagem, João do Rio, autor que relata vivências cotidianas da cidade do Rio de Janeiro, com personagens e peculiaridades do cotidiano carioca, na crônica *Os tatuadores*, conta que a palavra tatuagem é relativamente recente, e que foi o navegador Loock que a introduziu no ocidente, o qual escrevia *tatou*, termo da Polinésia de *tatou* ou *to tahou*, desenho. Disse o cronista que, para muitos, a palavra surgiu do ruído perceptível da agulha na pele: tac, tac. Mas a tatuagem, com qualquer nome, ele reconhece que é antiga. “O primeiro homem, de certo, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem” (RIO, 2008, p. 57).

Embora tudo muito incerto, o que parece ser uma evidência é que a tatuagem, nos primórdios da humanidade, teve a função de preservar a imagem na pele, pois a prática de pintar o corpo remonta a uma época mais antiga ainda. Com a tatuagem, a arte da pintura corporal passaria de efêmera a permanente. Entretanto, como prática (re)inventada em muitos continentes, Marques relata que estudiosos supõem o surgimento da tatuagem motivado pelo orgulho de um troglodita por sua cicatriz, talvez adquirida em prova de coragem. E alude a um livro escrito em 1871 por Charles Darwin, no qual afirmava que, *do Polo Norte à Nova Zelândia, não havia aborígine que não se tatuasse*.

Considerando-se essas e outras tantas possibilidades como as que fundam a cultura da tatuagem, é sabido que, nas mais antigas civilizações, as práticas de modificações corporais referem-se, geralmente, a ritos de passagem (morte seguida de renascimento), implicando nisso toda uma simbologia circunscrita a sistemas de códigos compartilhados pelos integrantes das sociedades, aos quais atribuíam iguais sentidos, preservando, nesses ritos, seus mitos e crenças na relação com o sagrado. Nesse gesto, implícita ou ostensivamente, intui-se uma relação de entrega ou posse do próprio corpo. Marcas que asseguram a liberdade ou a escravidão? Com que finalidade?

... primeiramente para marcar os fatos da vida biológica: nascimentos, puberdade, reprodução, morte. Depois, os fatos da vida social: virar guerreiro, sacerdote ou rei, casar-se, celebrar a vitória, identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito antes, durante e depois do corpo (MARQUES, 1997, p.14).

Os fatos da vida, aqueles estabelecidos pela cronologia, assim como os determinados pelas conquistas, pelos fatos e atos individuais nas sociedades tribais, têm a particularidade de marcar o momento da transição ou da transformação de um componente, legitimando, assim, a nova posição ou situação alcançada perante o coletivo. Passava pelo ritual, que se realizava, necessariamente, no corpo, implicando dor física e derramamento de sangue, tanto o jovem que, no entender da sociedade, está pronto para a maturidade, como o guerreiro que tem o reconhecimento de seus feitos heróicos registrados. As marcas aí implantadas como referência da passagem revestiam-se da capacidade (mágica) de dar, quer a um novo adulto ou a um guerreiro experiente, aquilo que lhes faltava, tornando-os, nesse momento, completos. Nessas sociedades, é o ritual que inaugura o novo

período, e é, também, a marca (a referência) da passagem que, assim como impõe reconhecimento, torna consciente a quem vivencia o ritual, do seu novo lugar, do seu novo tempo.

Pelo que se sabe, ainda perduram rituais iniciativos de toda natureza em todos os continentes. Em razão de serem milenares, esses rituais comumente são compreendidos como sendo plenamente aceitos pelos jovens, que vão desde a circuncisão nas sociedades da África Ocidental, a tatuagem nas sociedades indonésias (esta considerada a tatuagem mais artística, que é retocada durante toda a vida, até cobrir totalmente o corpo), a subincisão na Austrália e outros tantos, nos mais diversos lugares do planeta.

Contrariando essa evidência, Ramos (2001), remeteu-se a um estudo de Borel, que exprimiu sua inquietação ao questionar, sutilmente, de quem estaria tratando ao se referir ao “iniciado”; se do *indivíduo*, ou da *vítima*. Isso porque, relatou ela, quando da submissão à dor, que é muito forte, algumas tribos abafam os sons dos gritos com o batuque dos tambores, enquanto outras provocam estados de transe na vítima, entorpecimento provocado por bebidas ou por danças praticadas durante os rituais de tatuagem.

No Japão, a técnica de tatuar é bastante controversa, e parece ter iniciado com a finalidade de marcar criminosos. Proliferou-se, já em meados do século XVII, quando foi, aos poucos, tornando-se usual pelos populares, também em rituais que imitavam heróis. Os motivos tatuados pertenciam ao folclore e às crenças religiosas japonesas. É do Japão, talvez, a prática da tatuagem mais mal vista no mundo todo, desde que os membros da máfia japonesa passaram a usá-la, obrigatoriamente, como símbolo de lealdade.

Desde os mais remotos tempos vêmo-la a transformar-se: distintivo honorífico entre uns homens, ferrete de ignomínia entre outros, meio de assustar o adversário para os bretões, marca de uma classe para selvagens das ilhas Marquesas, vestimenta moralizadora para os íncolas da Oceânia, sinal de amor, de desprezo, de ódio, bárbara tortura do Oriente, baixa usança do Ocidente. Na Nova Zelândia é um enfeite; a Inglaterra universaliza o adorno dos selvagens que colhem o *phormium tenax*⁷ para lhe aumentar a renda (RIO, 2008, p. 57).

⁷A espécie *Phormium tenax*, conhecida pelos nomes comuns de espadana, linho-da-Nova-Zelândia ou filaça, foi cultivada para produção de fibras utilizadas em cordoaria e na confecção de tecidos grosseiros. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Phormium>.

Ao buscar uma melhor compreensão sobre o sentido do *ritual* para a construção individual/coletiva, encontrei em Augé (1999) a explicação de como se situam os indivíduos naquilo que estabelece o social. Afirma o autor existirem dois eixos em torno dos quais o sentido social se ordena, sendo o primeiro aquele que poderia ser chamado de eixo dos pertencimentos ou da identidade. Neste, são medidas as pertenças sucessivas que definem as diversas identidades de classe de um indivíduo, que migra do mais individual ao mais coletivo. O segundo eixo coloca em ação o que ele chama de “categorias mais abstratas e mais relativas do si-mesmo e do outro”, que podem ser individuais ou coletivas. A hipótese do autor vai no sentido de que a atividade ritual, sob suas diversas formas, tem por objetivo essencial a conjugação e o domínio dessa dupla polaridade (individual/coletiva, si mesmo/outro). Acrescenta ele:

O par identidade/alteridade remete, pois, a uma dupla oposição entre indivíduo e coletivo, de um lado, entre si-mesmo e outro, por outro lado, o que corresponde aliás à natureza dupla do ato ritual que é único para cada um dos que dele são objeto (só se é iniciado uma vez e trata-se dum acontecimento maior de toda a vida individual), é perfeitamente recorrente aos olhos de todos os que não são ainda ou não são mais diretamente o seu objeto (p.45).

Contemporaneamente, o valor tribal sai do estreitamento em que se constituía enquanto concebido como pertencimento a grupo fechado e podemos pensá-lo, não como a convivência de pessoas ocupantes de um mesmo espaço físico. Vivemos a tribalidade em situação de compartilhamento de ideias, do culto ou filiação a espaços espirituais ou filosóficos; somos tribais pela ocupação profissional, comunidade virtual, pela cor da pele, cor do cabelo, cor das unhas, pela opção sexual, artística, esportiva; também pelos bares, escolas, universidades, lojas, enfim, lugares – e não-lugares (AUGÉ, 1999) – que freqüentamos. A desterritorialidade não obstaculiza o pertencimento; pelo contrário, expande e naturaliza a adesão a redes várias, em escolhas transitórias ou perenes. Maffesoli (2005), considerando essa a principal característica das sociedades pós-modernas, aludiu ao processo de massificação constante e às condensações dele decorrentes para explicar o modo *mais ou menos efêmero* com que se organizam as tribos, dizendo que elas comungam de valores minúsculos e, no que chamou de “um balé sem fim”, disse chocarem-se, atraírem-se e repelirem-se, “numa constelação de contornos mal definidos e totalmente fluídos” (p.18).

Situando as marcas corporais, de um modo geral e a tatuagem especificamente, no mundo contemporâneo, podemos pensar que a *tribalidade*, hoje, mostra-se, em alguns aspectos, diferente, embora, se considerarmos o tempo que nos distancia, muito próxima das sociedades tribais primitivas, tanto ancestrais como contemporâneas.

Para essas sociedades, a tatuagem, que se presta(va) a ser uma lembrança no corpo da preparação da pessoa para viver a nova situação, uma vez que “...colocado em isolamento, o indivíduo permanece à margem do que era e do que está prestes a ser” (KEMP, 2005, p. 26), tem relação, não somente com o momento em que a marca foi produzida, mas como os fatores que determinaram a feitura dessa marca. De que modo, em que momento da vida, qual o ritual e qual a imagem a ser marcada no corpo não é determinado pelo “iniciado”. Os rituais acontecem para todos que alcançassem a idade, o feito, a necessidade de proteção, enfim, o momento da mudança. As tatuagens produzidas pelas sociedades tribais primitivas indicam que, a partir do ritual em que elas foram feitas, uma nova experiência se anuncia; marcam a vivência, num outro estágio de desenvolvimento, que se inicia a partir do ritual. A marca é decidida pela tradição da sociedade, e pela escolha do ser superior existente na tribo, este, dotado de poderes ou de maior experiência e, por isso, digno e detentor das decisões.

Esse condicionamento que faz com que todo elemento pertencente à coletividade passe, necessariamente, pelos mesmos rituais, e nessa passagem, como forma de perpetuação da experiência, a feitura da marca corporal, é o que distancia a condição ocidental dos corpos marcados.

Em qualquer uma das sociedades, entretanto, percebe-se que a tatuagem ou outra marca corporal deixa-se entender como um complemento a algo de que deseja o ser humano, aquilo que será capaz de preencher o vazio deixado pela mudança – perda, ruptura, morte, se considerarmos a transição, a passagem um renascimento. Segundo Drown (2009), o objetivo da tatuagem nunca foi a beleza, e sim a mudança. Lembrou o autor de “O símbolo perdido”⁸ que, desde os sacerdotes

⁸O Símbolo Perdido (Título original em inglês: *The Lost Symbol*) é o quinto livro de ficção do escritor norte-americano Dan Brown. O livro aborda a maçonaria nos Estados Unidos e seus vários símbolos ocultos, bem como os fundadores da nação americana envolvidos com a irmandade. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/O_S%C3%ADmbolo_Perdido. Acesso em 02/09/2011

núbios⁹ escarificados¹⁰ de 2000 a.C. até as cicatrizes *moko*¹¹ dos maoris modernos, passando pelos acólitos tatuados no culto a Cibele na Roma antiga¹², os seres humanos tatuavam-se como forma de oferenda: um sacrifício parcial do próprio corpo. Pela forma descrita pelo autor, a tatuagem, desde sempre perfaz um caminho autopoiético, na medida em que o indivíduo, suportando no corpo a dor física do embelezamento (se assim a dor puder ser interpretada por ele) é transformado por ela. É o espaço de sacralidade (LE BRETON, 2003) encarnado na invenção de si. Assim, a tatuagem, arte no corpo e com o corpo, se tem origens múltiplas, tem, também, significação plural: demarcação ou pertencimento, identidade ou subjetividade, moda ou diferenciação. “A leitura da tatuagem informa a inscrição do homem em uma linhagem, um clã, uma faixa etária; indica um *status* e fortalece aliança” (LE BRETON, 2003, p.38).

Independente dos muitos sentidos atribuídos ao ato de tatuar a própria pele, pensava Drown (2009) ser “uma transformadora declaração de poder, um anúncio ao mundo: *eu tenho controle sobre minha própria carne*” (p.19). Desse autor eu tomo emprestada a sensação de gozo, de êxtase, “a embriagante sensação de poder advinda dessa transformação física” experimentada pelo seu personagem, Mal’akh, ao contemplar o próprio corpo todo coberto por tatuagens. Resumo, com suas impressões, como intuo ser o modo de se sentir no e com o mundo daqueles que buscam na tatuagem suas completudes, a partir, é evidente, de um referencial individualista: *Eu sou um artefato... um ícone em construção*.

⁹Núbia, localidade situada no vale do Rio Nilo, hoje compartilhada pelo Egito e pelo Sudão. Fonte: <http://www.infoescola.com/artes/tatuagem/>. Acesso em 02/09/2011.

¹⁰Escarificação é uma técnica de modificação corporal que consiste em produzir cicatrizes no corpo através instrumentos cortantes. Diversas culturas utilizam esta técnica. Na África, em algumas culturas, as mulheres utilizam a escarificação como forma de beleza. Fonte: <http://fzerostudio.com.br/wp/?p=2772>. Acesso em 02/09/2011.

¹¹Os maoris da Nova Zelândia, usavam uma forma de escarificação em que esfregavam tinta para produzir tatuagens faciais conhecidas por “moko”. “Moko” eram consideradas por fazer o corpo mais completo. Os corpos Māori estariam nus se não tivessem cicatrizes. As “moko” eram únicas e exclusivas de cada pessoa, serviam como uma forma de assinatura. Alguns chefes maoris usavam o padrão do seu “moko” como assinaturas para tratados de terra com os europeus. Fonte: http://www.eslc.pt/sites/oficina_multimedia/sites/site_arte-corporal/index.htm. Acesso em 02/09/2011.

¹²Cibele ou Cibebe era uma deusa originária da Frígia. Designada como "Mãe dos Deuses" ou Deusa mãe, simbolizava a fertilidade da natureza. O seu culto iniciou-se na região da Ásia Menore espalhou-se por diversos territórios da Grécia Antiga. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cibele>. Acesso em 02/09/2011.

Ter-se em construção, buscando, na tatuagem a completude de si como um artefato, remete a Freire (1987), na abordagem que fez da consciência que tem o homem acerca de sua inconclusão e de sua condição de ator em e com uma história, que o coloca em inquietante desassossego, movendo-o à ação, portanto produzindo-a e sendo produzido por ela; ela, a história, um artefato também inconcluso.

Le Breton (2003) trabalhou também com a idéia de ser o corpo, na atualidade, um artefato. Um artefato da presença, diz ele, na medida em que o corpo deixou de ser identidade de si, destino da pessoa; é hoje vivido como acessório da pessoa, *um ícone a ser inventado*, “um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos” (p.28). Percebo que, para esse autor, entretanto, não há, com tanta evidência, na prática da tatuagem, o anúncio do tal *controle sobre a própria carne* aludido por Drown, pois ele pensou a tatuagem também atuando em relação ao que se sabe de fraco e vulnerável no humano, que reivindica uma identidade (que não possui), fazendo do corpo uma escrita com relação aos outros, pois “O possível ponto de vista do Outro faz falta para manter a coerência de sua visão das coisas” (LE BRETON, 2009, p.36), visto ser “uma forma de proteção simbólica contra a adversidade, uma superfície protetora, contra a incerteza do mundo” (p. 38). É o aspecto da magia alocada na tatuagem. Esse é, ainda, um sentimento que perdura desde as sociedades mais primitivas, e tem, certamente, igual caráter de complementaridade, nas sociedades urbanas atuais.

Sentindo a tatuagem no cumprimento de uma função protetora, alinhada com o que Le Breton ponderou acima, das aulas de biologia na escola, guardo que a pele, como parte integrante do sistema tegumentar, sistema de proteção e revestimento, é composta, de forma interdependente, por três camadas, a epiderme, a derme e a hipoderme, em ordem de profundidade. Penso que, com o passar do tempo, involuntária ou deliberadamente, vamos acoplando outras camadas. Vamos compondo-nos, a ponto de não mais nos sentirmos fora de nossas *armaduras*. Como o sentido de autoproteção é o mesmo dos tecidos de revestimento que originalmente compunham nossa pele, para a preservação do que restou em armadura, passamos a nos *galvanizar*, o que significa já uma proteção contra nossas fissuras, rachaduras e corrosões.

Mesmo implicando igual desejo de pertencimento a um grupo identitário, o momento da marcação corporal, assim como o porquê desse ato, nas sociedades

ocidentais, tem-se mostrado uma decisão aparentemente individual, não vinculada a questões sociais, ocultando, muitas vezes a implicação da tatuagem com a visualidade e o olhar do outro, a presença que sobre o corpo tatuado se reverbera (LE BRETON, 2009). As tatuagens da atualidade, na sua multiplicidade de imagens, formas, cores, tamanhos, lugares do corpo e também dada a diversidade de histórias que as justificam, são, na maioria, motivadas por desejos pessoais de marcar no corpo o vivido. Se ritualizado ou não o momento da inscrição na pele, estas tatuagens se constituem como a concretização da experiência, e é a experiência que requer a marca. Portanto, essa tatuagem já traz, em si, a passagem, a história.

Para entender, no entanto, o lugar do desejo pessoal colocado em ato na tatuagem, na decisão, na escolha e, por que não, na necessidade de marcar a pele, acompanho Deleuze, citado por Le Breton (2009), a dizer que é pelo outro que passa o meu desejo. *O que eu desejo é o que é visto, é pensado, possuído por um possível outro.* A partir disso, qualquer consideração concernente à individuação nas questões que envolvem corpo e tatuagem deve ser relativizada, na medida em que são os significados por nós atribuídos às coisas, aos outros e a nós mesmos, construções que fazemos no coletivo e se situam num espaço de exterioridade, do encontro com o olhar do outro. Por isso, pensou Le Breton (2009), que nunca estamos sozinhos em nosso próprio corpo. E ponderou:

Meu corpo é meu por carregar traços de minha história pessoal, de uma sensibilidade que é minha, mas contém igualmente uma dimensão que em parte me escapa, remetendo aos simbolismos que conferem substância ao elo social, sem os quais eu não seria (p.37).

Pensando no sentido de que as imagens, marcas, tatuagens, grafites estejam sempre aguardando pelos sentidos alheios, Costa (2005, p.20) trouxe uma referência a uma metáfora usada por Lacan (1966), que conta de um escravo mensageiro em cujo couro cabeludo foi tatuada, enquanto dormia, a mensagem que deveria levar, sem saber que essa mesma mensagem o condenava à morte, quando chegasse a seu destino. A autora interpreta a metáfora no sentido de que nosso corpo é marcado de traços, invisíveis e incompreensíveis, apesar de expressarem materialidades – que buscam endereço de uma leitura. Nesse sentido, disse Costa (2005, p.20), “marca-se a ligação entre olhar e endereçamento de decifração”. Para ela é “a busca de um lugar no amor do outro, pela procura de uma decifração de

traços corporais” (2005, p.20). As tatuagens seriam uma maneira de mostrar ao outro que não somos vazios, que temos o que contar, que damos significado a

4 PROFESSORAS EM LINGUAGENS: PROFESSORAS EM TATUAGENS

Mas se a linguagem fosse realmente o ponto de chegada para que tende tudo aquilo que existe? Ou se tudo aquilo que existe fosse linguagem, logo desde o início dos tempos?
(Italo Calvino)

No percurso deste trabalho, foram muitas as lentes com as quais vi, senti, indaguei a tatuagem. A princípio, coloquei holofotes sobre elas e nem dei pela penumbra em que deixara o restante, mas foi importante para eu pensar que minha forma de ver depende de quem sou e, assim sendo, eu não focaria em algo pertencente à *superfície*; iria, certamente, atrás das imagens que, para estarem ali, conforme Bachelard (1993), já deveriam ter emocionado as *profundezas*.

É no balançar da folhas que se percebe o vento, portanto não são as folhas, não é o vento que encanta; é o movimento. Não me atraíam somente as tatuagens; mas o movimento do tatuar-se, pelas professoras, algo que, talvez, “os impeditivos da vida e das rotinas da linguagem nos impediram de prestar atenção” (LARROSA, 2006, p.45). As colegas tatuadas, deixando-se ver por mim, para além do que dão a ver nas suas geografias superficiais, é que me conduziram naquilo que tanto me fascinou, a ponto de eu transformar a elas e a suas tatuagens em temática de estudo. Percebi, em rasgos de seus cotidianos e de suas trajetórias, na escolha, feitura e “mostração” (Merleau-Ponty) da tatuagem, uma forma de afirmação da própria liberdade, tão cerceada pelo modelo pedagógico tradicional.

Ao me deparar com o que, de pronto e banal emerge em como se mostram e narram, pude entender que, para se libertar, precisaram primeiro recuperar e afirmar sua história. Paulo Freire concordaria se eu dissesse que vi a tatuagem *como prática da liberdade*? Liberdade esta, em par com a responsabilidade, que Maturana e Rezepka (2000, p.13) pensavam só serem possíveis desde o respeito de alguém por si mesmo, o que permite a esse alguém escolher a partir de si e não movido por pressões externas; liberdade que, para Larrosa (2004), tinha a forma da autonomia (da vontade, da razão prática), por considerar livre a quem, no exercício de sua

vontade – como lei, “se submete obedientemente a ela cada vez que é capaz de escutar a voz da razão de sua própria interioridade” (LARROSA, 2004, p.208); liberdade, por outro lado, concebida por Echeverría em ato criativo, experiência poética para que o ser humano se transforme no ser livre que deseja ser.

Creación y libertad se requieren mutuamente. Nuestra capacidad de creación nos hace libres. Pero así como la creación es el ejercicio de la libertad, esta última solo emerge en el acto creativo. La libertad, en el sentido mas profundo, no es una condición jurídica, sino una condición del alma humana (ECHEVERRÍA, 1997, p.239).

A feitura da tatuagem pode ser resumida em um ato no qual imagens são calcadas na pele em mecanismo perfurante por agulhas especiais, que pode provocar dor e escorrimento de sangue. A tatuagem como experiência vivida por professoras, requer mais cautela para ser pensada, por isso busco Larrosa (2004), quando definiu o sujeito da experiência, sendo experiência o que nos passa. Eu diria que o que nos passa, toca, acontece, é o que nos torna marcados. Assim, Larrosa, definindo o sujeito da experiência em diversas línguas, chegou à compreensão desse sujeito como um território de passagem, um lugar de chegada, um espaço de acontecer, evidenciando, com isso, a condição de abertura, receptividade, possibilidade deste ser que, feito de paixão, padecimento, paciência, atenção, ‘ex-põem-se’.

Considerando a tatuagem como a ex-posição, a impressão de significados do que encanta e apaixona, e que, por assim ser, é tudo o que está fora, “desejo que permanece desejo e que quer permanecer desejo, pura orientação para um objeto sempre inatingível” (2004, p. 164), inaugura para a professora, um novo modo de ser, para si e para os outros, um modo poético, inédito, sempre nascente, desde o olhar que a procura e transforma.

A tatuagem, não somente pelos riscos no corpo, no que resulta a experiência, mas pela aprendizagem que se inicia no que a gerou, no que lhe conferiu existência, aproxima a aprendizagem e a idéia de produção de subjetividade e de mundos, do que emerge a dimensão poética da aprendizagem. A poesia que nos atrai em toda e qualquer tatuagem, porque, como outra linguagem, ela inaugura, inscreve na pessoa o inédito das cores e das formas. Inscreve no corpo da pessoa aquilo que lhe é inédito, inesperado, e que, no entanto, tem, faz e carrega (este corpo de/com) sentidos.

González Rey (2002), afirmou que temos definidos dois momentos essenciais na constituição da subjetividade, qual seja o individual e o social, que se pressupõem reciprocamente ao longo do desenvolvimento. Disse o autor cubano:

A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo que integra, de forma simultânea, as subjetividades social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela (GONZÁLEZ REY, 2002, p.37).

Para entender, no entanto, a construção individual da subjetividade de professoras, que acontece num mesmo tempo de construção e transformação da subjetividade social, continuo acompanhando o pensamento de González Rey (2002), quando disse que, pela sua condição social, o indivíduo é parte de sistemas de relações constituídas nos sistemas de significação e sentido subjetivo que caracterizam a subjetividade social. Nesse sentido, o individual e o social são constitutivos de estruturas dialógicas em o que o indivíduo se expressa nos seus contextos sociais, contextos estes que, segundo o autor, não se impõem como determinantes externos dessas estruturas dialógicas, mas são partes do sentido subjetivo que se constitui no diálogo.

Se constituído no diálogo, consensual. Portanto a constituição da subjetividade da professora jamais poderia ser pensada a partir de uma *submissão* ao culturalmente imposto, pois que, segundo o autor, o desenvolvimento humano como subjetividade e a cultura são processos constitutivos complexos que ocorrem de forma simultânea, na medida em que “todos os fenômenos da cultura são expressões de homens (e mulheres) que transcendem o imediatismo do imposto de fora e se recriam na expressão do sentido que tem sua existência para eles” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.43).

Esses sentidos da existência se desenvolvem na consciência de sermos um corpo que não se furta aos registros dos eventos que o marcaram, rasuraram e transformaram, pois que os significados experienciados são sentidos no corpo e como corpo. Isso equivale a dizer que o que sentimos, o que sabemos, professoras (e professores), o sabemos com o corpo, nas suas dimensões espirituais, mentais e afetivas.

Por isso o corpo, tema e sentidos a mim tão caros, porque reclamado pela tatuagem como espaço de possibilidade, encontra, na estreiteza do contexto

escolar, talvez a sua mais libertadora manifestação. E, em se tratando tal liberdade de sentidos nascidos de professoras – e de professores também, ambos, seres sobre os quais recaem ditames que dão conta de modos de ser, de como transitar no mundo que se transforma, de como alcançar expectativas lançadas sobre seu ser, pensar e fazer, enfim, seres para os quais, aparentemente, sobra tão pouco de individualidade na construção social que, a respeito deles é produzida, que me parece serem justificadas atitudes alijadas de toda essa subjetividade social, algo que se configura como uma dissidência, ou, como já externei meu sentimento, como um desvio da disciplina.

A disciplina que Larrosa (2006) ajuda muito a consubstanciar ao abordar o peso da natureza professoral, disciplinada, porque disciplinadora, que tanto obstaculiza ao professor transformar(-se). Contou ele que, num congresso, dizia do seu desejo de apresentar-se *vestido* com três outras indumentárias, quais sejam uma capa puída, um chapéu de guizos ou orelhas de burro, signos do pícaro, do bufão e do bobo¹³. Para cada iniciativa de ver a si mesmo em outras vestes e adereços, a toga¹⁴, lembrança da natureza iniciática do acesso ao universo da docência, era-lhe por demais acoplada, de modo que, não sendo possível retirá-la, havia de abandonar a possibilidade de sentir-se na “pessoa” em que resultaria do ato de se “vestir” de outros signos. Admitiu o autor: “Assim, que devo confessar-lhes, desde o início, que não consegui substituir a toga por um chapéu de guizos ou por orelhas de burro, nem sequer pela capa do vagabundo” (LARROSA, 2006, p. 169).

A metáfora da toga demasiadamente interiorizada no professor, eu diria que, como tatuagem, indelével aderência ao corpo do professor, estende-se no lamento

¹³ Pícaro, na história da literatura, é uma personagem-tipo dos romances e novelas dos séculos XVII e XVIII, surgidos na Espanha, com características daquilo que hoje chama-se malandragem. O pícaro vivia de expedientes, transitando entre as várias classes sociais, das quais hauria seu sustento, enganando por ardis. Noutras, adquire também o papel de bufão. Bufão é um tipo característico do grotesco. Existe desde a antiguidade, estando presente na corte, no teatro popular, sendo cômico e considerado desagradável por apontar de forma grotesca os vícios e as características da sociedade. O corpo do bufão caracteriza-se pela deformidade e o exagero, sendo o excesso uma de suas principais características. Também apontado como Arlequim, Faustaff ou Bobo da corte. O bobo teve origem no Império Bizantino. No fim das Cruzadas, tornou-se figura comum nas cortes européias, e seu desaparecimento ocorreu durante o século XVII. Vestia uniformes espalhafatosos, com muitas cores e chapéus bizarros com guizos amarrados. Inspirou a 13ª carta do baralho e, nos dias atuais, o famoso vilão, arquiinimigo do Batman. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki>

¹⁴ Uma toga é uma veste, um manto, para antigos romanos, filósofos, professores e juristas. Hoje, mantido seu uso pelos magistrados e, também, nos rituais de “colação de grau”. Símbolo exterior de um papel desempenhado, distinção de mérito, austeridade, solenidade.

do autor, por faltar ao docente, talvez irremediavelmente, o que ele chama de uma finura de espírito, este, já impregnado, “contaminado dessa austeridade pedagógica, moralizante, dogmática e um tanto caspenta que é própria do tom professoral” (LARROSA, 2006, p. 169), desprovendo o pensamento de toda sua leveza.

A mesma falta de leveza pelo que Dowbor (2007), anteriormente mencionada neste trabalho, ficou a pensar em quais seriam “os tipos de marcas que cada um de nós traz no corpo que nos fazem perder a liberdade e soltura de nossos movimentos” (p.51). E, em tal reflexão, diz ela da importância que ganha a aprendizagem da resignificação das marcas que carregamos no nosso corpo, embora o mais difícil seja reconhecê-las e identificá-las no nosso próprio corpo, como o fez Larrosa (2006). Seria como uma decifração do que se traz inscrito na pele e, por que não, na alma. Ou, talvez, dar-se conta das próprias emoções, o que “implica dar-se conta do que se quer, e isso abre as perguntas pela responsabilidade e pela liberdade: quero ou não quero o que quero?” (MARURANA e REZEPKA, 2000, p.30)

Em concordância ao que disse Dowbor (2007), seu pai, reconhecendo que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, teria dito que isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa, antes, reconhecer que somos seres *condicionados*, mas não *determinados*, “porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 1996, p.59).

A partir do exposto, quero me permitir um movimento no sentido de pensar a indisciplina das professoras, para quem tanto a *toga* tem se tornado, indelével e torturosamente, pesada armadura, vislumbrando, com Morin (2008), nas ‘falhas’ de um sistema que se conserva desde a verticalidade de normativas, bem como pelo caráter prescritivo das condutas, “espaços de liberdade onde se pode infiltrar e desenvolver a novidade que, finalmente, brota para a glória da instituição” (MORIN, 2008, p.34).

Indisciplina, pois, no gesto de tatuarem-se, as professoras, metaforicamente, rasgam a *toga*. Algumas alcançam o que Larrosa (2006) disse não mais conseguir, a menos que deixe de ser professor: desfazem-se totalmente dela e, livres, esboçam no e com o corpo, outros modos de fazerem-se professoras; outras, com a *toga* ainda permanecem, mas deixam entrever, pelas fendas abertas, as cores, as

formas, as letras que, apesar da *toga*, escolhem como narrativas de si, no exercício de sua construção subjetiva. Tatuagem como gesto, tatuagem como voz. A voz, por Zumthor (2007) definida como ato poético, uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo: “Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite e me libera dele” (p. 83).

Nas palavras de Zumthor (2007), percebamos, os contrários evidenciam-se: a linguagem, que tanto liberta, aprisiona. E a tatuagem, linguagem há pouco exaltada na sua face libertadora, muito bem pode ser apreciada na sua complexão limitadora.

Essa situação adversa é de grande relevância e é capaz de mudar as condições de vislumbre da tatuagem nos corpos das professoras. Ampliando o foco para mirá-las, pergunto se aquelas imagens de professoras, tão impregnadas de aderências emancipadoras, rompendo barreiras, quebrando tabus, solenemente rasgando as “togas”, assim como, de fato as libertam, também as podem aprisionar?

As tatuagens das professoras, depois de lhes significar gritos libertários, torná-las donas de seus corpos, de mostrar a si mesmas e aos outros as suas vontades, de mostrar o que trazem na alma, de acoplarem-se a elas, passam a lhes educar para serem, para sempre, reféns reveladoras das mesmas narrativas que as motivaram?

E será por isso que vêm outras tatuagens, com o intuito de mudar as metáforas e mostrar outras facetas, mas que, em seguida estarão, como as primeiras, sedimentadas? Professoras engessadas por/a suas tatuagens. Essa seria uma perversão da tatuagem?

Ocorrem-me esses questionamentos por concordar com a idéia de ser a feitura da tatuagem um momento de decisão sobre um *signal de nascença* a ser escolhido para marcar a pele, entretanto não estou falando de peles de quem se dá a marcar inadvertidamente, pois que tais marcas não de ser perenes lembranças de fragmentos de uma história, lembrando, entretanto, que é uma história que irá mudando ao ser contada. Os fatos e as tatuagens que os anunciam permanecem os mesmos, mas muda a história, pois muda a narrativa que, sobre esses mesmos fatos temos, à medida que é sempre de um presente mutante que olhamos o passado. Está aí, na constante transformação do presente, o aspecto mais libertário da tatuagem que, por ser ícone de fatos, de momentos vividos, apresenta-se como possibilidade a novas histórias a cada re-edição das narrativas.

A minha referência literária, para continuar pensando o dinamismo e a transitoriedade do presente é a Moça Tecelã, personagem a que Marina Colasanti dotou de liberdade para escolher com que fios, com que cores, com que linhas tecia as tramas de sua vida. Em imagens que criou para si, a Moça trouxe para o traçado da sua vida o que e a quem nela desejou tecer, pois as narrativas que se cria para inventar a vida são como tapetes sem arremates, em constante tecitura. A Moça tinha também sabedoria e liberdade para afrouxar os laços, os nós, puxar os fios, desfazer as tramas, no momento em que criou para si a vontade de mudar. Mudar, que é a recusa da perenidade, é o movimento para não permanecer, na trama capturada e dela cativa.

Se, portanto, for da vontade da professora a produção de várias tatuagens, ou por acreditar na mística dos números ímpar-par, que a leve a tatuar-se mais vezes, ou por querer complexificar suas narrativas, pode nutrir a ânsia por apresentar-se como um texto inacabado, em constante elaboração.

5 OS “BASTIDORES” REVELADOS

*Vão as minhas meninas
Levando destinos
Tão iluminados de sim
Passam por mim
E embaraçam as linhas
Da minha mão*
(Chico Buarque de Holanda)

5.1 Com bonecas russas

As redes nas quais as professoras marcam, marcam-se e deixam-se marcar haviam de ser por mim acrescidas. Como um nó em suas redes, desfrutei dos riscos, das vozes, das cores e dores que as atravessam, no desenhar dos caminhos iniciados na infância até este momento em que, compartilhando à flor da pele suas marcas, tornaram-se professoras tatuadas. Persegui esse intento desde uma lembrança, como imagens de um filme que me emocionou na infância que permanece em mim.

Pela minha pré-adolescência passou uma senhora que morava na cidade onde eu passava as férias. Eu a conheci na calçada de sua casa, onde eu passava todos os dias. Numa tarde, convidou-me a entrar. Não lembro muitos detalhes da casa, nem do seu rosto, mas lembro uma cristaleira onde havia uns sapatinhos coloridos, com os bicos torcidos para cima e o que me pareceu uns grandes ovos pintados, com carinhas sorridentes. Fiquei sabendo que eram bonecas russas, uma ‘memória’ da ascendência étnica de sua dona.

Vendo meu fascínio pelas bonecas, a senhora pegou uma. Abriu ao meio e, lá dentro, havia outra, toda igual. E dentro dessa, outra. Não sei dizer quantas saíam de dentro, umas nas outras. Eu é que não me continha em mim pelo desejo de pegar as bonecas. Ela começou a falar que, para os russos, e, principalmente, para as mulheres russas, aquelas bonecas contidas umas nas outras têm muitos significados. Contou-me, talvez infantilizada, a história de uma boneca que foi feita assim, de madeira bem fina, mas oca. Ela se sentiu muito ampla, e muito vazia, então, pediu ao seu criador para que mudasse sua situação: ganhou uma filhinha. Esta, como sua mãe, também desejou ter a sua filhinha e, assim, sucessivamente, todas as outras foram ganhando a sua filhinha, até que a última desejou ficar sem uma filha, porque para ela, bastava se sentir, também, um pouco filha de todas as outras.

Passados meses, novamente vi aquela senhora debruçada na janela de sua casa e perguntei pelas bonecas. Sem sair da janela onde estava, disse-me algo sobre elas que, na época, não entendi, mas guardei: *desde a grande, que contém todas as outras, até a pequena onde, aparentemente, ninguém está contido, existe tudo de todas. E tudo em todas*¹⁵. Estaria ela me dando pistas do princípio hologramático, que Morin (2007, p.88) explica dizendo que *em cada ponto existe a quase-totalidade de informação do todo?* De outra maneira, ele diz que *não só a parte está no todo, e que o todo está no interior da parte que está no todo.*

Em outra oportunidade, desejei ver as bonecas. Fui até a casa, bati e a senhora me convidou a entrar. E, como das outras vezes, ela abriu a cristaleira e, para minha surpresa, pediu que eu escolhesse a boneca que eu queria. Escolhi a mais linda. Ela fechou todas as outras lá dentro e me convidou a sentar numa pequena mesa. Abriu rapidamente aquela boneca que eu escolhera, tirando todas de dentro, umas das outras. Deixou as bonecas enfileiradas em cima da mesa, tomou a pequena na palma da mão e lembro-a dizendo mais ou menos assim: *Aqui estamos nós, eu e você.* Eu reagi: mas eu não sou como tu. Ela continuou: *Não importa a idade. Presta atenção! Aqui está cada uma de nós. Mas como é difícil ser o que somos! Vamos, com o passar do tempo, encobrimo o que somos, embora, no nosso íntimo, continuamos sendo o que somos: uma menina.* Recordo ter dito qualquer coisa como não ser nenhuma menina e nem ela. Mas guardei o que ela disse naquele dia.

Nas próximas férias, de bicicleta, andei pela calçada das bonecas uma tarde inteira, até que a senhora veio à janela. Novamente convidou-me a entrar. Eu só tinha olhos para a coleção de bonecas, que havia aumentado. Eram muitas mais! Ela parou ao meu lado em frente à cristaleira e perguntou se eu lembrava o que ela tinha me dito na última vez em que conversamos. Eu recordo ter repetido para ela tudo o que lembrava. Ela disse: *E você sabe por que somos assim? Nós, as pessoas, é que fazemos isso: cada vez mais precisamos criar personagens de nós mesmos, e quando não sabemos mais quem somos, criamos outro e assim seguimos a vida. O que nos salva é que, embaixo do personagem, sempre somos o que somos e não o que aparentamos.* Lembro ter comentado com ela sobre os

¹⁵ Essas “falas” vêm-me à memória no momento em que escrevo. Se terão sido ditas assim, quem sabe?

personagens que estava fazendo no teatro e de uma boneca de nós mesmas que tínhamos criado para o teatro de bonecos na escola.

Fernando Pessoa não tinha bonecas russas, certamente; em permanente fragmentação, tinha a si próprio, e foi assim que se multiplicou para se permitir ser:

Criei-me eco e abismo, pensando. Multipliquei-me aprofundando-me. O mais pequeno episódio - uma alteração saindo da luz, a queda enrolada de uma folha seca, a pétala que se despega amarelecida, a voz do outro lado do muro ou os passos de quem a diz juntos aos de quem a deve escutar, o portão entreaberto da quinta velha, o pátio abrindo com um arco das casas aglomeradas ao luar – todas estas coisas, que me não pertencem, prendem-me a meditação sensível com laços de ressonância e de saudade. Em cada uma dessas sensações sou outro, renovo-me dolorosamente em cada impressão indefinida. Vivo de impressões que me não pertencem, perdulário de renúncias, outro no modo como sou eu. (PESSOA, sd, p. 160)

Eu voltei mais algumas vezes a casa daquela senhora, e, a cada vez que eu lá chegava, ela me contava outra história sobre as bonecas russas. Às vezes ela partia da maior para a menor. Noutras, invertia. Sempre com as bonecas da minha cobiça nas mãos. Em uns desses dias de visita, falava-me de medos e solidão, em outros, de resistência e coragem. Aos poucos fui entendendo que falava de suas lutas e de como sobrevivia a tantos tormentos, sentimentos que vinham de lá, do outro lado do mundo.

Por que eu não podia pegar as bonecas?¹⁶ Porque *a mão que toca um violão, se for preciso faz a guerra?* Talvez, se eu tocasse, estaria, a senhora russa, ela própria, dando-se a ver no que resiste de sua fragmentação, sob a sua *casca*? Ou, talvez, por ser a inteireza que se mostra outra de si, quando se lhe quebram a *casca*, algo com que somente ela gostaria de continuar a ter contato? Talvez.

Os movimentos de suas grandes mãos (um detalhe: as bonecas russas têm braços e mãos apenas desenhados), como se partindo a si própria, recriando-se, inteira, igual e outra, até chegar àquela, pequena (maciça ou oca?), que contém a surpresa, o mistério (fim ou começo; abertura ou fechamento?), à qual ela parecia querer muito, sempre, preservar, eu retive na memória. Não lembro seu rosto, mas suas mãos.

¹⁶ Possivelmente, as concepções que acompanham as bonecas russas, como símbolos da fertilidade, tenham propiciado que a mística que as envolvem ainda hoje se volte também aos aspectos mágicos (de realizações, de vitórias, enfim, do que se quer fértil). Um exemplo disso revela-se na crença de que, escrevendo, de forma afirmativa, o que se deseja alcançar, gerar, frutificar num papel e colocando-o embaixo da bonequinha menor, há de ser gerado, fertilizado. Conta a crença que essa boneca não pode ser tocada por ninguém, além de do(a) dono(a).

Passou-se o tempo. Adolesci e nunca mais me interessei por bonecas russas, apenas lembradas em um momento de distração, em que as vi numa prateleira de loja. A sua visualização disparou as lembranças mencionadas, que me levaram a procurar um fragmento de um texto da área ambiental que havia lido, o qual concebia o ser humano do ponto de vista das suas relações com o ambiente e com a cultura, considerando que o ser humano produz e é produzido pelo ambiente que, juntos, produzem e são produzidos pela cultura, tal qual bonecas russas, dizia o fragmento sem autoria.

Lembrei também de ter lido a sinopse do filme “Bonecas Russas”. Tratei de assisti ao filme, que narra a busca de um homem, escritor e jornalista de 30 anos, por definições na vida pessoal e profissional. Ele conta, em um livro autobiográfico que escreve (porque, segundo o personagem, escrever é por ordem na confusão da vida), enquanto sua vida cotidiana transcorre, na alternância dos envolvimento amorosos que teve e, ao final, chega à conclusão de que passamos a vida inteira nesse jogo, querendo saber quem será a última, aquela bonequinha pequena das bonecas russas que, a seu modo, está escondida dentro de cada mulher, e em todas, desde o início. E não se pode ir direto a ela, diz o personagem. As regras têm que ser seguidas: abrir uma após outra, e perguntar(-se): *Esta é a última?*

O itinerário que leve a um “si-mesmo” está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. De outra parte, não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás de um véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. O que importa é aquele que existe sempre mais além daquele que se toma habitualmente pelo próprio eu: não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas para ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado (LARROSA, 2006, p. 9. Grifo do autor).

Fiz inúmeras buscas na internet. Algumas informações confirmaram, em conteúdo, mas jamais em linguagem semelhante à da senhora russa, as várias formas de conceber as bonecas. Uma outra forma de concebê-las encontrei num artigo de Queiroz (2000), que não ousou resenhar:

“BONECAS RUSSAS”

Não me lembro como se chamam as tais bonecas folclóricas russas: são as que são ocas e abre-se a boneca maior e dentro dela há uma menor, e dentro dessa outra menor ainda, e depois outra e mais outra, até chegar à última, que é uma simples miniatura de boneca.

No mesmo gênero, também é aquele conto de fadas: “Lá no mar tem uma ilha, dentro da ilha tem um castelo, dentro do castelo tem uma torre, dentro da torre tem um quarto, dentro do quarto tem uma arca, dentro

da arca tem uma caixa, dentro da caixa tem um cofre, dentro do cofre tem um frasco, dentro do frasco tem uma pomba, dentro da pomba tem um ovo, dentro do ovo tem uma chave e é essa chave que abre a porta da prisão onde está a princesa encantada”.

Pois a gente também é assim. A princípio eu pensava que, com a passagem das diferentes idades do homem, o maior ia substituindo o menor, quero dizer, o menino ficava no lugar do nenê, o adolescente no do menino, o moço no adolescente, o homem feito no do moço, o de meia-idade no do homem feito, o velho no lugar do de meia-idade e por fim o defunto no lugar de todos.

Mas depois descobri que os indivíduos passados não desaparecem, se incorporam, ou, antes, o indivíduo novo incorpora os superados como se os devorasse, e uns vão ficando dentro dos outros, tal como as bonecas russas do começo da história.

E assim, dentro de cada um de nós, a gente procurando sempre encontra os perfis superpostos, encartados um por dentro do outro, sem se misturarem. É só saber como esgaravatar e você descobrirá fácil no sentencioso senhor de cinquenta anos o inseguro pai de família principiante que ele foi aos trinta anos ou o belo atleta descuidado que foi aos dezoito.

Ali está cada um, aparentemente esquecido, mas incólume. E estanques todos. Porque um não penetra no outro e aparentemente um não tem o mínimo em comum com o outro; nem sequer um influi no outro – as mais das vezes são antípodas e adversários.

Faça uma experiência: pegue um livro, uma foto, reveja um filme, encontre alguém, qualquer desses serve, contanto se refira especificamente a determinado tempo de sua vida. E então magicamente se suscita aquele instante perdido do passado, com uma força de momento atual. Espantado, você se indaga: então esse fui eu? Que tem em comum com o você de hoje aquele estranho que subitamente acordou ao apelo do seu nome, debaixo da sua pele? Terá em comum só mesmo o nome e a pele, porque o resto, no corpo e na alma, tudo é outro, deformado ou gasto, mas sempre diferente.

Você é outro, outro. E quase não acredita ter sido você também aquele rapaz desvairado, ou sonso, ou bobo e terrivelmente inexperiente que de súbito emergiu de dentro dos seus ossos e das suas velhas lembranças.

Em sua avó venerável você também pode descobrir a rapariga incoseqüente que ela foi um dia, e no seu severo confessor de hoje o seminarista em crise religiosa de trinta anos atrás. É só saber procurar. A gente diz disso: “ águas passadas” . Mas talvez seja melhor dizer águas represadas, águas recalçadas. Porque basta bater na pedra, a fonte emerge, o que não aconteceria se as águas fossem passadas realmente.

As bonecas russas não se prestam a uma única compreensão. Talvez sua versão mais explícita – e, por isso, mais estreita, seja mesmo a que as concebem no aspecto da fertilidade, na geração de mulheres de uma família.

Podemos olhar essas bonecas como fases de nossas próprias vidas, em que vamos transitando, sem, contudo, deixarmos de ser o que fomos; vamo-nos encaixando a nós mesmos, embora a inconsciência desta situação, seguindo a leitura de Raquel de Queiroz. Ou, conforme o filme mencionado, na busca de um homem por algo na mulher, a surpresa, o mistério. Em outras acepções, as bonecas russas podem ser entendidas a partir da pequena que, não suportando as pressões

do mundo, inventa-se outra, maior. Esta, não mais resistindo, faz o mesmo, e assim indefinidamente. No processo inverso a isso, partindo da maior, vemos nela as cascas, as crostas que inventamos para nos proteger, e quando, fortalecidos, não mais precisamos, vamos retirando, uma a uma, revelando nossas fragilidades, e, também, nossas inteirezas. Podemos dizer que essas camadas finas, formas ocas de nós mesmos, são meramente imagens externas com as quais nos tatuamos. O que dirige nosso olhar para a compreensão das bonecas russas é a forma com que nos situamos diante da vida, na condição de criadores de nossas circunstâncias, do nosso mundo, ou na condição de um resultado ou produto da vida.

Naquela loja, fui seduzida pelo sorriso de tantas bonecas russas expostas na estante. Não estavam fechadas em cristaleiras, e eu poderia pegá-las. Abri e fechei, montei e desmontei. Coloquei-as enfileiradas para depois guardá-las. Brinquei com elas. Assim que a vendedora percebeu meu interesse pelas bonecas, aproximou-se e pediu desculpas pela pergunta indiscreta: *O que se faz com essas bonecas?* Surpreendi-me, não com a pergunta, mas com a resposta que eu dei: *História de vida*. Ela quis saber: *Como?* Eu abri as bonecas, uma a uma, deixei-as abertas e fui explicando como, cada uma, a partir da pequena, se constituía na próxima, buscando sempre sua completude numa história que está sempre sendo contada, e assim, sempre. Lembrei da senhora russa e repeti: *Em cada uma tem tudo de todas*. A vendedora balançou a cabeça, dizendo que entendeu, mas ainda perguntou: *E que história é essa?* Eu disse: *De vidas de professoras*.

Saí da loja com a minha boneca russa, que estava dentro de uma caixa, enrolada em um papel e colocada em uma sacola plástica. Assim que pude, desfiz-me da sacola, rasguei o papel e tirei-a da caixa. Precisava vê-la para pensar no que eu havia dito para aquela menina na loja. Eu trabalharia com histórias de vida com a boneca russa!

Então, aliando o que já havia lido, o filme a que assisti, passei a pensar no papel da boneca na abordagem das professoras, na entrevista: um convite para brincarmos de boneca. Brincar com a memória, que já é lúdica e dissimulada o suficiente, para mostrar e ocultar seus registros; brincar de ser novamente criança, ou de nunca ter deixado de ser: brincar de inventar uma história e rir e chorar nessa história, a ponto de pensar que parece tanto com a nossa.

As bonecas russas têm me induzido a algumas reflexões, no curso deste trabalho. Conteí como elas aqui entraram, e conto agora como passei a trabalhar com elas, como sugestivas ou reveladoras de narrativas.

5.2 A narrativa

Narrativa é uma palavra indistinta, tanto se referente ao fenômeno como se ao método da investigação. Para evitar distorções, contudo preservando uma distinção, a exemplo do que propuseram Connolly e Clandinin (1995), que trabalham com *história(s) de vida, ou história oral de vida*, opto pelos termos narrativa (auto)biográfica ou somente (auto)biografia, considerando que, no contar de histórias de vida (bio) ocorre a escrita (grafia) produzidas por quem as relata, a partir de entrevistas (auto)narrativas, em espaço de oralidade.

...la gente, por naturaleza, lleva vidas 'relatadas' e cuenta las historias de esas vidas, mientras que los investigadores narrativos buscan describir esas vidas, recoger y contar historias sobre ellas, y escribir relatos de la experiencia" (CONNOLLY & CLANDININ, 1995, p.12).

As narrativas (auto)biográficas, compreendidas como o vivido tornado vida experienciada como narrativa, encontra campo fértil na consideração da narrativa como propiciadora da história, é ela que dá uma história à nossa vida. Ou, dito de outra forma, a experiência humana se dá na narrativa. Delory-Momberger (2008) citou: *não fazemos a narrativa da nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida*. Saliento que sigo o significado de experiência proposto por Larrosa (1996, p.135) de que *"a interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos"*.

Fernandes (2010) comentou que o objetivo fundamental da história de vida foi sempre o de penetrar, pelo interior, uma realidade que ultrapassa o narrador e a modela. Pelo fato de essa técnica se colocar no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz no seu íntimo (o social e o individual) busca-se, por meio dela, apreender o socialmente vivido, o sujeito em suas práticas, tentando perceber de que maneira ele aborda as condições sociais que lhe são particulares. É como encontrar o social no pessoal no mesmo tempo do encontro do pessoal no social. São como duas grandes dimensões identitárias

postas em jogo, que emergem e se interpenetram na complexa trama que, na (auto)narrativa é reconstruída, refeita, mas, sobretudo, conhecida.

As narrativas são meios de sociabilidade, há um tornar público, socialmente conhecido, um comunicar daquilo que é ou foi experiência individual. Em concordância com o fato de que somos, sempre, construções sociais, e o discurso que proferimos explicita essa contingência, Lang (1996) explicou que, tanto no relato de uma vida, em parte dela ou mesmo no depoimento sobre um fato, não se encontra somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. Disse a autora que “a versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais” (p. 45).

No ato (auto)narrativo, o biográfico, como uma categoria da experiência, e sendo experiência, acompanhando Larrosa (2004, p. 161), um “território de passagem, lugar de chegada ou espaço do acontecer”, se processa a compreensão de si mesmo como ser histórico e social, segundo Delory-Momberger (2008), para quem o indivíduo se atribui uma figura no tempo ou, de outra maneira, produz uma história que ele reporta a um *si mesmo*, criação não individual, pois que traz a marca, conforme a autora, de sua inscrição histórica e cultural, na medida em que se origina nas relações que o indivíduo tem consigo mesmo e com a coletividade.

De tais relações, interações sociais ou, como preferia Echeverría (1997), da convivência de uns com os outros, é que surge a linguagem: “nos constituimos como indivíduos desde el sistema de relaciones que mantenemos con los demás” (p.37). Salienta o autor que, mesmo sendo os indivíduos componentes de um sistema social mais amplo, o sistema da linguagem, não deve a ênfase ser posta no sistema social, nem nos componentes particulares, mas na relação entre o sistema social e o indivíduo, entre o todo e suas partes. E acrescenta: “El sistema social constituye al individuo, del mismo modo en que el individuo constituye al sistema social” (ECHEVERRÍA, 1997, p.37).

Noutra perspectiva, Pineau (2008) via, na produção da história de vida, o anúncio de um ator-autor. Para ele, é sobre o que pensa serem os determinantes de sua vida que “um indivíduo ousa desdobrar-se em interprete, espectador, ator, autor, realizador, conceptor e produtor de sua vida” (p.10), o que levou Possegui e Souza (2008) a pensarem ser a descoberta, pelo narrador, da sedução de seu alcance

autopoiético, “ao favorecer o processo de invenção e de expansão de si, na reflexão sobre si mesmo, com o outro e com o mundo” (p.127).

Anunciar-se como *ator-autor*, ou instituir-se como sujeito, novamente, na opinião de Delory-Momberger (2008), é processo incessante da linguagem, onde o indivíduo se torna objeto de sua própria instituição. Ela falou de um *Eu* que é atualizado no discurso, como a forma primeira de instituição do sujeito: “É o *Eu* que me inscreve, ao mesmo tempo como sujeito-narrador e como sujeito-ator da história que conto sobre mim mesmo” (p.99), sujeito esse, uma figura flexível e movente a quem é dado compreender-se como autor de sua história e dele mesmo.

Echeverría (1997), para quem basta que se pergunte a alguém “quem és?” para se reconhecer que o que obtemos de volta é um relato, uma história na qual “relatamos” quem somos, disse que “nuestra identidad está directamente asociada a nuestra capacidad de generar sentido a través de nuestros relatos. Al modificar el relato de quiénes somos, modificamos nuestra identidad” (ECHEVERRÍA, 1997, p.34).

No que tange ao aspecto criador, produtor da vida e dos sentidos a ela atribuídos, Lévy (2001) foi um pouco mais *longe*:

Somos os únicos autores de tudo o que nos acontece. Os acontecimentos de nossa vida, todas as facetas do mundo externo são projeções do nosso mundo interior. Na verdade, há apenas um mundo, dentro e fora confundidos. Produzimos continuamente esse mundo único, não somente interpretando nossas percepções e as situações nas quais estamos imersos, mas também, de maneira muito mais efetiva, invocando nosso destino, fabricando continuamente as pessoas, os lugares, os acontecimentos. Certamente não os provocamos consciente e deliberadamente, mas é nosso ser profundo que os faz emergir: são chamados pelo suspiro infinito de nossas intenções (LÉVI, 2001, p.28).

Thompson (1992), analisando pesquisas que se inscrevem no âmbito da história oral, afirmou que muitas delas, meramente “se situam nas fronteiras da história oral”. Essa forma de produzir dados ou informações, a história oral, situa-se mais na reconstituição da História, sendo os relatos, as evidências orais documentos caros ao historiador, de cuja prática de pesquisa tomam emprestado aqueles que se aventuram na busca de histórias orais como fontes de pesquisa narrativa, para outro fim, que não seja o de trabalho historiográfico. Quanto ao fato de a oralidade ser a única ou a medular fonte de informação na produção das narrativas, Lozano (1996) comentou que os “pesquisadores da oralidade” consideram-na uma fonte muito

importante para a construção da percepção, no tempo e no espaço, da experiência humana.

Aceito de antemão a consideração crítica de Thompson e admito ter o pensamento focado em fontes orais, quais sejam as narrativas produzidas em entrevistas. Reconheço que fazer uso desse dispositivo de pesquisa historiográfica é, certamente, tomar emprestado dessa que se constitui uma metodologia cunhada pelos estudiosos da história como campo de abordagem de situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade. Thompson (1992), em defesa do registro oral, discorreu sobre a fidedignidade desse tipo de registro, porque todas as palavras empregadas estão ali, exatamente como foram faladas, “e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto” (p.146). Embora isso, o autor estende uma certa desconfiança ao que poderia ser considerado como *fatos absolutos*” às estatísticas sociais, cartas privadas, biografias publicadas, do mesmo modo que o material de entrevistas gravadas, por todas elas conterem, “a partir de posições pessoais ou de agregados, a *percepção social* dos fatos”. Como todos eles relacionam-se aos contextos sociais de sua produção, diz o autor: “o que chega até nós é o *significado social*, e este é que deve ser avaliado” (p.145, grifos do autor).

5.3 As marcas do caminho: pegadas

Quero aqui chamar a atenção do leitor para um detalhe do percurso desenvolvido, na medida em que trabalhei com o foco na trajetória de vida e formação, no “tornar-se mulher e professora” de um *grupo* de professoras. Ou seja, o estudo foi planejado de modo a apresentar um construto plural, envolvendo onze participantes. As considerações que faço a seguir dão conta de elaborações e percepções que se deram nesses convívios múltiplos, que foram os momentos prévios, de preparação, assim como os encontros em que ocorreram as entrevistas narrativas que realizei com as mencionadas professoras.

Isso, com a intenção de abrir um espaço de interrogação onde algo como uma imagem de professora nova ou uma nova imagem de professora – “O novo não se dá sem ambiguidades” (LARROSA, 2004, p. 237) – fazia-me pensar. As tantas questões suscitadas pela curiosidade, desde um *olhar estrangeiro* que eu estava

gostando de ter, porque interessado, demorado, instigaram-me a continuar interrogando o percurso da vida de professoras, como professoras tatuadas, que assumiram marcas de sua história pessoal colocando-as na própria pele. Como estão se tornando professoras e que importância dão às suas marcas para essa construção. Do contrário, se não as tomasse em sua complexidade, estaria seguindo esses rumos, mirando apenas a ponta do *iceberg*, sem vislumbres para além do visível.

O itinerário que inventei para conhecer as marcas que singularizam a vida de professoras – tatuadas – não parte, de imediato, das suas tatuagens, ainda que essa seja uma intenção explícita; parto, ou talvez retroceda, das narrativas constitutivas da pessoa e de suas histórias, nascidas em convívios sociais, que dizem respeito a aspectos pessoais e profissionais para, então, nessa vida revivida ao narra-se, saber, também, das origens das marcas que trouxeram à visibilidade, na forma de tatuagens. Assim o faço pensando com Moura (2004), ao dizer que as *nossas* histórias de vida “enunciam percursos e escolhas que, apenas, são conseqüências daquilo que estamos podendo ser, num determinado momento histórico, no campo social” (p.134), em concordância com que assegurou Nóvoa (2001), tornando mais clara a compreensão do que acontece na (auto)leitura:

... mesmo partilhada, não constitui uma verdade mais certa que as outras leituras. Não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos, mas de um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados. É uma história que nos contamos a nós mesmos e aos outros. O que *se diz* é tão importante como o que *fica por dizer*. O *como se diz* revela uma escolha, sem inocências, do que se quer falar e do que se quer calar (NÓVOA, 2001, p.08).

Ao elaborar o fio condutor da entrevista que faria com as colegas, alguns episódios da minha história de vida já se revelaram. Demorei-me pensando, refazendo, repensando. E esse desencadear da memória não cessava nos intervalos de descanso. Descanso, não. Em atividade, pois, conforme Cícero (2005) nunca um ser humano está mais ativo do que quando nada faz. Novas imagens, fatos guardados, esquecidos vinham-me à mente. Tornei-me reminescente, saudosa, gostando de falar de minhas histórias para quem quisesse ouvir. Foram dias intensos para os que me cercam, tenho certeza disso, porque também propiciou que eu oportunizasse o contar de muitas histórias, tão guardadas quanto as minhas. Eu queria também ouvir. Ri, chorei com as minhas e com tantas outras. Foi nesse

momento que eu parei e pude sentir como nobre o meu propósito de abordar as experiências que marcam a vida de professoras. Digo isso por acreditar, como Josso (2004) que...

... as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, conta não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida (p.43).

Surpreendia-me também com as respostas que eu dava a cada questão que formulava. Depois, me deixei falar (e me ouvi), respondendo a cada uma, reconhecendo nisso uma necessidade de também me (re)conhecer como professora que marca e se deixa marcar nas e pelas experiências que vive.

Nas entrevistas com as colegas, suas histórias me confrontaram com minha própria vida e pude perceber que o sentido pessoal desta iniciativa se vincula às minhas próprias histórias, muito mais do que havia imaginado. Senti-me participando de suas histórias, narradas nessa nova experiência, que foi, para mim e para elas, a entrevista narrativa.

Nesse movimento, deparei-me examinando minha história pessoal e profissional, como num jogo, formando, aproximando, encaixando peças até então dissociadas, mas que, no ouvir da história alheia, vão tomando forma, numa espécie de recomposição da minha história que também se revela no contar da outra.

A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se,alargar seu horizonte; onde ela se poe à prova como *escrita de si*. A narrativa do outro em de certo modo, um laboratório de operações de *biografização* que realizamos sobre nossa própria vida, nas condições de nossas inscrições sócio-históricas e de nossos pertencimentos culturais.Ao solicitar nossas representações e nossos saberes de experiências, a narrativa do outro nos remete à *fuguração narrativa* na qual nos produzimos como *sujeitos* de nossa *biografia* (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.62. *Grifos da autora*).

Ficou claro o encontro de histórias, a das colegas e a minha. As protagonistas são elas, entretanto, no processo de reconstrução de suas vidas também revi a minha, podendo voltar sobre minha experiência de vida pessoal-profissional e poder pensar, também, na minha posição como pesquisadora e como co-relatora dessas histórias, nas quais perdura minha participação na sua reconstrução, mesmo diante da profusão de sentidos abertos e ainda não-acabados que nos confere a condição humana, como disseram Rovai e Evangelista (2010), para quem a história oral confirma sua preocupação em valorizar a experiência humana, a subjetividade e a

intersubjetividade, permeadas pelas relações sociais, na medida em que apontam para a revalorização desse momento compartilhado, da proximidade física e emocional, o interesse pela experiência vivida e o reencontro com narradores.

Devo aqui admitir que, nas duas primeiras entrevistas, ainda experimentais ou *piloto*, quando não tinha essa noção de que a minha história passaria constantemente na minha “tela”, a cada pergunta feita ou a cada depoimento dado pelas colegas, havia uma necessidade, até infantil, de contar como se deu comigo o que eu perguntava a elas. Essas entrevistas tiveram que ser refeitas; a minha ansiedade perturbou a gravação. Falávamos juntas e, muitas vezes, em paralelo, ficando até inaudível a gravação; eu trocava experiências, lembranças com as colegas, não discernindo quem estava ali para ouvir e quem deveria contar suas histórias.

Eu havia selecionado algum desses momentos para comentá-los, exemplarmente, mas optei por simplesmente mencioná-los, na medida em que reconheci o meu procedimento e procurei conduzir as próximas entrevistas com mais cautela, de forma que essas histórias se contem nos seus espaços diferenciados, ainda assim, reconhecendo que, tanto a minha história como a história que ouço passam-se, no momento da escuta, da leitura, na minha mente. E não posso separá-las como películas passadas em salas diferentes. Elas são concomitantes.

Connellly & Clandinin (1995), entretanto, amenizaram meu mal-estar, ao salientarem que as duas narrações, a do participante e a do investigador “se convierten, en parte, gracias a la investigación, en una construcción y reconstrucción narrativa compartida (p.22-23).

Aos poucos, ouvir, com calma e demora, foi um plano alcançado, na medida em que consegui conter meus impulsos e colocar foco no que aquelas pessoas, que não somente se dispuseram a falar de si, mas desejavam ser compreendidas, mereciam.

Isso fez com que eu tivesse mais serenidade para fazer as perguntas, que também melhoraram. Podendo, dessa forma, manifestar meu interesse pela experiência por elas vivida, com o respeito de quem busca compreender ao conhecer os sentidos conferidos à existência. Nessa interação firmada no respeito, também percebi que minha mudança de postura provocou nas colegas professoras, relatos mais espontâneos, marcados pela cumplicidade e partilha, não só de

palavras, mas gestos, risos, olhares, cheiros e por um indisfarçável sentimento de que, não somente suas narrativas e reflexões eram importantes, mas elas próprias, autoras de histórias únicas e indispensáveis.

Ao ensinar sobre a vivência da narrativa, Benjamin lembrou da importância de, no encontro com quem narra, ser mobilizada também “a alma, o olho e a mão” (BENJAMIN, 1986, p.220-221). A possibilidade de escutar as colegas contando sobre a suas vidas é uma experiência marcante e o mais enriquecedor é a possibilidade de converter um processo, que poderia ter o peso de uma inquisição, de uma investigação em um tempo-espaço de encontro, de uma nova edição e ressignificação do vivido. Elas, entrevistadas, porque refletindo sobre si mesmas, pensando a partir do que disse Vieira (2008), tornam-se também investigadores de si próprias, pesquisaram-se a si próprias e, em consequência, acederam a uma dimensão reflexiva que ainda não tinha sido possível antes da interação, confirmando serem tais entrevistas mobilizadoras de (trans)formação e de (auto)formação.

As entrevistas narrativas demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos de sua existência e tratá-los através da perspectiva oral, organiza suas idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação (SOUZA, 2008, p.91).

Ao encaminhar este trabalho no sentido da produção de (auto)narrativas a partir de entrevistas narrativas realizadas com professoras e, em meio às leituras relacionadas à pesquisa (auto)biográfica em educação (Delory-Momberger (2004); Passeggi e Barbosa (2008); Passeggi e Souza (2008); Souza, Passeggi e Abrahão (2008)), deparei-me com uma situação de conflito, pois os autores dos quais me acercava abordavam a pesquisa (auto)biográfica na sua qualidade *formadora*, na medida em que suas pesquisas eram protagonizadas por alunos e/ou professores em formação.

O meu conflito acontecia no sentido de eu não estar engajada em algum Projeto de formação de professores. Como, então, trabalhar nessa perspectiva cujos objetivos expressos nos referenciais que eu adotava eram claramente traçados de modo que a biografia de formação se consistia na própria metodologia do ensino e de pesquisa de professores formadores de professores, ou seja, seu instrumento pedagógico?

Essas dúvidas, que me acompanharam por um tempo, agora já posso dizer que foram emitidas desde um total desconhecimento do alcance reflexivo, (auto)formativo da pesquisas com entrevistas narrativas, seguindo a visão de Souza (2008), que assim as compreendeu por funcionarem numa perspectiva colaborativa, “na medida em que quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação e formação de si” (p.91).

Embora eu realmente me sentisse num impasse diante do exposto, não recuei da possibilidade de trabalhar com a narrativa (auto)biográfica, mesmo ainda sem considerar a narrativa na dimensão em que se mostrou com o transcurso do tempo, pois antes mesmo de eu a conceber como formativa para a pessoa entrevistada, foi para mim, que pude, como Souza (2008) a descreve, interrogar-me sobre minhas trajetórias e meu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta/leitura da narrativa do outro. (Auto)formativa, portanto.

Assim, é com esse olhar que fiz um exercício de mesclar a história inscrita em minha própria pele com as histórias de vida que se inscrevem na pele de outras professoras, os sentidos de que se revestem nossos corpos – que carregam as inscrições de nossas vivências, nos constituindo como sujeitos, produzindo outras marcas – “são marcas permanentes e novas, ou marcas permanentes que se renovam, que se repetem, se atualizam ou se superam” (ARROYO, 2007, p.124) – nas relações de ensino e aprendizagens e na consciência de que, porque somos personalidade, inventamos nossa presença.

E, nas nossas histórias, os espaços entre o que dizemos, o que calamos e como o fazemos decorrem, segundo Moura (2004, p.135), “de inúmeras marcas que se instalam em nossa sensibilidade, como feridas em nossa pele”. Acrescenta a autora que essas marcas, entendidas por ela como “um estado, uma diferença produzida na superfície de nosso território existencial que contaminam nossas formas de ser no mundo”.

Tendo optado por realizar entrevistas semi-estruturadas, vislumbrando sua abertura na medida em que as colegas se sentissem provocadas a mais narrarem-se, fiz um extenso roteiro de questões, distinto em cinco blocos. Procurei iniciar por perguntas que envolveram a infância, a entrada na escola, afetos e desafetos dessa fase da vida.

A continuação dos estudos, bem como a escolha da graduação e os desdobramentos dessas escolhas foram abordados no segundo bloco de questões, como também aspectos concorrentes para o bem ou mal-estar na profissão, a partir do momento de assunção da profissão.

O terceiro bloco trata de questões bastante pessoais, presentes no desenvolvimento pessoal e profissional, avançando em assuntos como afetos, desejos, sensualidade, corpo.

No intuito de provocar reflexões a respeito do curso da vida de mulher-professora, o quarto bloco aborda assuntos relativos ao cotidiano da atividade educativa, à aprendizagem de ser professora, à imagem da professora e às marcas que a constituem.

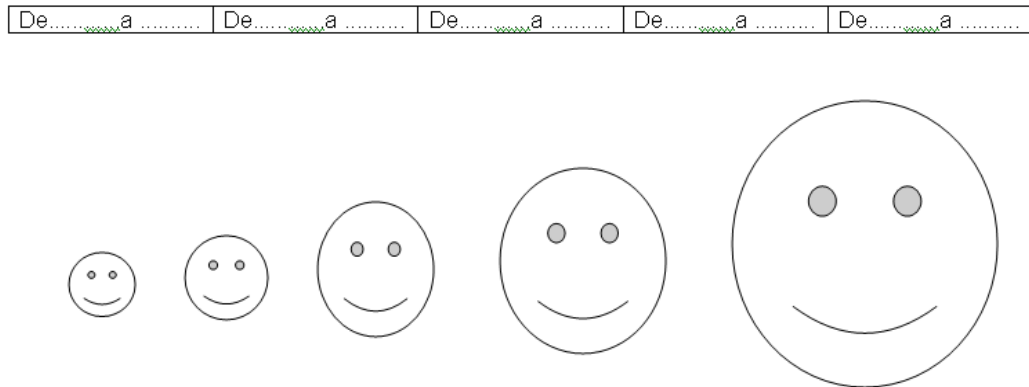
O momento atual da vida, as histórias da tatuagem na narrativa das professoras são abordados no quinto bloco.

Nuestra historia personal desempeña un importante papel en determinar no sólo quiénes somos sino también lo que seremos en el futuro. Siempre escuchamos a partir de esa historia. El presente hereda del pasado inquietudes, posibilidades que aceptamos y que negamos, y mucho más. Nuestra historia de experiencias personales se reactualiza en la capacidad de escuchar que tenemos en el presente. Esta historia personal abre o cierra nuestro escuchar. (ECHEVERRÍA, 1997, p.102)

Levei para o encontro com as professoras a minha boneca russa, que é formada de um conjunto de cinco bonecas. As participantes, como eu disse, foram convidadas a “brincar” com ela. Algumas a conheciam, outras, não. Percebi, em algumas, curiosidade, encantamento; ouve quem a olhasse com carinho, mas também com indiferença, a princípio, e até com tristeza. Algumas foram brincando, abrindo uma a uma e, instintivamente, pegaram a bonequinha menor, acariciaram-na ou mantiveram-na fechada na mão. Outras, talvez por não conhecerem a boneca, nem mesmo tocaram nela e eu mesma a abri. Para todas, contei o que sabia sobre as bonecas russas, desde o que me havia contado a senhora russa, e pelas outras informações que fui buscando. Pedi que cada uma se visse na boneca, em momentos diferentes da vida, desde a sua infância até o momento atual.

Numa folha de papel que preparei, havia o nome da professora, a data da entrevista e uma tabela de uma linha e cinco colunas onde, em cada uma se lia: “De a”. Abaixo, cinco circunferências (*smile*), dispostas da menor para a maior. Assim:

Juliana – 09-02-2011



As carinhas correspondem a cinco fases da vida das professoras, que foram escolhidas por elas. Essas cinco fases são relativas ao conjunto de bonecas que compõem a que eu tenho. Se ela formasse um conjunto de mais bonecas, teríamos a vida das professoras dividida em tantas partes quantas bonecas tivesse a boneca russa em foco. Então, com essa folha sobre a mesa ou sobre a prancheta, e a boneca, aberta, as entrevistadas iniciaram pensando nas fases de sua vida, desde a infância, até a presente etapa. Depois de dividirem suas vidas nas cinco fases, eu iniciei a conversa sobre aspectos gerais da vida como as aprendizagens percebidas naquele dia, as transformações pelas quais a professora está passando, as qualidades que considera positivas em si própria, os cuidados que tem consigo e o sentido da vida.

A boneca entra na interação, desde o momento em que digo: fala *dessa menininha*. As fases da vida, assim como o tamanho da boneca foram transpostos à medida que a professora, a seu critério, havia concluído. Para algumas, quando o relato se estendia no passar dos anos, eu perguntei: *Já mudaste de fase ou de boneca?*

Mesmo com a divisão da vida em fases determinadas pela idade (boneca), percebi que foram, para quase todas, os fatos da vida que orientaram a transição, assim como os retornos, os saltos, pois, como assegurou Bordieu (1996. p.185), citando Allan Robert-Grillet, “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”. Moura

(2004, p. 135), acompanhando Deleuze, concordou que o tempo, para além da concepção de uma “linha do tempo” passa a ser fluxo de memória, com múltiplas coexistências virtuais que se apresenta num determinado corpo nada mais que como imagem.

Confesso que, para trabalhar com esse objeto que intuí sugestivo para desencadear narrativas, como considero as bonecas russas neste estudo, eu não as testei, anteriormente, numa situação de entrevista. Poderia, talvez, no momento em que realizava as entrevistas-piloto, tê-las feito, alternando, umas com as bonecas e outras sem as bonecas. Se assim tivesse procedido, teria me apercebido de que não seria – como de fato não foi – o tempo cronológico a organizar a ordem narrativa. Felizmente, como não havia rigidez em uma cronologia estabelecida, foram as idas e vindas sobre a experiência, os acontecimentos que traçaram as linhas e as curvas das narrativas.

Nos momentos anteriores à primeira entrevista, persistia em mim um temor de que poderia haver alguma dificuldade em que as colegas quisessem falar de si, o que eu presumia como um fator limitante do estudo que propunha, como admitiu Lispector (1998), por ter medo de dizer quem é: no momento em que tenta falar, não exprime o que sente e o que sente se transforma, lentamente, no que ela diz. Pensava eu que isso se daria por depararmos hoje com a decadência de uma certa cultura narrativa, por ela nascer de trocas entre pessoas, carecendo da grande sabedoria do ouvir. Quem narra, ou se narra, produz uma trama de vivências, colocando sua marca no narrado. Ouve-se que as pessoas estão perdendo o interesse por trocar experiências, não mais importando contar as próprias ou ouvir as histórias dos outros; contar-nos uns aos outros, conforme Arroyo (2007, p.65), “contar-nos nossas histórias, nossos significados, nossos saberes e ignorâncias. Nossa cultura”.

Com as interações acontecendo, reconheci meu equívoco. E acrescento o que, de certa forma, me ocorreu, na possibilidade de lançar um olhar “mergulhado” no urbano para as tatuagens, mas não só a elas, que calcam as peles; aos grafites (e por que não às pichações?), que se espalham nas fachadas, nos muros e nos lugares mais oportunos e também nos mais impróprios, na qualidade de telas, suportes de manifestações artísticas, de gritos, de suspiros... Estaríamos nos esquecendo, ou desgostando, de nos contarmos uns aos outros? E será por falta de ouvintes/leitores que tantas histórias convertem-se em grafites e tatuagens?

Aderidas a muros, paredes e corpos, esperam por quem as ouçam, leiam? Ou, conforme pensam Rovai e Evangelista (2010): “Em meio à sociedade que tanto tem a dizer, mas pratica muito pouco o ato de escutar, as narrativas merecem destaque cada vez maior”.

Não seria por outra razão que Thompson (2006) reafirmou sua defesa da história oral, avaliando que sua habilidade fundamental é o aprendizado da escuta; devido a isso, considera a história oral como um campo interdisciplinar, que não é simplesmente histórica, mas também sociológica.

Em praticando o ato de escutar, percebi o quanto as colegas professoras se sentiram confortáveis na figura de “entrevistadas” (para mim, parceiras) e como foi importante falar dessa vida que pulsa, quando a vida de professora é sempre conotada a aspectos maçantes, repetitivos do cotidiano escolar. Cotidiano este sempre tido por mim como espaço de invenção, de ser outra, ou eu mesma. Uma estreita e também complexa teia que se nutre das rotinas de uma escola, por vezes comparável à opacidade do cotidiano doméstico presente na poética de Adélia Prado, por ela transmutado pela arte e encanto pela vida, como no poema Solar (PRADO, 1991, p.151): “*Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas Mas cantava.*”.

O convite que fiz tinha a força de uma saída do isolamento para a conexão, para a prática de uma arte manual a ser tecida junto, fazendo aparecer a trama da vida, cujo poder criativo e transformador da palavra revela também seu lado obscuro, que é o de ocultar e desmanchar a trama, aos moldes da Penélope de Homero, que destecia à noite a trama tecida durante o dia, e, a exemplo desta, a Moça Tecelã, Colasanti (1982), já citada, que, no seu tear produziu o próprio destino, tecendo-o, mas destecendo o tapete criado quando, à história que nele criou, sentiu-se escravizada.

Assim gostaria que as professoras se sentissem: autoras, protagonistas na trama que teciam ao refletirem sobre a trajetória de suas vidas, e, como autoras, na figura de contadoras de história que, em lugar e hora marcados, compareceriam levando sua experiência. E não meramente se prestando a serem “sujeitos/objetos de pesquisa”, numa relação marcada pela impessoalidade e frieza. Penso ter conseguido fecundas condições para a produção das ‘vidas relatadas’, tendo-as como parceiras, ativas no estudo, refletindo sobre a própria vida.

Dowbor (2007), expondo a importância de se educar a ação, o corpo em direção à vida, expõe a sua opção por um tipo de educação que tenha o corpo como sujeito no processo de aprendizagem. É isso o que a leva a dar atenção ao corpo daquele a quem educa, por saber que toda aprendizagem passa pelo corpo de quem aprende. A educadora diz que isso tem a ver com a forma com que o corpo de cada um foi marcado, com sua história de vida, e que deve essa história ser resgatada para poder ser entendida, transformada e enriquecida. Ela, professora, fala de e com professores. E se fala de uma história que precisa ser *resgatada*, fala de uma história desprezada, de um contexto e de particularidades que se mantêm ocultos, ou pouco importando sua existência.

Professoras na 'condição autora', protagonistas de sua própria história, condição que lhes permitam questionamentos acerca de uma história ainda pouco contada, mas que, ao ser visitada pela memória e pelo invento, plantou em terreno fértil, em campos do visível, alguns dos sentidos mais opacos do discurso, da linguagem e, portanto, dos modos de viver-aprender no cotidiano da docência, talvez uma aproximação com a ansiedade de saber-se na incompletude, mas acho que, sobretudo, o desejo de questionar as próprias tatuagens e com elas a profissão e a vida.

5.4 A linguagem das histórias

Reitero que as entrevistas narrativas, acima explicitadas, foram realizadas com o grupo de professoras, e possibilitaram, conseqüentemente, a geração de onze (auto)narrativas.

Sob o risco de tornar demasiado extenso o presente ensaio e porque a primeira entrevista narrativa a ser transcrita mostrou-se, a meu juízo, passível de ser tomada exemplarmente, é somente essa (auto)narrativa que virá a ser abordada, ficando as demais destinadas a um próximo trabalho. Opto, assim, por revelar a interação vivenciada entre mim e a professora, com a franca intenção de continuar a produzir o que, no teatro, convencionalmente, chama-se "bastidores revelados".

Contrariando um desejo inicial, que traria, na multiplicidade de histórias relatadas, diversas e conflitantes formas de ter, sentir, viver marcas e tatuagens, o que aqui é apresentado é, tão-somente, uma entre outras narrativas, que terá o caráter de ser um recorte de uma história como tantas outras, como um desenho,

como ilustração e, quem sabe, como a tatuagem das reflexões produzidas. Enquanto, por um lado, é complementar, por ser de natureza complexa, cumpre com a função de deixar em aberta a possibilidade de outras reflexões.

Dessa forma, a não contemplação de todos os caminhos estabelecidos é o que abre a possibilidade da invenção. Se incompleto, tanto maior é o desejo de ação, a partir do que foi alcançado, apreendido ou transgredido. O desafio, embora ainda com o pensamento carregado de incertezas, é me lançar na trajetória que a incompletude e a aparente confusão do que está sendo exposto apontam.

Neste momento inicio a explicitar como se deu a vivência da narrativa realizada com a professora, na qual ocorre uma narração, que eu faço em 1ª pessoa, ao relatar a interação na entrevista narrativa, bem como as reflexões nela e a partir dela suscitadas.

Em geral, tais considerações têm espaço em registros do diário da investigação, eventualmente citadas após o relato ou em notas de rodapé, mas eu penso que, por se constituem partes do processo relatado, não seria conveniente que minhas reflexões figurassem em anexos, ou em retomadas, longe do calor do encontro.

Faço também, em 3ª pessoa, buscando uma onisciência ao escrever sobre a pessoa que me conta suas histórias. Produzo, portanto, uma *biografia*, mas não distante de quem narra; em cooperação, porque ocorre também a sua (auto)narração (em 1ª pessoa), advinda da transcrição do relato oral, feito na entrevista, o que gera uma *(auto)biografia*.

A entrevistada torna-se, indiscutivelmente, autora de sua vida relatada oralmente que, ao ser transcrita, passa a compartilhar comigo a autoria da narrativa. O relato da experiência narrativa, o fenômeno, como dizem os autores abaixo citados, constituiu-se num exercício de compartilhamento da figura do narrador: ambas narramos aquilo que foi relatado na entrevista, enquanto eu narro a entrevista mesma. “Em el proceso de empezar a vivir la historia compartida de la investigación narrativa, el investigador tiene que ser consciente de estar construyendo una relación em la que ambas voces pueden ser oídas” (CONNELLY & CLANDININ, 1995, p.21-22).

Porque a referência é ao processo mesmo de pesquisa, no afã de *conhecer* essas *vidas*, o que se tem é a narrativa (auto)biográfica, uma aproximação ao conceito de biografização proposto por Delory-Momberger (2008), que define o

biográfico como uma categoria da experiência, a qual permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos por ele vividos.

Quando queremos nos apropriar de nossas vidas, nós a narramos. O único meio de termos acesso à nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só *vivemos* nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.36).

Não foi, se não escrever, *na linguagem das histórias*, uma narrativa das narrativas que ouvi o que determinou a forma narrativa aqui construída, garantindo à professora o protagonismo de sua complexa individualidade, em relatos permissivos ao que é mutável, não linear, impreciso nos “eus” que a habitam, com suas incoerências, contradições e acasos.

Sendo eu, de um lado a biografar a partir do que ela a mim confiou, compartilho o espaço de protagonista, autorizando-me a refletir em meio à sua narrativa, em algumas vezes com ela, em outras, no momento da escrita, no momento em que a (auto)narrativa – oral – é transposta para a escrita, constituindo-se na (auto)biografia.

Neste estudo, desenvolvi, à maneira do que pensara Corazza (2002), *uma prática de pesquisa*, quem sabe, uma estratégia metodológica, com o intuito de conhecer os vínculos da narrativa pessoal da professora com as vivências que lhe deram origem. Com a (auto)narrativa produzida em entrevista, foi viável uma aproximações com a trajetória de vida dessa mulher que, nessa trajetória, tornou-se professora. A mim coube, portanto, dar sentido à experiência (Arnaus, 1995, p. 64) que eu queria comunicar por meio do meu relato. Intuí que seria importante para a compreensão da narrativa que estava sendo feita, se narrada desde a interação que ocorria.

Ela, porque se deixando marcar pela experiência, riscou em seu corpo alguns dos sentidos e razões que dá à vida, por isso, o momento de ouvi-la, em ato autopoiético (é na *poiesis* como narração que os fatos se tornam acontecimentos), a produzir a (re)criação dessa trajetória, que implica um compreender-se a si mesma, ao compreender o ambiente histórico e cultural onde se inscreve, e nesse percurso as marcas que a constituem, desde a infância e início da escolaridade ao momento presente, permitiu conhecer, em algumas de suas facetas mais significativas, um

desenhar de uma *figura de si* (PASSEGUI e SOUZA, 2008), justificando, assim, a escolha metodológica da narrativa autobiográfica, do tipo história oral de vida, dada a imbricação com a temática da pesquisa.

Para Corazza (2002),

... uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar, uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os, de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder, de estar inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individuação. Portanto, uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A “escolha” de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder (CORAZZA, 2002, p.124).

Converti-me, como disse Gonzáles Rey, em sujeito intelectual ativo durante o curso da pesquisa, não só por participar das interações, mas por produzir idéias à medida em que surgem elementos no cenário mesmo do encontro, gerando diálogos com teorias de referência, “as quais confronta com os sujeitos pesquisados, em um processo que o conduz a novos níveis de produção teórica” (GONZÁLEZ REY, 2002, p.57). Isso, de modo a mostrar o processo dialético, pendular, vivido desde a entrevista e a narrativa, que têm o atributo de serem aberturas para indagações ou vias de reflexão sobre algo que me parece haver em si como uma urgência a ser compreendida.

6 AS CORES E OS TRAÇOS DAS MARCAS

Penso que é uma forma de linguagem muito particular! Uma maneira de mostrar os sentimentos, sobretudo os mais íntimos, criando "marcas" que podem ter significados de vida para quem o "carrega". Embora, atualmente, seja "modinha", no meu caso, tem a "mágica" da temperança, da "volta por cima", de uma "beleza" por vezes agressiva, mas que procura comunicar-se... Também fugir do padrão, destoar, quem sabe, agredir... "Reza a lenda", quem faz uma tatuagem, não para de fazer nunca mais, tenho a impressão de que é uma verdade...
(Lourdes Helena)

Talvez, em sendo um exemplo único, aqui mostrado em “plano sequência”, possa ser suficiente para dar uma idéia de como transcorreu a interação, sem tentar minimizar a evidência de que eu, entrevistando, nem pelo fato de ter um roteiro prévio, sou menos personagem que a entrevistada. Uma para a outra; e cada uma – e as duas – em relação ao aparelho gravador, ali, receptivo, programado para trazer o outro, o que nos há de ouvir, e ler. O gravador, portanto, um elemento de linguagem dentro da narrativa.

E, por acreditar que, dificilmente alguém possa ouvir ou mesmo ler uma conversa sem que deseje interferir nela, participar ou até mesmo fazê-la acabar, assim o faço para ter, de certa maneira, o leitor presente no momento da entrevista, e por acreditar na relação de presença do leitor com a narrativa, abrindo a possibilidade de colocá-lo em jogo com quem, para ele, virou personagem – “Eu” e “Lourdes”, uma vez que a narrativa não está sendo apenas mostrada em fragmentos ilustrativos, como de praxe em textos acadêmicos, mas na sua inteireza, sujeita e aberta a cansaços e enfados, e também a desejos de intervenção: espaço de jogo, da leitura-criação, ativa, como em coisa que acaba de acontecer, na qual o leitor se sente também pensando outras formas de fazer.

Este estudo jamais teve orientação a um *estudo de caso*, afirmativa que, após a leitura deste capítulo, não mais se sustenta. Assumo ter contribuído para que, em evidenciando, da maneira como o fiz, as marcas de que se constitui, bem como as que tatuam o corpo da professora em foco, é impossível concebê-la, a ela e às suas tatuagens, sem as ter como *um caso em estudo*.

Assim, a professora *em estudo* chama-se Lourdes. Professora de História, com licenciatura e especialização em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Atua nas Redes Públicas Municipal e Estadual de Educação, no ensino fundamental

e no ensino médio; com 47 anos de idade, tem como companheiro um professor aposentado. Não gerou filhos, e tem uma gata.

Fui encontrar a Lourdes no seu apartamento, numa tarde de sábado. Tomando chimarrão, conversamos durante mais de três horas, uma conversa que nos levou a encontrar algumas afinidades. Para além de termos ouvido, num passado não muito distante, Oswaldo Montenegro, Raul Seixas, Chico Buarque e Renato Russo, desejamos o jornalismo como profissão e nos tornamos professoras. Eu e a Lourdes compartilhávamos a satisfação de estarmos naquela situação de entrevistada-entrevistadora. Desde que a conheci, em um curso que eu era uma das ministrantes, 'lá no século passado', tenho por Lourdes grande admiração, que muito se avoluma quando a vejo no comando de greves, em manifestações públicas, sempre em luta pela nossa classe dos professores. Lourdes, por sua vez, já havia declarado em seu Twitter: *Estarei dando uma entrevista às cinco horas, para uma tese de mestrado*, o que me deixou cheia de orgulho e responsabilidade. Na conversa, ela se expôs bastante, riu muito de si mesma e não hesitou em declarar, em meio aos feitos na vida dos quais se orgulha, aqueles que a fazem refletir, ainda que sem encontrar caminhos.

6.1 Da meninice

Em sendo este um trabalho que olha para as marcas-tatuagens da história de vida de professoras, escolhi propor que iniciem falando de *sua menina*. Tenho lido bons trabalhos que versam sobre a vida de professores e percebo que o contar dessas vidas inicia, geralmente, ou nos primeiros anos de experiência, já como professores licenciados, ou inicia um pouco antes, no período de formação acadêmica, em relatos do período do estágio supervisionado. Eu preferi começar a pensar bem antes, na infância da professora. Quem era aquela menina? O que marcou sua meninice?

Para a Lourdes, as lembranças da infância são marcadas pela figura do pai. Ela é a filha mais nova de quatro irmãs, numa família em que o pai era militar, no auge da ditadura militar. Um cidadão, que ela define como *um déspota não esclarecido*, com o qual vivia uma família só de mulheres, a mãe e as quatro filhas. Foi uma infância muito complicada, com algumas coisas que hoje, no alto dos seus *quase cinqüenta anos*, fica pensado no absurdo que viveu. Diz ela que, se fosse

hoje, provavelmente o Conselho Tutelar a teria retirado do seu pai, pelas barbaridades por ele cometidas. Afora isso, ela guarda outras tantas lembranças, como a de um tio, que considera impressionante: *Eu tenho um tio que até hoje é vivo, o tio João, querido, ele é um senhor já de quase oitenta anos. Ele era sindicalista. E o tio João viajava muito pelo Brasil. Ele é aposentado, era marceneiro. Era do sindicato, depois foi da confederação, então ele viajava o Brasil inteiro e eu era apaixonada pelas histórias que ele contava. Eu nunca me esqueço... uma vez que ele veio aqui em Santa Maria, olha o que ele fez! Ele trouxe um gravador e fitas gravavas da minha vó, do meu avô, dos meus tios lá de Vacaria. Trouxe, nós ouvimos e gravou de nós e levou para eles. E pasma que ele ainda tem essas fitas! Ele tem assim... todas as pessoas que ele gravou morreram. Tem meu avô falando, minha vó. Eu, a última vez que escutei minha voz era ...hilário...9, 10 anos... (risos) e cheia de presença... se achando, né.*

Por sua infância não ter sido muito agradável, as lembranças de Lourdes são de coisas mais relativas à convivência com as irmãs, especialmente com a irmã mais velha, de quem é muito próxima.

6.1.1 Do início da vida escolar

Lourdes entrou na escola com sete anos de idade e como não tinha pré-escola, entrou na primeira série. Gostou profundamente da escola, uma escola pública em Cruz Alta. Adorou a primeira professora, a Sandra, mulher que ela achava linda, maravilhosa. A professora era morena, tinha cabelão comprido, um olho bem escuro e era uma pessoa que falava bem e tinha uma letra maravilhosa. A menina ficava encantada, literalmente encantada. Gostou muito de entrar para a escola, era estudiosa, sentia prazer em ir ao colégio, sempre gostou de português, de história, gostava de falar. Às vezes falava demais e os professores reclamavam um pouco por isso. A menina Lourdes e as irmãs adoravam ir para a escola juntas, apesar de passarem muito trabalho, porque moravam *onde Judas perdeu os sapatos, as meias e tudo o mais* e, na época, em Cruz Alta, não havia ônibus e elas tinham que caminhar por muito tempo até chegarem à escola, pois moravam em uma vila, fora do perímetro urbano. As quatro, as maiores e as pequenas, indo para a escola e aquele barral, aquela chuarada... mas ainda assim, para elas, bons tempos!

Eu perguntei para Lourdes se ela se lembrava do primeiro dia de aula e ela disse que não, que se lembrava do primeiro ano e, rindo muito, disse que eu já estava querendo demais. *O que eu mais gostava na escola era o que eu mais gosto ainda hoje: a idéia que é um lugar aonde as pessoas vão, de fato, adquirir conhecimento. Me encantava ... na escola, uma sala que, pelas minhas vagas lembranças, era uma sala de ciências, porque tinha um esqueleto. Eu me lembro... parece que estou enxergando... aquele esqueleto... Tenho muita lembrança dessa sala de ciências... Eu me lembro com muito gosto de um ambiente que, mesmo que fôssemos crianças, era um ambiente que parecia tão... não silencioso, mas tinha um burburinho, mas não era esse burburinho que existe hoje, não eram esses sons muitas vezes irritantes de hoje. Eram sons... e a minha lembrança ainda me diz que era um som agradável. Eu lembro dos quadros de giz, eu lembro que a professora usava jaleco e eu enxergo no jaleco o nome dela bordado: **Sandra**. Eu enxergo as unhas dela pintadas. Ela pintava com rosa cintilante – olha os detalhes (risos). Eu... eu gostava muito dela. Eu me lembro como se fosse hoje do dia em que terminou o ano e ela se despediu de nós e eu me lavei chorando e ela me deu um abraço. Foi um abraço confortante e eu pensava que nunca mais teria como ter contato com ela, até porque, dois anos depois, nós fomos embora e aí eu já não tive mais contato com ela.*

Acredito que nenhuma parte da nossa história é criada em vão. No relato desta parte de sua infância, Lourdes dá uma mostra de sensorialidades que a movem na percepção da professora: o visual e o (con)tato, entre outras. Antunes (2003), que aborda a “fala” do corpo do(a) professor(a), o valor do gesto, iluminaria a marca provocada pela professora na menina, perguntando, provocativamente, se existia acolhida ou repulsa nas mãos da professora; ternura ou escárnio em seus lábios; segurança ou indecisão em seus passos. Arroyo (2007) também entrou nesse consenso dizendo das marcas de socialização e aprendizagens que levamos pela vida, junto às marcas que nos ficam, pelos convívios que tivemos com professores e professoras por longas horas e longos anos.

Comentava ele:

Lembramos mais seus gestos, sua suas práticas do que seus discursos. Aprendemos formas de pensar, de interpretar a realidade, de conviver, de ser. Nos aprendemos no gesto, no espelho daquela professora ou professor de quem guardamos uma imagem positiva ou negativa. Marcas da escola que continuam, ainda que os conhecimentos das matérias tenham se perdido no desuso, (ARROYO, 2007, p.155).

Restrepo (1998), reconhecendo, talvez, não ser essa marca aludida por Lourdes tão recorrente em contextos escolares, mencionou que, se ausentes o tato e o olfato do processo pedagógico, “nega-se a possibilidade de fomentar uma intimidade e proximidade afetiva com o aluno, perpetuando-se uma distância corporal que reforça a posição de poder do mestre, que agora se torna verdade incontestável” (RESTREPO, 1998, p.34).

Para a Lourdes, algumas coisas eram muito prazerosas; prazeres advindos de outros sentidos: o lanche, do que ela gostava muito. Sempre gostou daquelas merendas antigas... Aquele cheirinho de limpeza, as paredes limpas, as classes de madeira mesmo, o relacionamento com os colegas.

6.2 Da adolescência: o início de definições intelectuais e das escolhas profissionais

Sobre sua adolescência, Lourdes contou-me que, ao terminar o antigo ginásio (primeiro grau, ensino fundamental), o pai tinha que escolher uma cidade para onde se mudariam e ele fez uma coisa boa: tomou informações a respeito das cidades onde havia quartel e, entre três, optou por Santa Maria, porque ficou sabendo que tinha a Universidade. Assim, mudaram-se para Santa Maria aonde veio cursar o científico (segundo grau, ensino médio) na Escola Maria Rocha¹⁷, na época em que se faziam as ‘terminalidades’, optando por ‘auxiliar de escritório’. *As minhas lembranças no segundo grau... essas são caricatas, tipo assim: nas salas que hoje seriam as salas de recursos, eram quatro ou cinco máquinas de datilografia para uma turma de uns trinta. Eu fico pensando... ‘como é que a gente conseguiu se formar e conseguiu ter essa visão que a gente tem hoje?’ Isso me consome... essas criaturas têm tudo na mão hoje em dia... e não querem saber.*

Entre as poucas lembranças de Lourdes estão as aulas de educação física, que ela detestava. Contou-me que sempre teve problemas terríveis com atividades

¹⁷Escola Estadual Maria Rocha

físicas. Mesmo não querendo praticar atividade física, fazia, pois na época era obrigatório, na escola também vigorava o regime militar. Ela disse que sempre dava uma desculpa para não praticar, mas nunca as desculpas eram aceitas.

Mesmo com toda sua *inaptidão* para atividades físicas, comentou que, por incrível que pareça, chegou ao cúmulo de participar de uma equipe de atletismo, por ser este não um daqueles esportes coletivos nos quais não se dava bem. Encontrou-se no atletismo. Ela lembrou que, na época, jogavam o Nilcon, um jogo no qual disse que se considerava um zero à esquerda. *Me xingavam e eu xingava todo mundo, porque eu não aprendia as regras... e levava bolada e dava bolada e já xingava... Mas aí eu me achei no atletismo, no salto em distância. Até que pra alguma coisa achei que me prestava! Aquilo foi uma coisa que até me deu certo prazer....eu cheguei à conclusão: não sou de todo um zero à esquerda nessa área, mas realmente as atividades físicas sempre foram um drama pra mim. Eu tinha medo. Não sei...de repente... tirei forças não sei de onde para mostrar no individual e provar para mim mesma e talvez para os outros que eu não era, assim, tão ruim.*

6.2.1 De histórias

Regime militar. E o pai dela tinha, além de outros *problemas*, uma ideia fixa de que a casa era uma unidade militar. Então ele transpunha para a casa a lógica de um quartel. Pode-se imaginar as cinco mulheres vivendo nesse cotidiano? Mas, apesar disso, a Lourdes sempre amou história, mesmo na época da ditadura, mesmo naquela época horrorosa, ainda assim ela conseguiu enxergar na história aquilo que ela adorava: ler aqueles textos, ouvir falar das coisas do outro lado do mundo. Ela sempre gostou de português, de geografia e mesmo de moral e cívica, de OSPB, ainda reconhecendo que, a depender do professor, eram só traquejo para dizer amém...

Na sala de aula, ela gostava quando havia disputas em jogos de nível intelectual e sempre era escolhida para representar uma equipe, e se dava bem. Talvez, hoje, levaria o apelido de 'nerd'. De certa forma, é claro, para essa área, porque, para a área de matemática... *aí o troço era devagar e quase parando.* Passava, desesperada, mas passava. Quando chegava final do ano, tinha que enfrentar a pedagogia do seu pai que, já pelo nome, pode-se imaginar: *Podalírio*. Ele era conhecido no quartel como *Podafloor*. Então, quando chegava o final do ano,

embora ela já tivesse apanhado bastante, afinal, dizia ele que “as professoras sempre tinham razão”, para a Lourdes nunca tinha solução, tinha que mostrar o boletim com as notas baixas em matemática. E ele era determinado: *Se tu não passar, a coça vai pegar pior ainda!* Ela se desesperava, fazia o que podia, colava, fazia o que era possível e o que não era possível para passar. Se chegava daqueles que, na época eram os mais inteligentes (quem se dava bem em física e matemática eram os gênios). *Aliás, isso é uma coisa meio maluca que vigora ainda hoje.* E no segundo grau ela teve muitas dificuldades... *a coisa da adolescência... a auto-afirmação...*

Ela sonhava em trabalhar com alguma coisa que pudesse escrever e falar. Lá, quando começou o segundo grau, já se dava conta disso. Mais ou menos ela gostava de ser professora e até se questionava por não ter feito magistério, afinal, o Bilac¹⁸ era bem pertinho de onde morava e sua irmã mais velha havia feito o magistério. Eram uns preconceitos *meio estúpidos* que ela tinha quanto a ser professora, que depois foram se transformando, afinal, tornou-se professora. Quando chegou a época do vestibular, eram possíveis três opções. Colocou em primeiro lugar, Jornalismo, em segundo, História e em terceiro, Letras.

Mas seu tormento não havia terminado. Inscrita para o vestibular e desesperada, *com as calças nas mãos em matemática. Desesperada! Porque até o último momento eu odiava matemática de um jeito... aquilo me criou um problema tão sério, tão sério... porque eu tinha muita dificuldade... E hoje eu vejo que, além da dificuldade, era o fato de eu viver num ambiente que me era totalmente desfavorável, porque, se eu tivesse um ambiente onde... por exemplo... a mãe era muito assim... mulher de militar, na época, não tinha voz ativa pra nada... Então, se eu tivesse... de repente, se alguém falasse, positivamente, e dissesse ‘vou te explicar’... Talvez eu não tivesse a aversão que eu tive... Aquilo foi um parto a fórceps. Eu fui fazer vestibular, fui super bem no vestibular, passei no vestibular e estava desesperada, desesperada. Achei: ‘eu vou reprovar!’ Aí, foi aquele desespero completo, mas passei. Com as calças na mão, como sempre. No momento que terminei aquilo, foi o dia mais feliz da minha vida.*

¹⁸Instituto de Educação “Olavo Bilac”, escola pública estadual de Santa Maria-RS, que oferecia o Curso Normal/Magistério.

6.2.2 De espinhas no rosto

Lourdes teve muita espinha quando era adolescente. *Todos os dramas existenciais que me acompanhavam de criança se aprofundaram na minha adolescência e eu tinha, assim, uma necessidade de chamar atenção, de uma outra forma. Eu não queria chamar atenção pelas espinhas ou pela burrice em matemática. Então aí eu comecei a falar pelos cotovelos. Mas eu pensei o seguinte: ‘eu não posso falar muita besteira, tenho que falar com alguma qualidade’. Aí eu comecei a ler. Pensei: tenho que achar uma solução para o meu caso. Comecei a ler, comecei a escrever... Teve uma coisa que eu fiz e que, se alguém soubesse, tinha me internado. Olha o que eu fazia: eu assistia ao Jornal Nacional e eu copiava todas as notícias. Todinhas! Informada era eu (riso), mas isso, na época, me deu um cacife sabe pra quê? Eu escrevo com muita facilidade. Por exemplo, se eu tivesse te entrevistando, escrevia. Eu quase me formei em taquigrafia (riso). Eu peguei uma rapidez com isso... e até há poucos anos eu tinha esses blocos, mas pensei: ‘se alguém pegar esses blocos vai me internar, não é possível’ (risos). Fiz isso porque comecei a pensar nesse sentido: ‘eu preciso achar uma solução para fazer frente a todos os problemas’. Eu não era o padrão de beleza que se esperava de uma moçoila nos anos oitenta. Com espinhas. Até não era muito acima do peso na época, mas assim... não fazia muito sucesso com os meninos, principalmente com aqueles com quem eu queria fazer sucesso, que eram aqueles mais inteligentes. Os trubufus é que ficavam atrás de mim. Eu gostava dos mais intelectualizados, mas acho que eles não me enxergavam com esses olhos. Também não tinha muitas amizades, nunca tive muitas amizades. Aliás, até hoje tenho pouquíssimos amigos. Pouquíssimos, eu conto nos dedos. Mas, de fato, com esses eu conto, e eu sou o que sou.*

Quando Lourdes comentava esse período da vida, ocorreu-me que, justo nessa época, de tantas efervescências, de tanto movimento, ficamos tão parados, preocupados com os nossos *problemas*, e fazendo deles a razão da vida que nem damos pelo que nos acontece, para além deles. Recuperando o que a Lourdes conta em relação aos seus *problemas* escolares na adolescência, dos quais se envergonhava, a ponto de procurar uma “saída” no sentido de não chamar atenção para eles, temos as espinhas e suas *dificuldades* em matemática, somando-se a isso a *inaptidão* para o exercício físico. Mesmo que eu não esteja com a atenção

voltada às tatuagens juvenis, acho oportuno comentar que, talvez, na adolescência, sejam esses *ocultamentos* necessários pelo fato de existirem, cada vez mais, tantos corpos adolescentes irremediavelmente tatuados. Fiquei tentada a reproduzir aqui fragmentos que destaquei de um blog literário¹⁹, na seção de *Cartas*, no qual um jovem endereçou a sua mãe uma carta, motivada pelo choque e abalo que ela sofreu ao vê-lo com o corpo todo tatuado, depois de muitos anos de ausência entre os dois.

A minha vida sempre foi muito agitada, sempre mudando de rumo e amigos, mas uma coisa que esteve presente durante esse tempo todo, como a senhora bem viu, foram as tatuagens.

Nunca imaginei que a senhora fosse ficar tão chocada e tão abalada com tudo aquilo. Na verdade, até aquele dia eu não tava nem aí para ninguém. Mas, depois daquele encontro dramático, eu parei para pensar um pouco sobre essa mania exagerada que eu tenho de fazer tatuagens.

Hoje já estou com a maior parte do corpo coberta por desenhos e tribais de todo tipo. Eu comecei bem cedo, ainda na adolescência e agora quase não há nenhuma parte intacta.

É difícil dizer, mas essas tatuagens se tornaram um tipo de alegria para minha vida.

A senhora sabe mais do que ninguém que eu era um adolescente tímido, calado e cheio de vergonha. Desde criança eu sempre tive dificuldade para me relacionar, principalmente para falar o que eu sentia.

Eu penso que eu era um tipo de adolescente preocupado demais com a opinião dos outros. Eu tinha muita vergonha do meu jeito, do meu cabelo e do meu corpo.

Eu era magro demais, e a minha pele era branca igual pó de arroz. E toda aquela insegurança com meu corpo me dava um baixo astral muito grande. Eu olhava pros lados e só via gente bonita e interessante. E, para piorar tudo, quando me olhava no espelho eu via minha feiúra como algo assustador.

Eu me achava feio demais, e aquilo me diminuía diante das pessoas. Mas, de repente, encontrei a tatuagem para levantar o meu astral.

Toda vez que tatuava alguma coisa, a minha vida mudava pra melhor: eu arrumava mais amigos, tinha coragem pra chegar nas garotas e a depressão ia embora. E, assim, fui tatuando meu corpo todo, começando pelos ombros e peito. Nos anos seguintes fui cobrindo os braços, as pernas, as costas e por fim cheguei às partes íntimas.

Era só eu ter um problema, como perder um emprego ou romper com a namorada, e lá ia eu fazer mais tatuagens.

Infelizmente, hoje eu estou com dezenas de tatuagens por todo o corpo e ainda sinto um vazio dentro de mim.

Entre os inúmeros aspectos a serem observados na mensagem, o que chama a atenção é o reconhecimento da tatuagem como forma de cobrir um corpo que considera feio. Intervir num corpo desagradável, como forma de dar sentido e alegria à vida, sem, contudo, conseguir.

¹⁹ Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/cartas/2742332>. Acesso em 28/08/2011.

6.3 Da vida universitária

Quando entrou na Universidade, o mundo se abriu aos seus pés! Quando chegou lá, viu, satisfeita, que era outra realidade! Entrou com 17 para 18 anos, pronta para cursar Jornalismo. Lourdes voltou alguns anos atrás para lembrar o que a fez gostar de história no colégio, assim com as disciplinas que, junto com o Jornalismo, cursava no curso de História. Ela teve uma disciplina que chamou sua atenção para a História, que foi Cultura Brasileira. Ela lamentou a gafe de não conseguir lembrar o nome da professora, mas se lembrava muito dela, de sua fisionomia e de que gostava tanto daquela disciplina, assim como da História da Arte, que fez com Neida Morales, e também se apaixonou profundamente por aquela disciplina.

No transcurso dos dias, um pensamento a acompanhava: *ser jornalista é um troço complicado. No mundo de hoje, parece mais fácil, por um lado, mas na época, o que tu tinhas de mercado de trabalho? Eu nunca tive espírito muito aventureiro, no sentido de dizer: 'eu vou largar tudo e vou-me embora'. As minhas aventuras eram tipo fazer uma tatuagem, coisas que não me tirassem muito chão. Eu hoje tenho uma certa consciência de que, para ser jornalista tem que meter as caras, né... e eu comecei a ver que a História me dava um chão maior, que eu poderia, de repente, sobreviver e poderia romper com uma coisa que até era vital pra mim e pras minhas irmãs, que era sair de casa, desesperadamente. Era um horror viver naquela casa! Porque... era um ambiente muito complicado. Aí, eu fui fazendo História e terminei me desinteressando... pelo Jornalismo. Foi indo, foi indo... fui deixando, fui largando de mão, fui largando de mão, fui deixando, fui largando de mão, fui deixando, fui largando de mão, e daqui a pouco eu estava de cabeça na História e daqui a pouco já era a época de fazer estágio, e daqui a pouco eu comecei a me interessar muito pela História. Aí... resolvi desistir. Larguei de mão. Agora não pode mais, mas na época a gente podia trancar... Aí fiz concurso. Na época ainda tinha concursos (riso) Aí eu fui nomeada como secretária de escola, no início, porque eu não estava formada ainda... aí eu trabalhei, inclusive no Cilon Rosa²⁰, onde estou agora.*

²⁰ Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa – Santa Maria – RS.

Trabalhei um ano como secretária de escola... aí foi indo, uma coisa foi puxando a outra... tu te formas... o mercado de trabalho está aí... tu precisas trabalhar... e aí fui me acomodando, num sentido positivo da palavra, no início. Às vezes, eu não sei se não me acomodei... A gente sempre se questiona... eu me questiono assim: será que eu não poderia ter feito outras coisa? Será que eu não poderia chegar mais longe do que eu cheguei...? Será que não perdi oportunidades? Será? Será que eu não devia ter terminado Jornalismo? Será...? Será...? Será...? Não sei... Talvez...

6.3.1 Do estágio

Quando ela entrou no curso de História, como os demais contemporâneos, enfrentou conteúdos desagradáveis, assim como as disciplinas voltadas para a metodologia e didática, na sua avaliação, muito mal dadas, para, depois ir para o estágio, já no final do curso. Lourdes considera isso uma grande contradição e diz que hoje, quando ninguém mais quer ser professor, o aluno entra no primeiro semestre e já vai para a sala de aula fazer estágio de observação. E então, o que aconteceu nesse estágio? *Quando eu fui fazer estágio, eu estava no Cilon Rosa, porque eu trabalhava lá. Mas foi uma maravilha! Aí, de fato, eu vi que era daquilo de que eu gostava. Foi um estágio maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso. Eu estagiei de manhã, estagiei de noite. Eu consegui fazer eles lerem, sou encantada até hoje... Darci Ribeiro, "Uirá sai à procura de Deus". Imagina... propus a eles lerem um capítulo sobre aquela tribo, para trabalhar a chegada dos portugueses e o conflito entre as diferentes culturas e tal... eu me lembro... parece que estou enxergando... até hoje... Eu sempre gostei de trabalhar em círculos, desde o início, quando comecei a trabalhar, e há alguns anos as pessoas diziam 'mas que inovador trabalhar em círculos!' Eu lembro como se fosse hoje, eles sentados em círculo, lendo o texto, discutindo... Foi uma experiência muito produtiva. Isso me fez gostar muito.*

Eu comentei que essa foi, então, mais uma experiência positiva... *Pra tu veres! Primeiro, na escola, depois a faculdades, depois o estágio. Então, é um somatório. Todas as experiências que eu tive foram experiências positivas, eu penso. Aí, depois, quando eu fiz o concurso e comecei a trabalhar, eu fui trabalhar com muito boa vontade, com muita satisfação.*

6.4 Do prazer/desprazer de ser-tornar-se professora

Lourdes situa esse período entre os vinte e cinco e trinta anos, que define como uma época maravilhosa. Ou melhor, é uma época em que viveu *uma adolescência tardia*. Maravilhosa, segundo suas palavras, o gesto das mãos e o brilho dos olhos. Lembrou, como que buscando longe, a formatura. Em seguida, salientou que não a formatura, essas coisas de colação de grau, porque sempre foi avessa a todas as cerimônias que lembrassem o sistema militar. Referia-se à época, porque começou a conviver com pessoas de quem gostava. Foi período de descobertas agradabilíssimas na vida. Viajava pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Cepergs – para congressos, fazia campanha, tomava pela cabeça, chorava, se escabelava, *batia com a cabeça na parede*, mas foi uma época extremamente gostosa de viver, reflete. Coincidentemente essa é bem a época em que seu pai faleceu. *Isso é tão terrível... às vezes me pego pensando nisso... mas... foi uma libertação. Sem dúvida! E... então foi uma época extremamente positiva, de exercitar coisas, sabe... de fumar maconha de vez em quando... de tomar uns tragos, de fazer tudo...de ser jovem! De fazer tudo o que eu sempre achei que deveria fazer e que algum dia eu ia fazer. Então, uma época boa, de ganhar dinheiro, de começar a ganhar dinheiro! Menina, que dificuldade...*

Eu não resisti e perguntei o que ela havia comprado com o primeiro dinheiro que recebeu, trabalhando. A resposta: ‘Aparelhos Ideológicos do Estado, do Louis Althusser’. Então, revelei o que eu comprei: ‘Um All Star verde e um LP (Long Play!) do Osvaldo Montenegro. Rimos muito e a Lourdes ainda pensou alto: *Então temos várias coisas em comum, porque eu adoro Osvaldo Montenegro e uso All Star até hoje.*

Lourdes concluiu a graduação em 1988, fez concurso para ingresso no magistério estadual no mesmo ano, e foi designada para o município de Silveira Martins - RS. Uma escola pequena, chamada ‘Bom Conselho’. Ela conta que trabalhou num prédio maravilhoso, um prédio que já havia sido uma escola das Irmãs... Na época, os professores tinham que trabalhar em todas as séries. Ela trabalhava da quinta série até os terceiros anos do ensino médio. Pegava todas as turmas, porque a carga horária era baixa. Ela passava o dia inteiro na escola e

trabalhava pela manhã com ensino médio e à tarde com o fundamental. Silveira Martins fica próximo a Santa Maria uns 15Km. Como ela não foi morar lá, enfrentava um transtorno todos os dias, pois tinha que tomar o ônibus circular às cinco e meia, o primeiro ônibus, e depois o ônibus para Silveira Martins, na rodoviária, às seis horas da manhã. E era só aquele ônibus, se não pegasse aquele, não pegava outro, porque não havia. Ela conta, rindo, que nunca se esquece de que era ela e os presidiários do regime semi-aberto que pegavam o ônibus juntos.

Eu perguntei em que momento ela se sentiu **professora** e ela disse que foi lá mesmo, em Silveira Martins. *E eu vou te dizer que foi um prazer imenso e continua sendo, porque ser professora me dá um sentido de poder muito grande, por mais que a nossa profissão seja desvalorizada...*

Chama-me a atenção, na fala da Lourdes, entre outros aspectos, duas palavras que têm a ver com o lugar de onde ela fala, a sala de aula: prazer e poder. Eu entendo que desfruta o *sentimento de poder*, como ela se refere, aquele que seduz. O que é seduzir no espaço da sala de aula? Na proposição de Gauthier e Martineau (1999), aproximaram o seduzir ao persuadir, dizendo que persuadir é exercer uma influência não somente cognitiva, mas também afetiva, e consideraram que o trabalho docente é um verdadeiro trabalho emocional (emotional labor). “Persuadir é influenciar por meio da palavra e do gesto, é seduzir a mente e o coração ao mesmo tempo” (p.20).

Em se referindo aos prazeres desses “começos”, ela continua: *mas... eu duvido que o professor que goste de ser professor, e o professor que sabe que é um bom professor... quando está dentro da sala de aula, se ele não sente prazer vendo aquelas pessoas ouvindo ele, se ele não sente prazer de ver aquelas pessoas fazendo anotações, se ele não sente prazer de debater, se ele não sente prazer de dialogar. Isso é uma coisa que não tem... (seria preço?) e no ensino médio eu sinto isso. Os prazeres que a sala de aula, no ensino médio, propicia a Lourdes dão mostras de ser, esse espaço, um espaço de mediações, de diálogo.*

No ensino fundamental não. Isso eu tenho consciência... não sou professora com perfil para ensino fundamental. Eu, infelizmente, já digo assim, para mim e talvez para meus alunos, eu trabalho no ensino fundamental por necessidade financeira. Eu sou muito sincera em dizer isso. Se eu pudesse trabalhar no ensino médio, com uma condição financeira digna, eu acho que seria ali que eu estaria, somente. Porque o ensino fundamental tem outros desafios para os quais eu não

tenho competência, não tive formação. E quanto mais o tempo passa, menos paciência ainda. É um desdobre a cada dia da semana.

Com esse desabafo, eu me deparei com algo não imaginado, essa marca presente na fala da Lourdes que a coloca numa posição de conflito em relação a seu procedimento nos dois níveis de ensino.

Lourdes contou que foi em Silveira Martins, a princípio com duas turmas de segundo grau, com 25, 26 alunos que foi aprendendo a ser professora, na sala de aula, com o privilégio de ter alunos com perfil de alunos da zona rural, alunos que tinham aquele respeito pelo professor, aquela ansiedade realmente por conhecimento. *Aquela... aquela... é respeito, realmente, a palavra. De enxergar na escola um lugar para ser cuidado, um lugar para ser respeitado, um lugar para participar, mas para cuidar...*

Ela diz que sempre faz essas comparações com o sentimento de que, no ensino fundamental, não vê isso hoje. Parece-lhe que a ideia que os alunos, principalmente do ensino fundamental têm é de que o colégio é um lugar aonde se vai para não se fazer nada. É um lugar de protesto, é um lugar para estragar, e isso, para ela, é uma mudança muito grande. Essa é a primeira imagem que lhe vem à mente. Ela diz que enxerga alguns alunos que tinha lá, com os quais ainda tem contato. Contou de uma menina que se formou psicóloga, com quem até hoje mantém contato pelo *Orkut*. Assim como tem essa menina, ficou sabendo, há pouco, que um dos seus alunos de Silveira Martins se matou, o que lhe causou muita tristeza, pois era um guri a quem, pelas suas lembranças, nunca imaginaria que pudesse acontecer isso. Lembrou de um outro menino, que fez filosofia na Federal e é padre, o Solano.

Lourdes concluiu que foram essas algumas pessoas que a marcaram muito, das quais tem essas boas lembranças e estão elas presentes nos momentos em que troca ideias e reminiscências sobre aquele período com uma colega com quem compartilhou Silveira Martins e hoje é sua colega no Cilon Rosa, lembrando que tudo foi muito bom, e mesmo no ensino fundamental era gostoso de trabalhar, embora já fosse, na época, um pouco mais complicado. *Muito diferente do que eu observo hoje, sabe...*

Lourdes, ao falar sobre sua entrada na carreira docente, mesmo que, às lembranças se interponham impressões atuais, em processo comparativo, traz muito do que os estudos de Huberman (1992), voltados para os ciclos de vida de

professores, encontraram empiricamente, na forma de um entusiasmo inicial, com aspectos de ‘descoberta’ (grifo do autor), de experimentação, “a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional” (HUBERMAN, 1992, p.39). Então, considerando as três “estréias” da Lourdes, eu volto a lembrar como muito positivas, com o que ela concorda.

6.4.1 Do desenvolvimento pessoal e profissional

Chegamos a uma nova fase da vida, dos trinta aos quarenta, e Lourdes dispara analisando que, além da sua maturidade mental, intelectual, foi o período da vida em que ela construiu a primeira relação, *digamos assim, estável*, e a outra relação, que tem até hoje. E eu acrescento que é a fase em que iniciou a tatuar-se. Fico sabendo que seu ex-companheiro era professor e o atual também é professor, o que, para ela, se explica porque sempre se procuram as pessoas que tenham mais proximidade.

Foi uma época que ela considera boa, pois continuou no sindicato, continuou estudando, continuou dando aula, embora o seu relacionamento tenha sido um pouco complicado; seu companheiro era um cidadão que gostava de usar *alguns psicotrópicos* e chegou uma época da vida em que havia coisas que deveriam tomar outros rumos. *Hoje mesmo eu tenho condições de falar com meus alunos do ensino médio sobre isso. Eu digo pra eles: ‘na década de oitenta, fumar um baseado tinha um significado. No século 21 tem outro, completamente diferente (...) tu vais fumar um baseado e tu sabes que tu estás financiando aquele bando de criminosos que estão lá, fazendo todos os absurdos que fazem.*

Esse primeiro relacionamento foi mais conturbado, nesse sentido, embora ela não negue que foi um relacionamento bom em vários sentidos, mas muito na corda bamba. Aqui ela fez um parêntese: *eu tive um câncer de tireóide, tive dois, na verdade, numa época em que era muito difícil o diagnóstico. O tratamento era complicado. Eu meio que pirei em algumas coisas, e comecei a ler umas coisas que hoje eu acho “abobrice”, que quem tem câncer é num processo de autodestruição... Eu acho que, infelizmente, cientificamente está comprovado que a nossa população morreu ou vai morrer de câncer. E, geneticamente, minha família é povoada dessa doença.* Relatou-me que foi muito difícil ter que conviver com a doença, pois é um

desgaste emocional e um desgaste físico muito grande, ainda mais por não ter tido a parceria de seu companheiro, que queria continuar fazendo festas e, naquelas condições, era muito complicado fazer festa.

Comentando esse período da vida, Lourdes abordou aspectos de sua militância política, reafirmando que foi realmente prazerosa, o que, às vezes, leva a que se sinta diante de um conflito, por ter sido um período no qual ainda tinham contra o que lutar. Havia referências. Sabiam o que era bom e o que era descartável, aquilo é o que o sistema quer. Ela disse que era reconfortante, porque tinha convicções e essas convicções faziam-na pensar que ela era a pessoa mais centrada. E isso fazia muito bem para o seu ego. Lembrou-se de campanhas políticas e especialmente uma campanha do Olívio Dutra, para a qual foram com a caravana por toda esta região. Ela gostava de chegar, entregar o panfleto, de argumentar. 'Agora a gente tem um governo!

E ela admite que realmente sonhava que as coisas iam mudar. *Então, foi uma época extremamente prazerosa, acho que é o termo. É bem isso: eu sabia onde estava o inimigo, olha que loucura! Era no sistema capitalista, era na publicidade, era no convencional, era na mulher que casa de véu e grinalda, era no pai castrador, no marido castrador. Eu sabia de todas as coisas. E eu sabia que eu não iria compactuar com isso. Então (riso), era uma época agradável, até porque todas as pessoas com as quais eu convivia pensavam assim. Aí era muito fácil, né... A gente se reunia para fazer uma janta, para conversar e todo mundo só reafirmava esses valores. Escutava-se Chico Buarque de Holanda, Raul Seixas, Legião Urbana. O mundo estava aos nossos pés. Era uma fase boa, por mais que, ainda, politicamente, estivéssemos tateando um país com liberdade e tal... Às vezes me pego pensando... 'que absurdo! Como é que eu consegui pensar isso... que saudade da década de oitenta!' E aí meu 'alter ego' fica me recriminando: 'Como tu estás pensando que a época da ditadura era melhor?!' (risos) E não tinha a metade do que tem hoje e se dissipa. Na década de oitenta, na década de noventa, um político marcava a tua existência. Hoje o cara aparece e some. A mídia... com a internet, tudo é descartável. E o pior é que os nossos antigos parceiros, aqueles para os quais eu imaginava que o poder, estando nas suas mãos, iam poder fazer diferença, eles têm argumentos racionais para justificar. Quando tu estás no poder tem outra postura. Tem diferentes posturas quando tu estás e quando tu não estás no poder. E, a minha cachaça, nos últimos anos, é novamente voltar à sociedade alternativa.*

Se hay gobiererno, soy contra! Se o problema é o poder, então, Não ao poder! Aquele que vier me governar eu decretarei a sua morte! (riso) Como se eu não fosse governada! (riso)

6.4.2 Da vida, que emergiram na pele em forma de tatuagens

Hoje, Lourdes celebra sua superação e, ansiosa por falar em tatuagens, pois até então eu não as havia mencionado, diz que, neste ponto, talvez já possa entrar na questão da tatuagem. Iniciou admitindo que anda meio desconfortável com o fato de que, hoje, a tatuagem virou moda. E ela gosta das coisas ‘quando não são moda’. Ela conta que tem várias tatuagens. Há uns quatro anos começou a fazer em lugares visíveis, porque era perseguida pela ideia de que a tatuagem gera discriminação, e embora saiba que é bobagem, lamenta que ainda tenha gente que pense assim. As primeiras tatuagens que fez foram para ela mesma, em partes do seu corpo que só ela ou a pessoa com quem estivesse poderia vê-las. Diz ela que tem tatuagens nos lugares mais recôndidos possíveis. *E, pra mim, teve esse significado, sabe... de... realmente... eu li um pouco sobre isso e é maluco, mas eu vou te dizer. Pra mim tem um sentido tribal. De ser algo que me fortaleceu. No sentido de que, quando eu precisava de uma força e tinha que ser minha, por incrível que pareça, eu encontrei essa força aí. É a coisa mais maluca que, talvez tu ouças, mas é a minha verdade. Eu encontrei aí. É bem aqui no cóccix. É um desenho tribal. Nas primeiras épocas de tatuagem, eu cheguei pro cara e disse: eu quero fazer uma tatuagem e aí ele me mostrou os desenhos de tatuagens que ele tinha e 99,99% era isso. Aí ele me mostrou, descreveu que aquilo era um símbolo aborígene da força e da resistênciã aos desafios. E eu... não sei se comprei gato por lebre, mas mesmo que não seja verdade, pra mim virou verdade. Eu assumi aquele símbolo e ele passou a me dar forças.*

Esse é o sentimento que denota um modo individualizado de conceber a tatuagem em e para si, e, nesse caso, traz a idéia de que a tatuagem “fecha” o corpo. Isso ajuda a entender o que Orlandi (2004) denominou de *corpo místico*.

Ao me deparar com a assunção pela Lourdes de que a sua tatuagem primeira estaria envolta na mística da potência, ou seja, pela certeza de que, quando ela precisava de forças, era na tatuagem tribal, escondida, que encontrava, não posso deixar de perceber essa tatuagem na condição de uma cicatriz, produzida como uma

sutura, que fechou a dor lá dentro, no seu buraco. A sua força vinha dessa cicatriz tribal.

Sim, provavelmente, comprou gato por lebre. Eu digo isso, porque, lentamente (porque o universo da tatuagem ainda me é desconhecido) eu fui buscando esclarecimentos com bibliografias mais especializadas, para uma melhor compreensão sobre a prática da tatuagem, e talvez por se tratarem de elementos concernentes a determinadas culturas ditas arcaicas, ainda se tem variações, e muitas distorções de informações. A ‘transposição cultural’ que sofrem práticas, símbolos, ideologias que, num determinado coletivo, são traduzidos em imagens, quando apropriados pelos indivíduos urbanos e contemporâneos, faz com que percam sua natureza icônica e passam a ser, já que o ícone não tem sua devida correspondência para quem o adota, meras “citações”, algo como referências às imagens produzidas por aqueles coletivos para os quais a imagem seria uma marca de identidade.

Contou Ramos (2004) que as tatuagens tribais, como são denominadas no ocidente os arabescos de aparência abstrata herdados de culturas pré-industrializadas, como os Hindus, os Maoris na Nova Zelândia, ou os habitantes das ilhas do Havaí ou da Polinésia, são apropriações apenas da forma externa do arabesco; seus conteúdos ideológicos – hierarquias, narrativas históricas ou mitológicas desses povos perdem-se no percurso das migrações e são muitas vezes até redesenhadas, agrupadas e (re)significadas.

Disse a pesquisadora acima citada que o arabesco, na cultura de origem, tem um significado próprio e bem definido; é uma forma de anagrama ou escrita cursiva de um nome ou uma crença; encerra em si mesmo uma mensagem. Ou seja, o arabesco que, entre nós torna-se uma *tatuagem tribal* é, na sua origem – tribal – como uma assinatura, pessoal e intransferível, por isso tatuada, principalmente no rosto do nativo, como indicativo de sua distinção. Desde suas origens até se tornarem as tatuagens contemporâneas que vemos hoje, esses traçados tornam-se marcas-enigmas colocadas na pele em narrativas que lhe atribuem significados pessoais, pouco importando ao seu “portador” o conhecimento sobre seu contexto originário.

A primeira tatuagem, feita, como Lourdes diz, em lugar recôndito, e com esse caráter de dar-lhe força quando somente nela própria poderia buscar, fez com que eu me lembrasse de algumas das primeiras tatuagens que me chamaram a atenção,

descrita no início deste trabalho: as tatuagens da minha colega Adriana que, nas costas, tatuou, ‘só para si’, as imagens de sua religiosidade. Na época em que pedi para vê-las, eu ainda não entendia como poderiam ser feitas tatuagens que não fossem para ser mostradas.

Aos poucos, conversando com ela e com mais pessoas tatuadas, fui compreendendo a tatuagem também em sua versão não ostensiva, a depender do significado atribuído ao lugar do corpo e à imagem. Essas tatuagens têm o mesmo valor pessoal que tem a medalhinha, a guia, o escapulário, o breve, a pedra, enfim, qualquer que seja a materialidade do objeto que, aderido ao corpo, não para ser *mostrado*, produz a *magia* da força, da esperança, da proteção desejada, não importando se colocado no pescoço, no pulso, no bolso, no dedo, na roupa íntima ou em qualquer outro lugar do corpo.

Ocorre-me, entretanto, que, mesmo sendo tatuagens tão íntimas, estas constituem elementos da narrativa do tatuado. Espero não estar sendo demasiado maliciosa ao pensar que, por compor a história da existência de quem as porta, as tatuagens ocultas, quer pela fala que as denuncia, quer por roupas que não as cobrem totalmente, “acham um jeito de se mostrar”, de participar das escolhas entre os fatos da vida que vêm à memória quando a pessoa conta de si. Como linguagem, a tatuagem, ao contrário de se ocultar, anuncia-se.

Depois eu fiz uma outra, um pouco mais em cima; depois fiz outra na virilha, e eu fui indo, fui indo. Eu estava com 35 anos. Quando a minha irmã fez a primeira tatuagem, ela fez lá em São Paulo, ela tinha ido pra lá. Eu não podia ir a São Paulo, como é que eu ia fazer? ‘Vou ficar aqui, esperando, até que alguém se anime’. Mas aquilo mexeu comigo. Aí eu aproveitei essa oportunidade, o problema da doença e... já estava muito frágil, me sentindo horrorosa, a última criatura da face da terra, um perfeito bicho, e pensei: ‘já estou horrorosa, então eu vou usar de artifícios para ficar um pouco mais’. Só que hoje eu vejo que deveria ter partido para a agressão imediata. Só que eu já estava trabalhando e fiquei pensando: ‘vai que apareça, e isso ia causar um frisson’. Hoje ainda causa em alguns ambientes, imagina naquela época.

Vejo na Lourdes, especialmente nesse momento de falar de suas tatuagens, muito da definição de tatuagem escrita por Vera Lúcia²¹, também uma professora

²¹ Ver epígrafe do capítulo II.

tatuada, quando diz que as suas são instantes de coragem de alguém que, como ela, já na idade madura, se conecta com arroubos de adolescência. Isso se mostra, primeiramente na premência de fazer uma tatuagem movida pela feitura da tatuagem da irmã e de um primo mais novo, da mesma forma como são relatadas por adolescentes a influência que irmãs e amigas tiveram, principalmente na primeira tatuagem. Nota-se que, pelo fato de ter havido uma busca por um tipo específico de tatuagem, a tribal, encarada pela Lourdes como signo da força física e espiritual de que necessitava, somando-se à idade de 35 anos que já tinha, a sua tatuagem não era mera “intervenção” no corpo, como em muitas tatuagens juvenis; em se tratando de uma grave doença o que determinava seu estado de abandono e desencanto, havia, na feitura da tatuagem-cicatriz, inconformismo e rebeldia, nesse aspecto, aproximando-se das tatuagens juvenis, transparecendo, também, transgressão e ruptura.

6.4.2.1 Da diferenciação

Aí, 35 anos e tal... fiz os tratamentos todos, fiquei bem, dois anos depois, continuava na função no sindicato, tal e coisa, coisa e tal,... conheci o meu marido, que também é uma pessoa com uma longa trajetória política, é um dos fundadores do PT lá no Alegrete, como ele diz, e me apaixonei. Eu não me apaixono por pessoas, do ponto de vista físico, me apaixono pelas ideias. Eu digo para os meus alunos: ‘gente, vocês têm que se apaixonar pelas idéias!’ Eu, por exemplo, me apaixonei por um cidadão que é baixinho, careca e gordinho. Eles dão risada! Entre os pequenos, é uma das raras vezes que eles dão risadas comigo. Então, aos 37 anos, a gente resolveu morar juntos, ele estava saindo de um casamento também, ele tem dois filhos, já é avô, e foi toda uma experiência importante, porque eu nunca fui muito ligada nessa coisa de ser dona de casa e aí eu comecei a exercitar essa coisa de fazer comida, de querer ter filho. Tentamos, mas em função da quimioterapia, fiquei com alguns problemas....terminou que não tivemos filhos. Às vezes tenho vontade de adotar, mas não sei se seria uma boa mãe. Eu digo para uma colega lá do CAIC²² que eu seria uma péssima mãe, pensando como eu sou com os pequenos na escola.

²² Escola Municipal de Ensino Fundamental junto ao CAIC “Luizinho de Grandi”, em Santa Maria- RS

Novamente Lourdes faz referência a sua pouca *habilidade* no trato dos *pequenos*, agora sinalizando haver correspondência entre a maternidade e a disposição maior para o trato com os alunos do ensino fundamental.

Seria uma péssima mãe! Ela diz: *‘aí é que tu te enganas. Tu serias uma excelente mãe’.* *Eu fico toda lisonjeada... Eu fico pensando... ‘será que eu teria paciência, será que eu não atiraria pela janela?’ Mas, enfim... já tive muitas fases de ficar muito ansiosa com isso, e agora está me passando essa ansiedade, até porque parece que estou no climatério, na última vez que fui à ginecologista (risos) ela me disse: ‘acho que tu estás entrando no climatério!’ Então não sei se isso vai algum dia me incomodar muito. Já me incomodou, porque no meio das professoras, tu sabes, tem coisas que nos mortificam... tinha aquelas rodinhas onde todas estavam falando dos seus filhos e tu lá com vontade de dizer ‘vão catar coquinho’.* Depois eu me desinteressei por esses grupos e comecei a ficar longe, comecei a participar dos grupos mais alternativos, que são poucos nos colégios, o que é triste. São poucos os grupos alternativos. No Cilon, nós temos um grupo que não é deliberado, mas chega no recreio e parece que a gente se aproxima. São as tatuadas, sou eu e várias outras... Então, é pena que a gente tenha poucos grupos alternativos, de fato. Então, às vezes eu quero ousar, eu gosto disso, e penso: *‘mas pra quem eu vou ousar?’* Às vezes eu tenho medo, tenho receio de chegar e parecer ridícula, porque agora a tatuagem virou moda e é lamentável aquelas senhoras todas na moda e cheias de tatuagens e eu não quero isso. Eu quero ter tatuagem para ser diferente e não para ser igual! Um nojo isso. Eu também não gosto quando parece que perco o direito de que minha ousadia vire padrão... Sabe, vou ter que fazer alguma coisa para me diferenciar...

6.4.2.2 Da ousadia e da fuga do padrão. Tatuagens para quem?

Se eu ainda tinha questionamentos em relação a ser a tatuagem um símbolo de diferenciação, Lourdes desfaz qualquer dúvida, em franca revolta contra a *moda* em que se tornou a tatuagem, exaltando sua insubordinação a modismos, pois ser diferente é seu ideal de mulher tatuada. Depois de ter se tornado, com suas tatuagens, uma mulher que gera interrogações, enigmas a serem decifrados, se lhe tomam o direito à ousadia, há, sim, de encontrar outra forma de se diferenciar, mas qual? Solidarizo-me com Lourdes. Algo que eu não havia pensado começou a se

desenhar para mim, no sentido alertado por ela mesma, pelo fato de a tatuagem ter se tornado moda. O seu corpo tatuado, que foi pensado como um projeto de realização, ancorado no reconhecimento de pessoas tatuadas como emblemáticas de diferenciação, poder também produzir, em si, a diferença, tende a dissipar-se.

Diferenciar-se. Essa parece ser a tônica do projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2008) que Lourdes vem compondo. Tentando buscar em Moura (2004), que trouxe de Deleuze entendimentos para o estudo de histórias de vida, poderíamos dizer que a Lourdes tem, nessa determinação, a recusa de tornar-se o que o pensador chama de “imagem”, reduzir-se, como discorre a autora, a uma identidade prévia, na medida em que isso seria tornar-se “maioria”, modelo.

Lourdes ousa diferenciar-se do ideal de professora e de mulher construído socialmente e, contrariando os autores que atrelam o tornar-se professora a buscas identitárias, para o que aponta o projeto de si de Lourdes é um “desviar-se do modelo, trair uma identidade” (MOURA, 2004, p.132).

A noção de uma identidade prévia à qual se reduziria quem procurasse compor uma “imagem de si”, conforme as imagens socialmente propostas, também foram tratadas por Kaufmann (2005), que salienta ser o termo bastante equívoco, exatamente no sentido de que ele pode lançar suas armadilhas, caso esteja sendo pensando sem a observância de que a construção de uma imagem (de si) acontece mediante os papéis que socialmente escolhe desempenhar, tomando emprestada a expressão “identidade de papéis” de Sheldon Styker.

Destaco com muito cuidado este período da vida comentado por Lourdes, pois assim como ele deixou profundas marcas no modo como ela vinha produzindo sua presença no mundo, foi um momento que, pelo descrito, muitos mitos caíram, alguns discursos se esvaziaram e as certezas – as ditas *referências* – diluíram-se, levando algumas expectativas de, ainda, com as tatuagens, poder provocar perplexidades.

6.5 Das tatuagens de hoje

Para conhecer a fase presente de Lourdes, que vai dos quarenta anos até os atuais 47, eu fiz variadas perguntas que desencadearam, muito a fala de si, um desejo de declarar-se, um desejo de afirmar-se, narrando-se. Sigo contando sobre nossa conversa. Previ este momento da entrevista para deixá-la à vontade para contar sobre o presente, sobre seu cotidiano. Fiquei a ouvir-lhe ideias, concepções.

Quis saber, primeiramente, como ela mobiliza seus desejos pessoais e profissionais, ao que respondeu que essa pergunta talvez seja o nó, o X da questão, sendo até bem difícil, pois ela sempre vai fazer essa diferença entre o ensino fundamental e o ensino médio, por ser isso muito gritante para ela, mas que ia responder à pergunta com foco mais no ensino fundamental, pois é aí que reside o seu principal fator de desacomodação, de desassossego, de sofrimento nos últimos tempos, porque ela gostaria de ir para o colégio tendo a sensação de que vai conseguir, mas, ao contrário, já chega antevendo seu fracasso.

Ela diz que é um círculo vicioso. *Eu sei quem está ali, eles sabem quem eu sou e nós vamos vivendo o dia a dia, nós vamos jogando, e o pior é que eu não acho que eles sejam um bando de idiotas, conforme o senso comum. (...) Eu sempre procuro o pior trabalho, eu sempre procuro fazer o que é mais trabalhoso. Esse é um defeito da minha personalidade, eu sempre procuro os caminhos mais difíceis. Ao invés de fazer pelo mais fácil, parece que eu tenho gosto pelo mais difícil, porque, é lógico, me dá mais trabalho, sofro mais, me mortifico mais, fico com mais pena de mim, eu infernizo mais quem está ao meu redor, e eu me alimento dessa cena toda... deve ser isso. Mas é uma coisa maluca isso! Às vezes eu penso que, se eu parasse um pouco, eu conseguiria ter tranqüilidade. Eu estou sempre, sempre, sempre pensando neles. Eu queria ter condições, mas não tenho, eu queria ter condições de fazer uma Yoga, que dizem que é uma coisa boa, meditação... essa coisa da respiração, quando eu estou muito estressada, eu me olho e estou num vermelhão, eu tenho a impressão que vou pular neles!*

Devo entender que é tênue a fronteira entre o que constitui os desejos pessoais e os profissionais de Lourdes, pois imediatamente à pergunta que requeria diferenciá-los para, então, poder aproximá-los, foram disparados os inconvenientes da relação com os alunos de ensino fundamental, que tanto a perturbam e desassossegam, exatamente por ela não conseguir, ainda, se distanciar, tendo tranqüilidade para tratá-los como limitações que são; sofre, *mortifica-se* por isso.

Perguntei à Lourdes sobre o que mais ‘mexe’ com ela, sobre o que a move. Para mim, foi surpreendente, mas instigante a resposta: ‘Ser contrariada’. E explicou ser, de fato, do que mais gosta e por isso é que ela acha a sala de aula uma coisa boa, porque, se ela encontra um aluno que *não engula com farinha* tudo o que ela diz, que a contrapõe, isso a move, isso a alimenta. E foi incisiva em dizer que gosta disso na vida dela, até na família. Devido a esse gosto pelo embate, tem algumas

peças na família que a consideram uma pessoa 'belicosa'. Comentou que dizem: 'com a tia Lourdinha não dá para conversar, porque tudo vira briga. Ao que ela rebate: 'isso não é briga; isso é discussão, é debate, isso é polêmica. Isso é necessário para o ser humano' (riso).

Pergunto se também é assim na relação com o companheiro e ela confirma que é assim também, embora seja mais tranquilo, porque os dois têm um perfil semelhante, no sentido de como veem as coisas no mundo e também porque ele é mais calmo que ela, por isso pensa que foi bom tê-lo encontrado. Ele lhe dá um equilíbrio e assim ela consegue, na convivência, em casa, se acalmar. Ela afirma que, se convivesse com outro tipo de gente, já teria botado fogo na casa.

Diante desse instinto explosivo, pergunto como ela lida com a sensualidade, com o seu feminino, seu masculino, e fico sabendo que é com muita dificuldade, até hoje. Ela conta que o pouco de feminilidade que tem foi exatamente com o companheiro que começou a desenvolver. Até uns treze, quinze anos atrás ela era o estereótipo do que se diria de uma mulher masculinizada. E gostava daquilo. Não usava, absolutamente, nenhuma maquiagem; pintar as unhas, nem pensar. Eu comento que estão lindas as unhas, pintadas de roxo. Ela concorda e lembra que dizia que *isso é coisa de mulher burguesa, sem noção*. Ela não fazia a sobrancelha, houve época que nem se depilava e usava coturnos. Assim, a depender de quem eram as pessoas com quem convivia, admite que era vista de uma maneira estereotipada, como uma *baita sapatão*.

Entretanto, quando começou a desenvolver o gosto por isso, salienta que foi a área da vaidade uma das poucas a que, tendo aderido, não foi 'do oito ao oitenta'. Nem se deslumbrou com isso, até porque essa questão da beleza ela acha muito fútil, e tem coisa tão mais importante. *Sempre em episódios de festa é um inferno pra mim. Ontem à noite, mesmo, que maldito vestido colocar? Que maldito cabelo arrumar? Que maldito isto, que maldito aquilo? Pinta de um jeito, pinta de outro... eu gosto sempre de tentar parecer diferente do que todos deveriam ser, mas é difícil conseguir, precisa de dinheiro, precisa de criatividade, precisa de uma série de coisas. Aí eu pensei que eu tinha um vestido preto que até eu gosto. Um dia desses estava lendo uma entrevista com a Carla Bruni, que é muito chic, mas é chic porque ela é clean, não é pavona. Ela disse que abdicou de andar de saltos altos desde que*

ela começou a conviver com Nicolas Sarkozy²³, porque ele é um homem baixo. Aí eu pensei: 'se Carla Bruni pensa assim, porque eu não vou pensar?' (risos) O que eu fiz? Eu coloquei o meu vestido e coloquei uma sandalhinha, que minha irmã me deu, é uma sandália diferente, ela sempre descobre coisas diferentes, ela é melhor da grana do que eu... então ela descobre e quando sabe que eu poderia gostar, já me dá. Aí eu botei aquela sandalhinha, muito assim... com minhas tatuagens e minhas unhas roxas... aí eu cheguei lá e a primeira coisa, quando minha sobrinha me olhou, disse: Tia, como tu ta... tu é diferente mesmo. Ai, aquilo me fez muito bem. Eu não quero ser igual aos outros! Eu quero exatamente ser diferente.

Mais uma vez o ser diferente marca a construção de si como pessoa que se quer diferente e se alegra quando evidenciado pela jovem sobrinha.

A constante ideia de diferenciação que tanto marca a (auto)narrativa da Lourdes leva-me a voltar sobre o que ela contou no tocante à vaidade. Primeiramente, desprovida dela, e, ao longo dos anos, deixando-se afetar e enfeitar por outros valores, a ponto de, hoje, buscar aproximações com uma pessoa que, para muitos, é um ícone de elegância, muito a critério da mídia especializada em classificar condutas, evidenciando personalidades mundiais. Se comparada com a jovem Lourdes que, segundo seus próprios valores, na época, não suportava atitudes de *mulheres burguesas*, a Lourdes, hoje, já se permite escolher o vestido e a sandália que se combinarão para valorizar suas tatuagens. Percebo aqui que é nas e pelas tatuagens que a Lourdes está sempre pronta a nascer.

A descritiva desses momentos da trajetória de vida da Lourdes remetem a Hall (2006) na abordagem de como se dá a construção da identidade. Disse ele que a identidade é algo formado ao longo do tempo, em processos inconscientes, uma autorreferência que está sempre sendo formada, porque permanece sempre incompleta. Por isso o autor aconselhou que não se deve falar em identidade como coisa acabada, mas em identificação, como um processo em andamento.

Não resisto a pensar que, se a Lourdes encontrar uma outra forma de se diferenciar, na medida em que ela própria constata que as suas tatuagens já não cumprem com a função estigmatizante, espetacular que tinham anos atrás, estará seguindo, com esse fim específico, o que afirmou Hall (2006), quando falou de uma

²³ Nicolas Sarkozy é um advogado e político francês, que serve como 23º presidente da França. É também, juntamente com o bispo de Urgel, o co-príncipe de Andorra. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 12/09/2011.

falta de inteireza (sensação comum a todo indivíduo) que é preenchida desde o exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos sermos vistos pelos outros, o que faz com que, psicanaliticamente, “nós continuemos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade, porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude” (HALL, 2006, p.39).

Eu já havia percebido que estava falando com uma pessoa vaidosa, ainda sem poder definir de que vaidade se tratava. À medida que foi se narrando, vi que não seria aquela que se nutre de estereotípias produzidas pelas ideias de mercado vigentes, mas de uma vaidade plena de si mesma, de ser o que/quem é, ou, talvez, da consciência de um “estar sendo” que se (des)constrói na tensão e contradição dos modos, tempos e lugares em que foi se dando seu existir, histórica, política e socialmente.

Lamentavelmente, como já admitiu Lourdes, a tatuagem dos dias atuais é moda. E moda acessível a todas as idades e classes sociais. Moda democrática, globalizada e, assim sendo, cada vez mais banalizada. Uma curiosidade que me ocorre, também advinda da leitura de Ramos (2001), é que a tatuagem dos Maori, povos da Nova Zelândia, impõe-se como símbolo de diferenciação, somente possível a homens livres e nobres, assim, uma prática não permitida a escravos. Conforme já comentei, originalmente, essa tatuagem é facial, cujos motivos são espiralados, feita no rosto dos nativos, que é dividido em quadrantes, e cada curva do desenho possui um significado especial. Entendendo os Maori, entendo Lourdes: para eles e para ela, liberdade e nobreza são como “passaportes” da distinção.

Avançando, pergunto o que ela vai aprender na escola e, fiquei a ouvi-la dizer que vai tentar aprender com os diferentes, porque a escola é um lugar onde há muitas diferenças. Diferenças de todas as ordens, diferenças de todos os níveis, diferenças de todas as condutas; diferenças entre colegas, diferenças entre alunos, diferenças de instituições; diferenças de mantenedoras, diferenças de sistemas. *É um exercício de autocontrole. Eu me lembro do Althusser... ‘aparelhos de reprodução do sistema, aparelhos ideológicos do sistema’. Talvez, alguns anos atrás, servisse melhor para essa categoria, mas realmente, a escola ainda tenta domesticar o cidadão de alguma forma. É a função. E pra mim, essa domesticação (riso), ela é boa. Eu convivo com pessoas tão diferentes... eu convivo com colegas que são tão diferentes de mim...*

Diante disso, questioneei como poderia ser boa a domesticação, se ela leva à padronização. O que ela disse? Que é boa, porque devemos aprender a conviver, mesmo com aquela faixa mais retrógrada das criaturas que existem pela face da terra, e precisamos entender que ela tem o direito a se manifestar, precisamos entender que ela tem o direito a ter as suas ideias, e, por estarmos disputando espaços, tentaremos convencê-la do contrário. Como estamos ali, convivendo com ela, temos que aceitar o fato de que ela tem um lugar como o nosso. *E isso é bom, porque, quando eu entrei na Universidade, era bem aquele período da abertura política, então eu venho de uma escola e de uma formação que não é stalinista, mas é trotskista²⁴. Eu militei politicamente, eu participei do sindicato, eu participei de partido político e hoje vejo que eu tinha uma conduta extremamente autoritária, no sentido de quem não pensasse como eu, estaria errado. E hoje eu vejo que isso é um absurdo. Claro, isso é uma caminhada. Eu digo isto para os meus alunos: ‘embora seja um absurdo, se tu fores nazista, eu vou ter que respeitar teu ponto de vista. Só que tu vais ter que me convencer que o nazismo é uma doutrina aceitável, do ponto de vista da convivência humana. Se eu não me convencer disso, tu vais ter que te convencer do que eu digo’. Então, é nesse sentido que eu acho a relação, na escola, muito apaixonante, mas acho também ela muito medíocre. Poucos os professores e poucos os alunos que se dedicam a cultivar esse nível de discussão. Ou as pessoas entendem isso como uma afronta.*

Falamos de domesticação, de padronização. Poderiam ser outras e mais precisas as palavras. O que me desacomoda, de certa forma, ouvindo a Lourdes, é essa assunção da “cara lavada”, essa forma de dizer o que diz, simplesmente porque esqueceu a maquilagem, ou porque as ‘coisas’ não a requerem. É o que me passa quando, na reflexão que faz, não perspectiva uma 3ª. pessoa, a quem atitudes coercitivas e domesticadoras seriam adequadas. Ao contrário, se volta sobre si mesma, assumindo autoria em seus discursos, mesmo aqueles defendidos

²⁴ O trotskismo é uma doutrina marxista baseada no pensamento do político e revolucionário ucraniano Leon Trótski. É formulada como teoria política e ideológica e apresentada como vertente do comunismo por oposição ao stalinismo.

O Stalinismo ou estalinismo é a designação coloquial do ramo da teoria política e do sistema político e econômico socialista implementado na União Soviética por Josef Stalin e demais regimes semelhantes. O neo-stalinismo é o ramo moderno do Stalinismo, cuja denominação foi utilizada para definir a gestão stalinista de Leonid Brejnev na União Soviética. Críticos trotskistas do stalinismo afirmam que tal corrente é anti-marxista: alguns afirmam que é totalitária e mesmo fascista. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

em outros tempos e situações. Ela não emite críticas somente ao contexto de produção desses discursos, mas à consciência que tinha ao proferi-los, o que bem explicita sua queixa pela falta de uma prática do debate, da argumentação na escola. Problematizar-nos a nós mesmos, como enfatizou Arroyo (2007), é importante, se resultar num processo de desapego das imagens de professores, por nós amadas ou odiadas, que mais nos aprisionam que libertam.

E esse é um dos problemas que acometem à Lourdes, muito frequentemente, disse ela, por ser vista na imagem de uma pessoa autoritária, antidemocrática, pelo fato de que tem opiniões e de que gosta de expressar essas opiniões. E a conduta preferida, muito frequente, na escola, é que é melhor não falar, é *deixa assim...* Ela salienta que nós estamos em plena democracia e que fica impressionada com a falta de democracia existente. E não é porque o sistema impede. Hoje o sistema não impede. As pessoas é que não se habilitaram, não têm vontade de disputar esses espaços, porque é mais cômodo *deixar que os outros pensem por mim*.

E é nisso, segundo Lourdes, que a escola é apaixonante. Eu procuro acompanhar esse pensamento, pois ela diz isso, falando com o corpo todo que, quando encontra parceria nesse sentido, é muito bom. Eu pergunto se ela tem encontrado esses parceiros. *Muitos! No ensino médio! Olha, eu tenho lido muita coisa sobre ensino médio, que o ensino médio está um caos. Ou eu estou louca, ou todas as informações e estatísticas estão equivocadas. Eu tenho alunos maravilhosos. Eu faço aulas, convido as pessoas para assistir, eu abro as minhas aulas. Tem vários ex-alunos que estão na Universidade que vão observar as minhas aulas, das mais diversas e diferentes áreas. Agora, dois meses atrás, uma menina que faz física pura foi assistir a uma aula minha. Eles (uma iniciativa da UFSM²⁵) estão fazendo um trabalho no qual se envolvem alunos de vários cursos da Universidade, das graduações, das licenciaturas e dos bacharelados. Eles querem eliminar essa ideia de que o conhecimento da área da física, da música, da área da história e da geografia são insuportáveis, não tem mais campo. Eles querem motivar os alunos do ensino médio a pensarem sobre as áreas e, então, ela foi assistir às minhas aulas. E disse o seguinte: ‘Professora, a primeira pessoa em quem eu pensei para abrir o meu coração e pedir para vir assistir as aulas foste tu’. E olha que nós temos visões muito diferentes sobre o que é o gosto pelo conhecimento. Ela*

²⁵ Universidade Federal de Santa Maria – RS - BR

gosta de uma área que, para mim, são hieróglifos... Então... eu tenho muito prazer em trabalhar com o ensino médio. E o Cilon Rosa, a despeito de todos os problemas que tem, é uma escola onde adoro trabalhar, os alunos são muito receptivos. Até vou te mostrar... uma menina escreveu uma carta para mim, agora no fim do ano que eu fiquei encantada. Então, se a gente se propõe a ser honesto e a fazer um trabalho honesto e se abrir para as possibilidades... os alunos têm muita coisa. Hoje, com internet, como é que eu vou achar que eu sei muito? O que eles trazem de informação é uma loucura. Então é isso, eu gosto da possibilidade que eu tenho de dialogar com eles.

A inquietação das pernas, dos braços e a elevação acalorada da voz da professora ao falar de suas relações com os alunos do ensino médio em sala de aula levou-me a fazer uma marcação na folha dos meus registros durante a entrevista, que não me deixaria esquecer do artigo que Zuben (1998) escreveu sobre a “sala de aula” (grifo do autor), buscando em Hannah Arendt a parceria para fazê-lo desde ‘um pensar apaixonado’ sobre esse espaço, que diz ser uma das primeiras grandes buscas que cada um de nós empreende. É nesse ‘espaço de ação’, disse o professor, que se desenrolam mais intensamente as articulações e contradições entre o eu e o outro, entre o passado e o futuro, entre a tradição e a revolução. E mais: entre a criatividade e o conformismo, entre a fala dialógica e a fala impositora, entre a difusão de idéias entre pessoas e a infusão de idéias sobre as pessoas.

A "sala de aula" é, antes da emergência do conceito, o horizonte dos meus possíveis, o instante inovador na vida do indivíduo, lugar existencial que compõe com outras dimensões do existir a trama da história social dos indivíduos. Sala de aula: espaço revolucionário, espaço plural de liberdade e de diálogo com o mundo e com os outros (ZUBEN, 1998).

Concordo com a Lourdes quando ela diz que talvez seja isso (agora apaixonadamente explicitado pelo professor) o que ela não tenha no ensino fundamental, para cuja atuação não encontrou a didática, por não ter tido a formação necessária. *E tu sabes uma coisa que me incomoda? Eu sinto que eu sou... eles não gostam de mim no ensino fundamental. Eu sinto que eles têm uma resistência a minha pessoa. Às vezes até dou risada. No dia da consciência negra nós tivemos uma atividade bem interessante. O vice diretor colocou um vídeo e nós fomos escolher a ‘Garota Consciência Negra’. Eu odeio essas coisas todas (eleições*

de beleza etc.). Mas esse eu achei interessante, porque passou pelo critério do conhecimento e da consciência sobre o assunto. E aí nós tínhamos várias candidatas. E inclusive a idéia da avaliação era se soltar, dançar um pouco de samba. O professor escolheu o samba da Vila Isabel, de 88, Kisomba, a festa da raça, maravilhoso... e aí todo mundo, bem envergonhado e eu levantei: vamos sambar! Aí, comecei a puxar as gurias e outro professor disse assim: 'isso é pra vocês verem que a professora Lourdes não é, assim, tão ruim como vocês pensam (risos). E eu fiquei pensando... 'eles têm essa ideia de mim, sabe... Não consigo mudar isso! Eles me detestam, sabe... Com raras exceções'. No fundo eu acho que eu gosto desse estereótipo que eu tenho: sou má! Eu estou chegando na sala de aula e aquilo é um corrimaço (sic), todo mundo corre e senta. Então eu vivo um personagem no ensino fundamental muito interessante, por um lado, mas que me consome muito, por outro lado, sabe... eu criei uma idéia de que eu sou uma demônia (risos). E quando eu tento transgredir um pouco a demônia, eu não consigo porque eles enlouquecem... sabe... e tem turmas que... eles são, até mais afetuosos... sabe... Então, assim, quando está um dia agradável e eu estou conversando com eles, vem uma conversa interessante... tem uns que são a coisa mais querida... daí me solto um pouco e eles enlouquecem... sobem em cima das classes, enlouquecem... Aí eu tenho que fechar a cara de novo, o que eu vou fazer...? Então...como isso é difícil! E isso eu acho apaixonante no magistério, isso eu acho apaixonante na nossa profissão, mas isso é tão pouco debatido, tão pouco discutido: como nós temos que, realmente, usar máscaras!

Nesse e em outros momentos da sua narrativa de professora implicada nas questões políticas da profissão, há referências à necessidade da criação de personagens e do uso de máscaras. A composição do personagem, com o que tanto contribuem as tatuagens, tem que ser mantida, sejam ou não essas máscaras adotadas no sentido de agradar aos que a admiram ou enfrentar os que a repudiam. De qualquer maneira, penso eu, que são as máscaras construções artificiais (construídas pela arte) e, assim sendo, passíveis de, se por demais interiorizadas, destruírem o contato de quem as porta, consigo mesma.

Convido Arroyo (2007), mais uma vez, para ajudar na compreensão desse condicionamento, francamente assumido pela Lourdes, mas tão pouco discutida – concordo – pelos professores, que são as nossas máscaras. Ele lembrou de ter assistido a uma entrevista de uma atriz de teatro à qual era perguntado o que a

personagem tinha a ver com a mulher-atriz e como separar a personagem do humano de quem a representa. Aludindo aos papéis desempenhados pelos professores e professoras, à incômoda imagem social na qual se constitui a imagem social do magistério, Arroyo perguntava “como tirar a máscara de professora, de professor quando termina o espetáculo da docência? A máscara virou um modo de ser?” (p.28)

Quando perguntei como ela lida com seus afetos, disse que ‘meio mal’. Meio mal, devido à passionalidade? Disse que é capaz de arroubos de um amor incondicional e, ao mesmo tempo, capaz de arrancar um fígado! Eu quis saber em que circunstâncias, ao que respondeu que age assim, se não correspondida, traída, vilipendiada, enfim, no geral... e disse entender que tudo isso vem da infância, pelo fato de ter sido, sempre, *muito controlada, controlada, controlada*, e quando se viu livre, deu vazão a isso tudo. Mas admite algo que eu estava observando: *eu gosto de ser assim. Eu gosto de ser assim e sou assim, de uma maneira geral, em todos os meus afetos. Passionalidade presente sempre. Tanto que eu digo: ‘eu não sou dinheiro; não gostou de mim, acabou e deu. Ou tu entendes que, até o final do ano eu serei a tua professora e tu vais ter que dançar conforme a música, ou nós vamos ter que mudar o ritmo’. Mas... eu gosto de certa forma disso. Isso também é um discurso autoritário que, ao mesmo tempo eu nego aquele pai, tem um lado que é apaixonante. O poder de mandar é um troço que é interessante. Quem é que não gosta de ter poder?*

Poder. Lembrando que, quando a Lourdes se referia aos primeiros tempos de magistério, havia mencionado o poder, que me pareceu estar falando de um poder de sedução, sempre presente na relação educativa. Agora o reiterou, em outras bases. Eu comentei: ‘Interessante tu admitires o quanto gostas de ter poder e assumir esse poder, porque ele está sempre velado nos discursos educacionais...’ Ela explicou: *E é esse poder oculto que tu dizes. Não é o poder de ser direção da escola, não é o poder de ter um cargo. O poder da tua relação com o aluno, que nós temos e isso é uma das coisas que nos fragilizam, porque tem um discurso aí que diz que professor não pode mais nada. E vem lá de cima o discurso do professor coitadinho. Ta certo que nós enfrentamos dificuldades, mas na tua sala de aula, se tu souberes te impor, na tua sala, na tua escola, se tu souberes te impor, como eu já tive muitos pais que vieram querendo pisar em cima da mim, eu boto eles todos nos seus lugares. Por exemplo, as minhas tatuagens. A mãe de uma aluna, que ficou*

com “I” no terceiro trimestre. Sabe aquele tipo de aluna que não estuda, não quer nada com nada, quando recebe o resultado, a culpa é do professor. Aí vai chorar as pitangas pra mãe. Aí o que a mãe disse? A mãe foi lá na escola e fez um escândalo. A diretora perguntou quem era a professora. Ela respondeu: ‘Aquele que tem um monte de tatuagens’. Tipo dizendo aquela que é uma jeca. Aí eu me armei. Peguei minhas armas. Então venha! Agora tu vais ver onde tu foste te meter!

Gomes (2006), num estudo que buscou analisar como são as formas de poder das organizações escolares e demonstrar como, nas suas relações de poder, o professor constrói sua subjetividade, constatou que, entre uma organização castradora que reprime, e sedutora, que integra, os professores se resignam, resistem e se constituem como sujeito sofrente, reativo, vivo e concreto, enfrentando seus limites e desejos mais profundos como o medo da perda (pesquisou entre professores de escolas particulares) e o desejo de ser reconhecido e amado, construindo, assim, sua subjetividade, sua afetividade. Pires (2005) lembrou que os nossos ritmos de vida, que tanto isolam os nossos corpos de outros corpos, faz com que o tato – que é o sentido que primeiro desenvolvemos –, o contato, a expressão e a impressão da corporeidade se percam e se distanciem do nosso cotidiano. E, professores do ensino fundamental, temos esse cotidiano compartilhado, em salas de aula, com crianças e pré-adolescentes, que, sabidamente, manifestam seus afetos e desafetos como encontram possibilidade, nem que seja subindo *em cima das classes*.

Pedi que a Lourdes falasse mais em relação aos afetos. E quis saber como é isso na escola, pois percebi que ela sofre por ter essa passionalidade. *‘Sofro’. Sempre que tem algum problema os colegas se reportam a mim para eu ser a porta-voz. Para reivindicar, para abrir a boca... várias vezes foi bom e em outras tantas me meti em saias justíssimas. É aquela história... tu constróis o personagem e tu sabes o que as pessoas esperam de ti. E naquele momento, em que tu tens que fazer o que as pessoas esperam de ti, tu estás num dilema, porque, se eu fizer o que as pessoas esperam de mim, vou queimar meu filme com alguém. Se eu não fizer, eu também vou queimar. E é um espaço de tempo muito mínimo pra ti tomar a decisão. Isso talvez seja uma das minhas dificuldades. Como o espaço de tempo é mínimo, eu tomo as decisões. Se elas não foram decisões adequadas, o azar é delas. Porque a grande maioria não quer saber. Mas, ao mesmo tempo em que isso acontece, tem outra coisa... eu gosto muito. Tem várias coisas que eu gosto e essa*

é uma delas. Por vaidade, eu comprei uma briga, e será que realmente estou convencida de que aquilo era o que eu deveria questionar ou se foi por uma vaidade minha, porque os outros esperam isso de mim? Talvez esse seja um dos descuidos que eu tenho e as pessoas me enxergam assim, então, qualquer bucha de canhão que tem já me enxergam. A partir daí tu falas, tu reclamas e eu visto o uniforme direitinho e desempenho. E isso, muitas vezes eu sinto que me dá uma sobrecarga e eu fico pensando... aquilo nem era muito comigo, por que eu me meti? Bem... fazer o quê? Já tinha entrado mesmo...(risos.)

Relendo esse fragmento de si em que a Lourdes dispara suas inquietações, lembrei de um samba da Alcione no qual “ela” discorre sobre os desencantos de um relacionamento, mas acaba por concluir que, *se ele vem me buscar, o pior é que eu gosto...* Para a Lourdes, aposto, *o melhor* é que ela gosta. Busco em Morin (2008) a explicação para essa humana condição que lhe permite não sofrer passivamente os determinismos e acasos do ambiente e tomando a decisão nas situações ambíguas, incertas, onde é possível, escolha. Disse ele:

Ao mesmo tempo, esse ser vivo não só extrai do ambiente os alimentos e informações que lhe permitem ser autônomo, mas também sofre os acontecimentos de sua vida que, construindo seu destino, constituem também sua experiência pessoal. Há, portanto, autonomia do indivíduo-sujeito em e por dupla subjugação (MORIN, 2008, p.325).

Eu sou uma pessoa que pareço muito rígida, muito autoritária, mas eu sei enxergar o lado do outro. Sei me colocar na pele do outro. Lourdes lembrou um momento na escola em que percebeu que uma colega estava adoecendo pelo sofrimento causado por uma disputa por um cargo. No momento em que essa colega expôs sua fragilidade diante do grupo de professores, se emocionando muito, causou, também nela, um desespero, não aguentando manter-se silenciosa. *Aí, aquilo começou a me dar um desespero, um desespero e isso é uma coisa que eu não aguento. Eu não consigo ficar de boca fechada. Veio uma coisa assim em mim e eu disse: ‘Olha, eu estou num sofrimento, porque eu não aguento e tenho certeza que a maioria das pessoas que estão aqui estão mortificadas. Tu estás adoecendo visivelmente. Será que vale a pena tu adoeceres por causa disso? Será que um cargo tem esse valor? Será que isso representa tanto? Tu achas que esta comunidade merece? Tu vais adoecer e se tu adoeceres, não tem cargo que pague a doença’. E aí ela desabou chorando. Eu levantei e fui dar um abraço nela. Mas,*

imediatamente, pensou se devia, realmente, ter feito aquilo: *‘Será que não deveria ter mantido a boca fechada?’*

Depois, continuou, quando sentou os pés no chão, pensou que fez o que sua consciência mandou. *‘Se gostaram, gostaram; se não gostaram, ta feito’*. Isso tudo ela acha uma coisa positiva. *Eu tenho complexo de Robin Hood. Eu sempre tomo as dores dos mais fracos. Na sala de aula, quando dá qualquer encrenca, se alguém discrimina alguém, eu faço um carnaval. Eles me dizem que é normal. ‘Professora, por que a senhora fez isso?’ Um dia, um menino chamou uma menina de crioula fedida. ‘Tu achas normal?’, eu disse. ‘Isso não é normal. Isso é uma vergonha, isso é um desespero, isso é uma falta de respeito. E vou fazer uma ocorrência, porque isso é discriminação racial. É crime inafiançável, previsto na constituição federal!’ Eles ficam loucos: ‘Por que a senhora faz tudo isso?’ E eu: ‘Se tu estivesses na pele da tua colega, tu gostarias? Então, eu não consigo. Eu faço cada escândalo, que mobiliza corações e mentes! Talvez, para alguns, signifique nada, mas pra mim é importante...*

Diante da forma apaixonada como demonstrou defender suas ideias e pelo que disse por último, quanto ao significado ou à proporção que as idéias e as atitudes tomam, para ela, em relação aos demais, perguntei se ela já teve minimizadas suas ideias e atitudes e ela não hesitou em afirmar que *quase todas*. E lembrou que, embora tenha os seus erros, e ela sabe que são muitos, saiu de muitas escolas, muito mais por ter posto o *dedo na ferida* do que realmente porque estivesse errada. *A nossa tendência é acobertar as falhas uns dos outros, porque nós estamos tão cagados das baratas, nós estamos tão mal das pernas, só que eu não sei se isso, ao invés de nos ajudar, não nos desmoraliza mais ainda, nos descredencia mais ainda. É por isso que o CAIC é uma escola onde eu me sinto bem, com todas as dificuldades... Eu tenho uma fama e ainda assim sou respeitada. E ainda assim sou respeitada. Isso é o que eu fico pensando... Os problemas que existem, e existem muitos... Eu sou muito usada também pra me ferrar... É porque eu sou assim, mas eu prefiro ser assim, tendo esse lado humano. Eu não quero o que eu acho o mais detestável na face da terra: um corpo com o bundão sentado, esperando a tarde inteira que as coisas lhe caiam pela cabeça. Eu sou humana, tenho sangue correndo nas veias, tem coisas que me destemperam de um jeito... e é isso. (..) Mas é que a gente está acostumada a viver na sociedade da acomodação, né...*

No Cilon também, embora o Cilon seja uma escola que tem um perfil ainda um pouco conservador, ela é uma escola que vem mudando. Ela é uma escola que tinha um estereotipo da boa escola para fazer os alunos entrarem na Universidade. E hoje tem uma turma muito nova, não nova na idade e eu tenho uma tese de que é meio fajuta essa história de que professor novo é melhor que professor velho. Tem professor novo que é muito mais conservador que professor velho. Mas tem um novo grupo de professores, e eu me considero desse grupo. Vai fazer cinco anos que estou lá. Têm uma outra visão sobre a educação que a gente está conseguindo construir. Não é que a gente queira abandonar a ideia do conteúdo, que isso continua sendo fundamental, porque vestibular é fundamental, mas não é um fim em si mesmo, ele pode ser trabalhado de outra forma. Então, pra mim, é um prazer trabalhar. O desprazer é no final do mês, o salário baixo. Um desprazer são os alunos, especialmente do ensino fundamental, mal-educados, abusados, sem noção, sem limites, que vêm de uma realidade que eu não acho que seja de uma realidade de exploração, eles são é mal-educados mesmo, de uma geração que está sendo criada com a ideia de que eles são os donos do mundo, e eu bato muito contra isso, então, por isso sou muito malvista por eles. Se chegares lá e entrevistá-los, eles vão falar horrores de mim. E vão mesmo, eu sei disso, eu tenho consciência. Porque eu sou autoritária com eles. Eu sou porque é a técnica que eu consegui desenvolver para manter controle da situação. Infelizmente, com raras exceções. Eu tenho dois nonos anos que dá para se soltar um pouco mais. Numa eu sou conselheira, então eu consigo um pouco mais fazer esse diálogo, mas nos sétimos anos, as antigas sextas séries, minha vontade é levar um relho, sem mentira nenhuma, porque é impressionante. Eles me consomem a mente. Eu chego à tardinha em casa e eu sinto um vazio. Eu tenho que me sentar, e isso é muito difícil pra mim, porque eu gosto de falar. O meu marido era professor e se aposentou já faz dois anos e agora ele trabalha com vendas, então ele diz: 'não quero mais nem ouvir falar em colégio!' E eu chego em casa e tenho vontade de falar, falar, falar, falar o que foi bom, falar o que foi péssimo. Às vezes fico pensando: o que eu quero falando...? eu sofri tanto com isso e quero continuar falando... isso é masoquismo! Então, o ensino fundamental é muito difícil pra mim. Eu acho que se eu tivesse um apoio maior, porque a escola não tem mais... direção, orientação educacional, as pessoas estão sobrecarregadas de trabalho, então tu não tens mais aquele apoio e tu tens que resolver as questões praticamente sozinha. Então, é muito

desconfortável isso tudo. O que seria negativo, pra mim, é isso: o reconhecimento financeiro pouco, o desgaste mental e emocional do ensino fundamental e o estereótipo que existe na sociedade de que a nossa profissão sobrou. Não deu pra médico, foi ser professor; não conseguiu fazer direito, vira professor de português; não conseguiu entrar pra jornalismo, virou professor de história. Tem todos os cursos correlatos, inclusive (riso). Já é certo.

Somos, assim, conduzidos por nossas tantas marcas, imagens que se constituíram pelo significado que demos às experiências que as ocasionaram, podendo estas resultarem na nossa rigidez afetiva, ou forjarem-se em potência. Lévy (1996) entende que as experiências que temos sobre as coisas misturam-se com imagens. E, segundo ele, ligam-se por inúmeros fios ao inestável emaranhado das vivências.

6.5.1 Do trânsito entre o desejado e o vivido

Ela diz que, do ponto de vista pessoal, o que aconteceu de forma inesperada foi o fato de que nunca imaginou que ia ficar doente, e isso foi uma coisa que lhe causou umas perdas, mas alguns ganhos. Ganhos, porque reconhece o câncer como 'bom', quando ele se presta a ser um *escudo*. Em relação à vida que ela e as irmãs tiveram, pela criação que tiveram, pelo ambiente familiar no qual foram criadas, com o tipo de acompanhamento, principalmente da figura paterna que tiveram, que é tão fundamental para uma menina, ela pensa que, sinceramente, ela e suas irmãs conseguiram muito, que foram muito longe. *Se eu botar na balança, no somatório geral, se eu pegar toda minha vida e analisar, eu não vou te fazer drama, aqui, mas, se eu te contasse toda minha vida dava um remanso, como diz o gaúcho.*

Do jeito que foram criadas, pondera, com as dificuldades que tiveram, foi grande a superação, o que não a impediu de acumular várias insatisfações. *Talvez, se tivesse sido mãe, e uma boa mãe...* Embora lute contra esta frase feita: "A mulher deve gerar filhos", isso talvez seja uma das coisas que vai lhe deixar um gostinho de insatisfação, até pela questão científica, de deixar seus gens por aí, que serão perdidos. Depois há as coisas materiais que ela gostaria de ter, como um nível econômico melhor, uma casa melhor, gostaria de ter condições econômicas de viajar para o exterior, de ter carro, mas nada que fossem *aquelas coisas de pessoa rica. Coisas de uma pessoa que pudesse ter o seu trabalho reconhecido e*

valorizado, como se faz nos países civilizados. Isso é o mínimo. Isso é uma coisa que me traz uma certa insatisfação.

Como tudo, para ela, tem o lado negativo e o lado positivo (talvez uma das suas próximas tatuagens seja o *in* e o *yang*, exatamente por isso), ela se orgulha pelo fato de que, ao mesmo tempo que nós vivemos com esse salário de professora, ela é uma pessoa que sabe administrar a vida financeira, de uma maneira que considera impressionante. Nunca entrou no cheque especial, o que lhe confere uma característica de pessoa muito capaz. Então, viver na sociedade em que vivemos e com esse salário, sabendo levar a vida, isso lhe dá muito prazer.

Nessa caminhada, uma coisa que tem lhe incomodado nos últimos tempos é não ter muita convivência com sua família de origem. Em função de toda uma história de vida, ela, as irmãs e a mãe são muito separadas. Sua mãe mora em Santa Maria, mas se falam por telefone, e podem ser contadas nos dedos as vezes que Lourdes recebeu a visita da mãe. Às vezes ela chora e se desespera por isso, sempre conflitada entre seus 'opostos', sua dualidade, principalmente quando reflete nessas fases de fim de ano, que ela detesta, ela pensa que a vida é cruel. Mas, imediatamente cai no outro lado: *Que saber? Vai à merda, não quero nem saber!* E volta, então, a pensar: *'eu não tenho que resolver nada'*. Para equilibrar um pouco, a família do seu companheiro é o oposto, eles são vários irmãos e bem unidos, e mesmo que a maioria não viva em Santa Maria, Lourdes convive mais com eles que com a sua família.

Na vida profissional, o que faz Lourdes sentir muito prazer, o que a faz continuar é que ela respeita a sua profissão, por ser dali que vem o seu sustento e, por mais que o seu pai tenha sido ruim, na opinião dela, esse valor ele passou. *Eu respeito muito minha profissão. Eu sou cumpridora das minhas funções. E com isso os alunos se desgostam profundamente* (risos). *Eu não falto nunca! No dia em que eu faltar, pode saber que eu morri. Eu não falto, não chego atrasada, eu entrego tudo no prazo, me escabelo, sou capaz de morrer, mas eu faço conforme tem que ser feito. É verdade que, se eu acho que não deve ser feito assim, eu discuto que não deve ser feito. Mas depois que a decisão foi tomada, eu respeito a decisão e faço como foi determinado. Eu respeito minha profissão, eu gosto de trabalhar com adolescentes, especialmente como ensino médio. Eu gosto da convivência, eu gosto do nosso material, eu acho isso encantador, eu acho isso impressionante, eu acho que isso é o que liberta realmente o ser humano, é o conhecimento. Mas ao mesmo*

tempo me dá aquela tristeza de ver que, ao mesmo tempo que é tão encantador e tão libertador, é tão desvalorizado, é tão menosprezado, desacreditado. É uma coisa contra a qual eu tento lutar e para eu não cair nesse descaso. A gente tem a tendência a reclamar. Ai... é um fardo isso... E eu faço isso também, mas me dou conta. Quando começo a fazer muita reclamação, azar o meu, né... E é todo mundo falando mal dos alunos, todo mundo reclamando, todo mundo reclamando e eu reclamando também, e um fala mal de um e de outro, fala mal do governo, fala mal disto, fala mal daquilo. No fim, para onde tu olhas as pessoas estão reclamando. Isso que é mais mortificante. Mas o que vou fazer?

Lourdes contou de uma conversa que teve com a diretora do CAIC, uma pessoa de quem gosta muito. A diretora disse que ela era uma pessoa resiliente²⁶. Até então, Lourdes não sabia do que tratava o termo que, a princípio achou bonito, mas não entendeu. Foi entender quando ouviu que era capaz de ir ao fundo do poço, mas, ao mesmo tempo, que tinha vontade, que tinha força para ressurgir, para se recompor, para se reconstruir, para se fortalecer. E fiquei sabendo que uma tatuagem nesse sentido é uma de suas pretensões. Disse estar à procura de alguma coisa assim, mas que não quer cair na fênix²⁷, porque já está muito *manjada*. Lourdes, na reflexão que fez, depois de pesquisar o termo, pensou que tem a ver, realmente, com o metal. E que gosta muito da diretora também por isto: gosta que as pessoas a analisem. *Ao mesmo tempo em que é chato, de certa forma, porque tu ficas, assim, desnuda, eu acho um desafio interessante. Eu gosto que falem de mim. Ao mesmo tempo em que eu me mostro tanto, eu tenho dificuldade de estabelecer relacionamentos, vínculos afetivos, sabe... eu digo para os meus alunos: 'Por que ter vergonha de falar? Falar em público não é problema. O verdadeiro tímido não é*

²⁶ A resiliência é um conceito psicológico emprestado da física, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse etc. - sem entrar em surto psicológico. No entanto, Job (2003), que estudou a resiliência em organizações, argumenta que a resiliência se trata de uma tomada de decisão quando alguém depara com um contexto de tomada de decisão entre a tensão do ambiente e a vontade de vencer. Essas decisões, propiciam forças na pessoa para enfrentar a adversidade. Assim entendido, pode-se considerar que a resiliência é uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 23/08/2011.

²⁷ A fênix ou fénix (em grego φοῖνιξ) é um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em auto-combustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. Outra característica da fênix é sua força que a faz transportar em voo cargas muito pesadas, havendo lendas nas quais chega a carregar elefantes. Podendo se transformar em uma ave de fogo. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 12/09/2011.

aquele que não fala em público. Falar para cem pessoas com quem tu não tens intimidade é a coisa mais fácil que tem; difícil é tu falares, dialogar com quem está ali, no dia a dia, que sabe onde estão teus pontos fracos, tuas dificuldades, onde estão tuas fragilidades. Isso pra mim é difícil'. É uma das coisas contra as quais eu luto. E as pessoas têm esse conceito, porque eu falo em público, porque eu falo numa assembleia. Metade das pessoas que estão ali, eu só vejo numa assembleia, eu não tenho a menor intimidade com elas. Agora, com as pessoas com quem convivo no dia a dia é outro departamento. São essas coisas... sou muito disciplinada para o trabalho, mas sempre sou questionadora.

A diretora da Lourdes expôs a imagem que tem dela. E os alunos, que imagem terão dessa professora? Ou melhor, que imagem a Lourdes pensa que os seus alunos têm dela?

No ensino fundamental, ela afirma que é uma imagem muito ruim, como já comentou várias vezes. Ela pensa que os alunos a veem como uma pessoa autoritária, infeliz, insatisfeita, e dão a ela essa impressão de que eles a enxergam assim, porque ela sabe que passa isso pra eles, por estar sempre resmungando.

São raros os momentos nos quais ela consegue ter mais tranquilidade, que pode conversar de coisas mais amenas. Até já tentou mudar várias vezes, em vários anos. Neste ano mesmo, na pior turma que tem, já tentou até conduzir uma meditação, com respiração apropriada, olhos fechados, que tinha tudo para dar certo, mas não durou mais do que cinco minutos. Contou que, quando chegou na quinta vez (respiração profunda), não teve jeito. O (...), um rapaz de 16 anos, se atirava no chão. *Ele é querido, o pior é isso. Ele é querido, é afetuoso, mas eu não acesso ele. Não entro na lógica dele e como não entro na lógica dele, nós não conseguimos manter contato. E, assim, eu me mortifico, porque eu não quero ser agressiva com ele, eu tenho simpatia por ele e sinto que ele tem simpatia por mim, mas ele não me aguenta, sabe... Ele sai da aula. Um dia ele me disse: 'professora, eu não gosto das suas aulas. Eu gosto da senhora, mas eu não gosto da suas aulas'. Eu disse: '(...), também gosto de ti, mas não gosto da tua postura durante as aulas. Nós tínhamos que achar um meio termo, né...'*

Como no ensino fundamental, ela tem certeza de ser muito mal vista, e aproveitando minha disponibilidade para pesquisar, fez-me um convite: *Nem sei se teu trabalho implica isso. Se tu conversasses com eles... porque eu tenho interesse de saber disso, eu teria uma enorme satisfação em saber se realmente é isso.*

Vamos fazer isso? E daí tu perguntarias tudo que te viesse à cabeça, que tu fizesses a mesma coisa que está fazendo aqui, claro que pra eles, estabelecendo qual é o perfil que eles têm de mim. Eu acho que eles me detestam. Literalmente, eu ficaria imensamente feliz se a minha opinião estivesse completamente equivocada, mas acho que está adequada. Gostei da ideia e esse será, em breve, um desafio que enfrentarei, entendendo já como um dos desdobramentos da pesquisa. E no ensino médio, pelas declarações que os alunos fazem, pelo que falam, pelo que escrevem, pelos depoimentos no Orkut, têm uma outra visão.

Agora, começamos a falar de como a Lourdes se deixa marcar pelos alunos, assim como das marcas que ela traz dos alunos nos últimos anos, pois ela já comentou a respeito dos alunos que a marcaram em outras fases da carreira. *Sim, me deixam marcar. Vários me dizem: 'professora, é a primeira vez que eu gosto de história, é a primeira vez que eu vejo que história não é tão fácil assim como dizem, não é só escrever qualquer coisa, não é só marcar xizinho', porque eu passo o ano batendo nessa tecla, eu faço eles fazerem redação comigo, eu uso questões do vestibular, é claro, questões do ENEM, questões dos concursos que vão fazer, eu faço debates em sala de aula. Com a internet é que eu ainda me sinto um pouco insegura. Eu tenho ainda dificuldade nessa área tecnológica. Eu me sinto insegura, eu já tentei criar um blog, mas não funcionou muito bem, até porque eles também terminaram não se interessando, porque eu acabei tomando conta e na verdade a ideia era pra eles e eu me meti. Mas eu vejo que, no ensino médio, eu tenho resultado, é um resultado de respeito, é um resultado de consideração, é um resultado de admiração. Ah! Isso me faz tão bem! Tu não imaginas... A bobagem que pode ser... mas na questão da tatuagem... uma menina: 'professora eu vou fazer as tatuagens iguais às da senhora'. Fez uma aqui, fez outra aqui, fazendo todas as minhas tatuagens, e cada uma que ela faz, ela me mostra. Vai fazer vestibular agora para Veterinária, eu disse: 'sua boba! Tu tens que ir para a área das humanas!' Ela: 'mas eu gosto muito dos bichinhos. Mas eu gosto muito da senhora também'. Então, é muito satisfatório, sabe... Sinto resultado, tanto do ponto de vista do conhecimento, do ponto de vista cognitivo, quanto do afeto, das relações interpessoais. Tem uma coisa que me faz pensar se é isso mesmo que eu quero dizer ou se eu estou equivocada, porque tem um discurso aí na área da educação, que a educação depende do prazer, a educação depende do afeto. Aí eu fico pensando... a vida não é só prazeres. A vida é sacrifício. A vida é dificuldade. Se tu*

vais para uma sala de aula só para obter prazer, há 90% de chance do conhecimento não atingir seu objetivo. Eu não sei até que ponto não se confundem prazer, afeto com disciplina.

Argumentei que isso depende da concepção de afeto e comentei sobre uma palestra a que assisti, na qual uma professora dizia não andar com nenhum aluno pendurado no pescoço, mas todos os alunos, assim desejando, terminam o semestre com um livro escrito junto com ela. Concluindo, perguntou à plateia se poderia existir, em termos de uma relação no espaço acadêmico, maior demonstração de afeto e consideração.

Lourdes continuou sua reflexão, dizendo desejar ter mais clareza quanto a essas relações, na medida em que existem os dois extremos, sempre convivendo, os dois estereótipos de professores: o bonzinho, com quem todo mundo mete a mão, que fazem o que querem e o carrasco, aquele de quem todo mundo tem medo, aquele que reprova todo mundo, mas é *o bom professor*. Lourdes pensa que seja o equilíbrio o ideal. *Eu não preciso ir a festas e tomar um porre com os alunos pra ser uma boa companheira. Companheira para orientá-los e fazer com que eles tenham condições de entender o conteúdo que está sendo proposto e encaminhar os alunos na vida deles.* Freire (1996) mostrou-nos que a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. Ele disse não se poder permitir a interferência da afetividade no cumprimento ético de seu dever de professor no exercício de sua autoridade, bem como o condicionamento da avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

Ironiza ela: E aí, no ensino médio, eu sou um pouco mais feliz, sabe... Mas no ensino fundamental eu estou esperando que uma pesquisadora verifique (riso)...se eu estou na boca do povo... (riso).

Perguntei se ela tinha lembrança de algum momento em que se deixou marcar pelos alunos. Lourdes iluminou-se: *'Nossa! Várias!'* Eu pedi que contasse uma. *Nossa! Muitas, várias, várias, várias... vou te mostrar.* Então, agitada, revirou seus guardados e encontrou a carta à que já havia se referido anteriormente, escrita por uma menina do ensino médio, e entregue a ela no último dia de aula, quando se despedia dos alunos. A menina, que Lourdes diz ser uma aluna querida, maravilhosa, estava por perto, esperando. Lourdes perguntou se ela queria falar e a menina entregou a folha dobrada e disse que Lourdes a lesse somente quando chegasse em casa à noite, com bastante atenção. E a professora fez exatamente

como a aluna mandou. Somente foi ler à noite, quando chegou em casa. Ela leu a carta para mim:

“Querida esquerdista: Pode parecer infantil, mas eu acho que uma carta informal, assim, traz mais sentimento que um depoimento no Orkut, hehehe. Queria te escrever, a ti e a outras pessoas especiais como tu, porque é a única maneira de eu conseguir expressar todo carinho e admiração que eu tenho por você. Neste período de transição pelo qual estou passando, percebi que, quando a vida nos dá desafios, ela também apresenta pessoas que nos ensinam a enfrentar esses desafios. Tu, Lourdes, é uma dessas pessoas, porque me ensinou a refletir, a pensar um pouco mais no coletivo, a procurar ser sempre justa, a valorizar a verdadeira democracia, a ser “tiet” do Che Gevara. Não, isso eu já tinha aprendido. E o mais admirável: me ensinaste tudo isso e mais tantos outros valores pela única maneira que se pode ensinar alguém, pelo teu exemplo. Contigo aprendi também a me descobrir um pouco mais, a formar opinião frente aos mais polêmicos temas. Bem, quanto a isso, nem sempre estamos de acordo, mas como uma amiga comunista nossa um dia me disse, os caminhos que defendemos são diferentes, mas o resultado que queremos é o mesmo. No fim, queremos a mesma coisa.

Queria que tu soubesses que eu enxergo em ti uma grande amiga e por isso te digo. Certa vez tu comentaste que a função de um professor do ensino médio era não só preparar os estudantes para o vestibular, como também prepará-los para a vida. Tu cumpriste essa função brilhantemente e ainda de vestido e All Star. Não sei se vocês, professores, sabem o quão marcantes vocês podem ser na vida de um estudante. Também não sei se vocês sentem a nossa falta, nem se vocês gostam de nós tanto quanto eu gosto de ti, mas mesmo assim, espero que tu não me esqueças tão cedo, porque, independentemente do que acontecer na minha vida daqui para a frente, vou sempre lembrar da esquerdista que, mesmo involuntariamente, me ajudou a criar asas e voar.”

Eu achei muito lindo e chorei. Lourdes, emocionada com a leitura, perguntou se eu podia imaginar a alegria dela ao receber uma carta daquelas. É justificando a reflexão que faz no sentido de não se deixar derrotar quando não consegue ter um “resultado” positivo na sua história de professora, pensa que não deva ser uma professora tão ruim, se uma pessoa escreveu isso a respeito dela. Concordei, admitindo que Lourdes é apenas uma professora que está no lugar errado. Ela se entusiasma e me pergunta se tenho *Orkut*. Confirmo e ela diz que, assim que nos adicionarmos eu terei a oportunidade de ver os depoimentos que ela tem de alunos. Acrescenta que não é uma professora popular, no sentido que muitos são, pois não é daquele estilo *questionável*, de professores de cursinhos, que *vão para a aula para dançar e bater com a cabeça na parede e dar show*. Ela afirma que vai para a aula para ser muito séria, mas nessa seriedade, ela consegue, de certa forma, passar esses valores que a aluna citou na carta. Lourdes faz uma breve retomada de suas posições desde quando começou a trabalhar, época em que se sentia a dona do

conhecimento, o que hoje não tem mais como alguém proceder assim, pois são milhões concorrendo. Hoje, diz ela, já se dá conta disso e é bem consciente de que, se conseguir passar para os alunos esse caráter de um ser humano ético, que possa entender isso, que possa respeitar o outro, que possa respeitar o ambiente em que vive, que enxergue essas coisas, consegue o que deseja. *Essa menina, para tu teres uma ideia, é da juventude democrática do DEM. E por várias vezes um dos meninos que é do DCE, com quem participamos de manifestações contra o aumento de passagens, queria cortar ela e eu dizia não, aqui dentro, direita, esquerda, de cima, de baixo, anarquista, socialista, todo mundo tem o direito à voz e à vez. Nossa! Eu também me emocionei. Só não vou revirar tudo agora, mas tenho muita coisa de alunos de outros tempos. Uma menina, por exemplo, era tão linda, tão linda, tão linda, um olho bem verde. Me chamava muito a atenção, por ser inteligente, querida, questionadora, assim, aquele tipo de aluna que te deixa pensando: o que eu posso fazer? Eu não tenho nada para fazer por essa criatura. Essa criatura está pronta! E lá em Silveira, eu me sentia, por incrível que pareça, motivada a ir à tal formatura, porque era um outro tempo, uma outra realidade, filhos de agricultores, com dificuldades para estudar, um outro tempo. Eu me lavava chorando. Não usavam o termo paraninfo... uma menina fez um discurso... que eu fiquei... Eles fizeram como na universidade, foram dando características para os professores e eu fui reconhecida pela questão da política, da liberdade, da democracia, da consciência, essa me marcou. Esse menino que fez filosofia, há 30 anos que ele fez filosofia. Na época ele já mostrava quem era, eu enxergava na pessoa que ele ia ser isso mesmo, um filósofo, sempre muito sério, muito concentrado. E também ele me tecia elogios. Então, tem coisas, sempre muito no ensino médio, que me levam a admitir que o ensino fundamental nunca foi, de fato, meu chão.*

Encerrei esta parte da conversa reconhecendo que o desafio dela é, talvez, conseguir ser feliz no ensino fundamental.

Quando perguntei que professor marcou sua maneira de ser, imediatamente vieram-lhe à mente alguns professores: *A professora Ana Maria Bonotto e seu marido, professora aposentada da Universidade, professora de História do Brasil e uma professora de didática, que foi do sindicato dos professores, da Assufsm, depois foi embora para Caxias. Meu Deus, eu não lembro o nome dela. Eu achava ela maravilhosa. Eu estou enxergando ela e não consigo lembrar o nome. Mas a*

Ana Maria, eu encontro ela. Lembro dela fisicamente, da atitude dela em sala de aula. Ela era preocupada com a qualidade, ela era preocupada com a cientificidade, ela era uma pessoa centrada. Ela me passava essa ideia de uma pessoa que tinha o conhecimento, que não se deslumbrou com o conhecimento e que tinha a preocupação com a História como sendo uma ciência, mas que ela oportunizava enxergar o mundo e se transformar nesse ato de enxergar o mundo, e passar a agir de maneira a transformar esse mundo. Ela conseguia fazer isso. Trabalhar o conteúdo e, ao mesmo tempo, te fazer pensar: Qual é a função da História, se não te fizer agir de uma maneira diferente? Para que estudar, então, se é para continuar vendo o mundo pelo senso comum e sendo uma pessoa conservadora, então, não precisa estudar. Marcaram a minha maneira de ser, eu posso dizer tranquilamente, principalmente a Ana Maria. Muito do que eu busco fazer era o que ela fazia. Eu achava aquilo maravilhoso.

'E o marido?', perguntei, já que ela citou os dois... Eu citei ele, porque, como ela trabalhava a História do Brasil I, ela trabalhava o II. Ele era, por assim dizer, a antítese dela. Ela era um cidadão pacato, lembrando das aulas, penso eu, uma pessoa que tinha conhecimento, mas... assim...era uma outra forma. Ele fumava, pegava aquele cigarro e aquela cinza caindo e ele pensando sobre as coisas que a gente estudava... ele trabalhava mais as questões do Brasil república, mas... assim... ele não tinha essa paixão que ela tinha, sabe... ele era, não sei se esse é o termo apropriado, desconectado. Essas pessoas me marcaram. O Joel Abílio também me marcou profundamente. Eu fui monitora da História da África, então era uma pessoa agradável de conviver, alegre, uma pessoa boa, no convívio, transformava as aulas em coisas agradáveis. E o fato de ele trabalhar uma disciplina que era uma completa novidade para nós. História da África, até então, nas escolas não se falava nunca, então na universidade nós tivemos a oportunidade. Agora parece que já está mais aprofundado esse tipo de estudo. Que eu me lembre, da universidade, foram essas as pessoas.

Eu quis saber que professor ou professora a marcou por mostrar como não ser. Um professor chamado Luis Carlos Veschio, morreu no final do ano passado. Desse, lembro de muitas pendengas com ele, porque ele tinha aquele, digo eu, pseudo-intelectual, que fala da ciência pela ciência, que ela não tem a ver com a nossa vida cotidiana, que ela não tem atividade prática, que fica só no campo das ideias. Com esse não consegui ir muito adiante. Era um relacionamento meio

conturbado. Esse que, se os deuses existirem, que o tenham. É assim... um pedantismo, uma auto suficiência, uma relação de desrespeito com os alunos. Era uma coisa que me desgostava profundamente, de tratar os alunos como se fosse um nada, como se fosse um livro em branco e ele fosse o responsável por escrever tudo o que viesse a ser escrito ali. Fizemos um abaixo-assinado, entramos na justiça contra ele. E um outro professor de História da América, com quem tivemos muitos problemas, ele reprovou todo mundo, umas coisas estranhas, a forma de ele trabalhar, também muito ligada a essas questão do pedantismo e esse era pior, esse era de extrema direita. Quando tinha grave, ele não fazia, convocava os alunos para irem à aula e ninguém ia.

6.5.2 Da pele tatuada

Agora é chegado o momento de satisfazer a ânsia da Lourdes por falar, mais amplamente, de suas tatuagens. Retomei com ela os motivos que a levaram à opção por ter tatuagens no corpo, lembrando que a primeira tatuagem veio a partir do momento em que viu a tatuagem no corpo da irmã e de um primo. Fez a sua por influência deles, mas que, para ela, teve todo um significado pessoal, tendo feito a primeira em função do câncer, como uma forma de resgate, de superação, de afirmação. Um símbolo. Ela explicou que as pessoas escolhem símbolos que são universais, mas a simbologia também depende da leitura que se tem sobre o símbolo e sobre o momento que se vive.

Ela contou que já andou lendo alguma coisa sobre isso. *O piercing, assim como a tatuagem, historicamente têm uma origem que é milenar. E não só a tatuagem, aquelas marcas na pele, as escarificações, têm, também, uma origem histórica, uma simbologia, são um rito de passagem para a vida adulta. O problema é que, com o advento do maldito sistema capitalista e a hegemonização da humanidade, o padrão europeu, limpo, pudico, cristão, judaico, ocidental, com os corpos todos escondidos, sem marcas, domina durante muitos séculos. E aí a tatuagem vai ressurgir lá no final do século XIX com os eventos dos piratas e dos presidiários. E ela vai e ao longo dos anos 60, com o movimento hippie já começa a voltar, embora muito marginal, e agora, acabou virando moda. Tu viste aquele maluco que foi preso e tatuou Fernandinho Beira-Mar? Bota maluco... A tatuagem é um código! Só que agora terminou, não existe mais a visão do contra. Não é mais*

contravenção. É por isso que é lamentável! E também o piercing. Eu nunca gostei do piercing, que também é moda. Não sei, vamos ter que inventar uma outra coisa. Tem gente que já está fazendo essas tais escaras e os lóbulos subcutâneos, aquelas anteninhas do diabo... eu até vi um documentário na National Geographic, no programa Tabu, que eu adoro, um cara que transgrediu toda a imagem, transformou-se todo num tigre. Cerrou os dentes, tatuou a parte branca dos olhos, com aquelas duas guampinhas e agora ele estava tentando colocar uma espécie de cauda. Quanto ao professor que quer vender a pele... Ele quer vender a pele, mas eu tenho dúvidas quanto a isso. Acho que toda a pele tira a identidade, porque a identidade está em se enxergar, penso eu, elementos que são constitutivos.

Ainda falando de símbolos, eu perguntei sobre o desejo que ela manifestou em fazer a tatuagem do *in* e *yang*. Eu disse que também gostava desse símbolo, significando a busca o equilíbrio, mas não me agrada reconhecer como lado obscuro o feminino. *Ah! Eu até gosto de ser o obscuro, porque, na verdade, o discurso – olha as minhas eternas contradições – e isso eu acho interessante. Tu reafirmas esse obscuro e é nas sombras que o poder, de fato está (riso). E, esteticamente, eu acho ele bonito. Gosto também dos símbolos dos anos 60, eu gosto do símbolo da paz. Tão bonito, mas está tão manjado. Até os nossos símbolos roubaram!*

Trago aqui o diálogo que se seguiu, no qual Lourdes expressa algumas concepções sobre sensualidade e sedução nas relações entre professores e alunos.

Eu – Quem faz a tatuagem, a mulher ou a professora?

Lourdes – *As duas. Porque eu gosto da tatuagem, eu gosto no meu corpo, eu acho bonito, mas, ao mesmo tempo, eu gosto de mostrá-las. É uma sensação muito boa quando vês os alunos...*

Eu – Vendo.

Lourdes – *‘Professora, o que está escrito aqui? O que está escrito aqui?’*

Eu – *‘E o toque? Te faz bem esse assédio? É sensual?’*

Lourdes – *Sem dúvida. Faz bem, muitíssimo para o ego.*

Eu – Que bom falar contigo! As pessoas negam!

Lourdes – *Ah! Mas essa é uma das primeiras coisas. Sabe o que eu digo para os alunos do ensino médio? ‘A relação entre professor e alunos é uma relação de amor, é uma relação de paixão, de sedução’. E digo para eles: ‘não é uma relação de sedução no sentido literal, e talvez essa seja a questão aquela, do prazer, mas que*

tem que ser colocada nos devidos lugares. Tu tens, de alguma forma, que despertar nesse aluno, a paixão'.

Eu – Eu trabalhei no meu projeto com algumas ideias de Echeverría. Ele escreveu que a sedução se dá pelo quanto nós percebemos, nos sentimos importantes.

Lourdes – *Ah! Mas é exatamente isso, eu vou querer ler esse cidadão um dia!* (eufórica)

Eu – Está aqui, eu pego no projeto.

Lourdes – *Porque é assim... ao mesmo tempo em que tem aquelas [tatuagens] que são de economia privada, tem aquelas que eu, realmente quero que sejam notadas, que sejam observadas. E tem algumas que eu jamais faria. Jamais tatuaria, por exemplo, o nome do meu marido. Assim como jamais quereria que ele tatuasse meu nome. A tatuagem, penso eu, é um terreno de individualidade pura, onde tu podes te afirmar como ser único e individual. É o teu território, são as tuas coisas, é a tua visão, é a tua percepção do mundo que está no teu corpo. E o corpo é teu.*

Eu – Por que essas coisas que tu dizes na/com a/pela tatuagem têm que ser ditas no corpo?

Lourdes – *Eu acho que é o corpo, em última instância, é o nosso maior tributo, o nosso maior bem. O único, talvez... quem sabe?*

Eu – Olha aqui, na primeira referência que eu apresento no projeto vem o Gabriel Moogen...

Lourdes – Aquele do Esporte TV?

Eu – Sim. Olha o que ele disse: *As marcas deixadas, sejam por amor, corte ou tatuagem, ficam para sempre. São bem mais que verdades. Fazem parte da alma da gente assim como os olhos enfeitam o rosto. Assim como a história ou como a chuva. As marcas que ficam na gente são aquilo que esquecemos e aquilo que somos para sempre.*

Lourdes – *Ai que coisa linda! Sobre o que é o livro dele?*

Eu – Marcas, coisas que o marcaram, coisas importantes da vida dele.

Eu – Olha o que eu digo aqui. (Eu li o que escrevi no projeto em relação à sedução, seguido de um fragmento de Echeverría.

Lourdes – *Mas que incrível! Que legal! Eu pensava sobre isso! Fecha completamente! Muito interessante! Sempre alguém está sintonizado e pensando como a gente também está. Mas é isso. Desde que eu comecei a trabalhar, eu tenho essa sensação e eu tiro partido dela. E eu me dou bem, com o ensino médio, é*

claro. E a gente tem que se conhecer. A minha sedução não funciona no ensino fundamental. A sedução, no ensino fundamental, tem que ser, ainda, aquela de mãe para filho.

Eu – Ainda...

Lourdes – *Ainda. É uma sedução maternal, uma sedução muito mais ligada a esse cuidado, que, talvez, por eu não ter filho, eu não tenha sofisticado ela.*

Continuando, perguntei como tem sido, para a professora, ser uma mulher tatuada. Lourdes respondeu que tem sido muito bom. *É um cartão de visita. Tem alunos para quem eu me apresento e já estabeleço, com eles, um vínculo. Porque nós temos afinidades, e afinidade passa pelo discurso, passa pela tatuagem, passa pelo gosto musical, pelo jeito de se vestir. Então, a tatuagem é quase que um passaporte para a se dar bem ou se dar mal.*

Muitos alunos perguntam a ela sobre a tatuagem e o exército, a aeronáutica, sobre o que ela pensa sobre eles fazerem tatuagens. Contou-me que, em função de despertar esses interesses nos alunos, procurou um pouco de informações sobre isso. *Não é que seja proibido, mas existe uma espécie de código disciplinar meio tácito, num critério subjetivo de seleção.* Não é explícito, é uma coisa meio estranha, que ela acha que daria uma boa tese, também. Ela diz aos alunos que eles têm que pensar no futuro, porque ela fez tatuagem já adulta, e tinha uma visão amadurecida da tatuagem, por isso pensa que um menor de idade não tem mesmo que fazer, porque, na adolescência, hoje amam, amanhã odeiam. E uma tatuagem, por mais que já existam técnicas como laser, para tentar limpar, nunca mais vai ser o que era, vai ficar marcado, ou então é possível tentar colocar uma outra em cima. Assim, ela diz aos alunos que têm dezessete anos que é melhor esperarem.

Perguntei por que ela demorou trinta e cinco anos para fazer a primeira tatuagem, e só a fez depois que seu pai havia morrido. Eu quis saber, então, se ela faria se ele fosse vivo. Respondeu-me que antes tinha muitas dúvidas sobre o que isso implicaria. E depois de um longo silêncio, que passou com os dedos brincando nos dentes, respondeu que, dependendo da idade, se ela tivesse feito aos vinte e quatro, vinte e cinco anos, faria tatuagem com intuito de afrontar, de mostrar algo e que escolheria símbolos agressivos também. Ela amadureceu muito em função de todas essas coisas que viveu, e foi bom ter amadurecido primeiro, pois, se assim não fosse, poderia ter feito tatuagens só no embalo do rompante, e estaria *arrancando a pele agora.*

Fiz a seguinte pergunta voltada a saber sua opinião sobre a ideia muito em voga na mídia, de que a tatuagem torna a pessoa mais sensual. *Ah... nessa parte é muito interessante. Tem algumas ideias de inconsciente coletivo que afirmam por aí que pessoas com tatuagens são muito interessantes. Quanto a isso, inclusive até alguns alunos me assediaram, nesse sentido de que a pessoa que tem tatuagem é mais acessível, digamos assim. As pessoas, dependendo como tu chegas (isso é uma coisa que eu já aprendi) te expões diretamente, mas tem outras com quem se tem que ter um certo cuidado, por ser uma tatuada, e principalmente com os alunos. Claro, alguns mais, outros menos, alguns ainda são adolescentes. Para não haver essa má interpretação, que é um risco de sedução, também, como sempre, tem que se ter cuidado. Eu falo sobre isso para eles. Neste ano aconteceu um episódio muito interessante. Eu estava numa turma que, no início, eu não consegui estabelecer uma interação com eles, uma turma dividida, um grupo só de gurias, lá no fundo uns malucos que não queriam nada com nada, aqui umas gurias bem interessadas e uns dois ou três alunos interessados, mas eles não interagem como turma. Eu disse que a relação de professora-alunos e alunas é uma relação que envolve o poder de sedução, e que eu me apaixonava pelos alunos. E ficou aquele burburinho. Calma lá! Eu já me apaixonei por muitos alunos. Eu me apaixonei do ponto de vista intelectual. É pra isso que nós estamos aqui. Se tu não te apaixonares pelo conteúdo, e eu estou aqui pra isso, nós vamos convivendo durante o ano e... vai indo... vai indo. Um dos guris ficou todo assim... 'Ai, professora, quer dizer que a senhora se apaixona mesmo pelos alunos?' E continuou naquele papo. Eu gosto muito desses desafios. Se fosse, de repente, uma outra pessoa, fugiria da discussão, mas eu não fujo, eu encaro. Eu disse: 'Olha, que idade tu tens? Eu tenho 47 anos e tu sabes que nós vivemos numa sociedade onde é muito comum mulheres com muito mais idade conviverem com homens com muito menos idade. Então isso é o que se chama de um tabu. Ainda na tua cabeça isso é um tabu muito sério. Eu estou vendo que tu estás todo sestroso aí...é uma questão de que nós somos mesmo seres sexuais. Se a gente começar a falar nesses assuntos... já aconteceu isso comigo, vai acontecer com vocês, nós vamos ficar, de certa forma, mais sensibilizados. Onde está o meu papel? Em ser uma professora que tem o triplo da idade de vocês e entender que, mesmo que, por ventura, eu viesse a me envolver com algum menino, não seria aqui, no espaço da sala de aula. E ele: 'Ai, professora... professora...' E aquelas meninhas que eu te disse, aqui do canto,*

ficaram me olhando... eu acho que pensando 'o que essa mulher está dizendo?' Porque esse não é um assunto que venha com muita frequência nas aulas, mas eu encaro e tento achar a melhor maneira de tratá-lo. Não de maneira vulgar, obviamente, tu não precisas falar abertamente, mas eu faço eles pensarem. E realmente a vida é assim. Claro que, na idade deles, ainda estão muito novinhos. E eu vejo que alguns dos colegas fazem isso. Os professores fazem isso, só que não querem assumir. O que tu queres... um professor que goza com 99% em recuperação, se isso não é um gozo, o que é? Eu entendo que tem esses significados, mas, às vezes... Claro que eu sei onde vou fazer essas colocações, eu sei com quem, porque a gente vive numa sociedade que, por mais moderna que pareça ser, não é assim tão moderna.

Perguntei anteriormente como tem sido, para a professora ser uma mulher tatuada. Agora pergunto: Como tem sido para a mulher ser uma professora tatuada?

Para Lourdes, é uma via de duas mãos, porque as tatuagens estão em mim, e elas não saem e isso é maravilhoso. Onde eu estiver elas estarão. *Ontem à noite, na tal formatura eu fui com um vestido bem decotado, apareciam muito e as pessoas observam. Algumas, certamente observam e acham interessante, outras observam e devem achar horroroso, mas o fato de elas observarem já me dá satisfação, me causa o gosto (ou gozo?) dessa observação.* Talvez porque os olhares não passam; param nas tatuagens. Procuraria ela nesses olhares aquele que a acaricia?

Na atividade profissional, não enfrentou muitos preconceitos, somente algumas *caras torcidas*, principalmente com a tatuagem que tem o '69', para alguns, associado a posições sexuais, embora não seja esse o sentido por ela atribuído, ao colocar, no ombro esquerdo, o símbolo do seu signo, caranguejo, também chamado de câncer, jogando com a duplicidade da palavra: signo e doença! (Ambos em marca perene?) No mesmo braço, mais abaixo, também relativa à vitória e à superação, uma frase do Nietzsche "O que não pode matar-me torna-me forte". O preconceito, de forma geral, para Lourdes, não existe. *Eu acho que, na verdade, todos os preconceitos, quando tu falas com a pessoa, não existem. Seja que preconceito for. Quando tu vês quem é, o que está fazendo, como está fazendo e sabes por que está fazendo, pode não ter um braço, pode ser vermelho, ser rosa, pode ter um metro e oitenta, pode ter um metro, ela [a pessoa] se faz presente, independente da tatuagem, e daí é uma contradição... por que eu preciso da*

tatuagem? Por que eu preciso dela, então? Seria porque “o corpo é o lugar onde o mundo é questionado” (Le Breton, 2003)?

Ouvindo-a, não só identifiquei a contradição por ela salientada, mas pensei para além do preconceito; pensei que, em meio às contradições da Lourdes, reconheço uma que eu mesma produzi, e até considero um contrassenso em relação às tatuagens. Elas, signos da urbanidade, desterritorializadas, e aqui, miradas, talvez, pelo viés mais estreito, que é o contexto da sala de aula, um espaço no qual, historicamente, os corpos pouco importam, somente a intelectualidade. Como fica a tatuagem, que necessita do corpo para existir?

Lourdes disse que isso ela acha uma coisa interessante, porque não gosta de negar que é uma mulher e que tem sexualidade. *Isso é uma coisa que eles observam e eu vejo quando eles falam sobre outras professoras. Eu, por enquanto ainda faço algum sucesso. Quem sabe daqui há algum tempo eu vou ser chamada de ‘a velha tatuada’... Isso também é um fator de aproximação, porque esse é um elemento que está candente ali dentro.*

As suas tatuagens são visíveis, mas também ocultas. Qual é, para ela, a importância do olhar do outro? *Enorme, sem dúvida! Os encontros sexuais adquirem um significado, em determinadas posições que se potencializam, digamos assim, pelas localizações estratégicas, e eu acho isso interessante. No contato com o coletivo, é interessante, porque ainda traz um pouco de preconceito, dependendo do lugar, por exemplo, na vila é mais mal visto. Olha que coisa louca. Lá que é onde deveria não ser, lá é onde está o maior preconceito. Em casa, por incrível que pareça, a mãe foi muito preconceituosa. Com a minha irmã, que fez ainda antes de mim, pior. Uma vez nós tivemos uma briga e ela disse: ‘o que está parecendo... uma velha com as pelancas caindo cheias de tatuagens...?’ Eu fiquei tão puta da cara, mas vou fazer o que, se tem essa cabeça de troglodita? Mas é assim, dentro da própria família. Eu tenho um cunhado que é uma rica pessoa, mas é muito tosco, sem estudo e só faltou dizer que nós duas deveríamos ir fazer ponto. Eu te digo que na minha família eu prefiro ir muito mais vestida do que mostrando as tatuagens. Mas, de qualquer forma, com todas as dificuldades, é uma satisfação, mas eu não perco o perfil, o eixo supostamente normal que tem que ter, porque, afinal de contas, a gente tem uma vida. E um personagem, na verdade. Eu sou um personagem no colégio, eu sou um personagem em casa...*

Souza (2003) disse que é na dinâmica da vida e nas histórias tecidas no nosso cotidiano que aprendemos dimensões existenciais e experienciais sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o meio em que vivemos. E continuou “no entrecruzamento de nossas aprendizagens, a escola exerce um papel singular, visto que neste espaço ‘convivemos’ e internalizamos papéis sociais apreendidos no cotidiano familiar”.

Uma pergunta me ocorreu: Por ser tatuada, ela consegue ser melhor professora, quaisquer que sejam os padrões desse “melhor”? Faz dela uma melhor professora? A prática pedagógica da tatuada é diferente da prática pedagógica que ela teria, se não tatuada? Lourdes pensa um pouco e diz que é até capaz de ter uma diferença, porque quando qualquer pessoa chega num ambiente, chega com uma imagem, e essa imagem está carregada de significados. Pode acontecer de uma professora tatuada chegar, os alunos olharem e pensar: *‘Essa nós vamos tirar de letra. Vamos trazer um baseado para a sala de aula, que ninguém manda nada, vamos conversar fiado e vai passar o ano’*. Ou outras pessoas podem olhar e dizer: *‘Que tipo de professora deve ser essa? Isso é uma Jeca, maluca’*. Outros podem achar: *‘Ah... mas ela tem um ar de intelectual! Deve ser uma pessoa culta, com conhecimentos transcendentais’*.

Para Lourdes, o desafio que se coloca é como ela vai se posicionar diante disso. Precisa de um tempo, normalmente, não menos que um mês, para sentir as turmas, para ver o que cada uma pensa a seu respeito. Ela comenta que tem sempre uma expectativa, porque presentemente, como a tatuagem é moda, induz a que queiram ver a pessoa de um determinado jeito. *Entretanto, quando eu começo a trabalhar com eles, penso eu, qual é a conclusão que eles chegam? Que eu sou uma pessoa muitíssimo comum que, talvez, a minha cachaça sejam as tatuagens. Ao invés de fazer outras loucuras como fumar crack, ou tomar cachaça, ou matar aula, como muitos fazem, eu faço as minhas tatuagens e vou convivendo com elas. Tem muito esse significado também. De acalmar, de apaziguar uma insensatez, uma insatisfação que poderia se tentar resolver de outra forma. Então, antes de fazer qualquer coisa que seja absurda e que, aos 47 anos de idade, seria ridículo, uma tatuagem pode acalmar os ânimos. Para mim funciona muito sob esse aspecto. Assim como o cara que bebe um engradado de cerveja, o outro bebe uma garrafa de cachaça, tem o outro que faz qualquer outra doideira, pega uma moto e sai a 300km/hora e se mata ali na esquina. Eu faço as minhas tatuagens. Na verdade, eu*

não sou nada transgressora. Eu só tenho as minhas tatuagens. Tem gente muito mais transgressora, é verdade...

Finalizando, perguntei o que ela pensou quando a convidei para participar do estudo: Ah... eu gostei muito, achei muito interessante, porque, novamente, eu fui vista como diferente. Se o cidadão, ou a cidadã tem uma tatuagem, a não ser que seja muito tonto, alguma mensagem ele está passando. A tatuagem é um assunto sério, mas virou moda e está virando uma porcaria. Então, eu gostei, primeiro, porque foi no Cilon que tu me achaste, que é um colégio ainda com uma educação muito conservadora, mas que vem mudando agora, e porque é um assunto que é serio e deve ser pesquisado seriamente e eu vejo que não estou errada, tem gente séria pensando sobre isso. E porque eu vou ficar muito satisfeita por ter participado disso. Depois, inclusive, vou querer ler a tua tese.

Eu quis saber dela, quando a contatei, que perguntas ela pensou que eu iria fazer. Eu achei que tu irias trabalhar exatamente isso que trabalhaste. Eu, em momento nenhum achei que tu iras fazer perguntas bobas e óbvias. Claro, fazendo uma tese de mestrado, eu imaginei que tu farias perguntas para dar subsídio a tua tese. Qual é o significado de uma professora tatuada, qual é o significado disso tudo? Eu não imaginei que seria muito diferente do que foi. Eu achei, inclusive, boas perguntas.

7 INTENSIFICANDO AS CORES DA TATUAGEM

*Que o espelho reflita em meu rosto um doce sorriso
Que eu me lembro ter dado na infância
Por que metade de mim é a lembrança do que fui
A outra metade eu não sei.
(Oswaldo Montenegro)*

Conforme havíamos combinado, voltei a me encontrar com a Lourdes, para que ela lesse a transcrição de nossa conversa e para que pudéssemos retomar alguns assuntos, ampliar outros. Antes, conversamos um pouco. Eu vinha de uma semana estressante na escola. Comentei como me sentia desconfortável em meio a alunos que não manifestam vontades, opiniões, que parecem não ter o que dizer diante de uma provocação. Isso me dá a sensação de inutilidade, pois pauto meu planejamento, principalmente em relação aos anos finais do ensino fundamental, no desenvolvimento da argumentação, tanto escrita como oralmente. Juntas, concordamos que a escola produz o mutismo, a falta de vontade de opinar dos alunos, provavelmente por toda uma cultura de transmissão de conteúdo, que conta com a recepção passiva dos alunos.

A Lourdes me questionou sobre o tempo em que eu estava fora da sala de aula. Expliquei-lhe que minha última experiência em sala de aula havia sido há dois anos, período em que passei pela sala de informática de três escolas, atividade que muito me satisfaz, mas havia feito, naquele início de ano, opção por estar em uma escola, com turmas de português.

Enquanto tomávamos chimarrão, pedi que ela usasse um lápis para fazer as marcações e correções que julgasse necessárias e ela pegou as folhas da transcrição da entrevista e leu com toda atenção. Riu de si mesma, fez anotações, comentou muitas das suas falas e concluiu a leitura dizendo que eu, realmente, tinha nas mãos um belo material para estudo, isso às gargalhadas.

Eu disse: ‘Diz aí, o que tu achaste de ti mesma?’ Antes, porém, vou abrir um parêntese para concordar com Arroyo (2007), quando disse que é pouco tranquilo voltar-nos sobre nós. “Nos faz pensar, porque é uma mirada carregada de sentimentos desencontrados, apaixonados” (p.36). Ela, visivelmente orgulhosa do que acabava de ler, falou: *Ai, eu fiquei extremamente satisfeita comigo mesma, eu acho que a entrevista foi bem significativa, eu penso que consegui me desnudar, como eu imaginava que deveria, as tuas perguntas foram bem elaboradas, a técnica*

para fazer a pessoa falar, me parece que funciona muito bem. E... é claro, se me dá uma cordinha, eu solto a língua! Um alerta de Nietzsche, num aforismo, quem sabe, uma sugestão para uma nova tatuagem: "Falar muito sobre si próprio pode também ser um meio de se ocultar" (NIETZSCHE, 2009, p.106).

Nem precisa muita coisa, mas eu acho que a transcrição do que foi dito, para o papel, foi bem fidedigna. Lendo aqui, eu me vejo... falando. Tal e qual, é impressionante. Eu me vejo com os meus questionamentos, as situações que foram retratadas, elas estão aqui, tal e qual como foram ditas. Eu acho que foi muito bom, exatamente como foi dito.

Na narrativa profissional de Lourdes, eu apontei como uma fragilidade ou como seu grande dilema o fato de ela não ter o mesmo desempenho no ensino fundamental e no ensino médio, no espaço de relacionamento, pois ela havia comparado bastante os dois níveis. Perguntei como ela avalia isso na sua carreira profissional, agora que fez a leitura, e pode opinar de forma mais distanciada.

Lourdes disse que continua tendo a mesma sensação. *Este ano começamos novamente... este ano eu não tenho mais sétimos e nonos, eu tenho oitavos e nonos, então, aqueles que eram os meus dos sétimos do ano passado estão nos oitavos. Estão ali os mesmos. Eu tive aula hoje à tarde e já tive muitos estresses. Eu continuo afirmando o que eu disse aqui. Eu vejo essa dicotomia no meu trabalho, em trabalhar com crianças e pré-adolescentes e trabalhar com adolescentes. E reafirmo o que eu disse aqui: não sei como resolver, porque é um espaço muito difícil pra mim. Eu tenho tentado, nesse ano, como em todos os anos... início... tu vens renovada, tu tentas e tal, mas... assim... é complicado, eu continuo tendo essa dificuldade e continuo me propondo a superar a dificuldade, mas te confesso, continuo não sabendo como superá-la.*

Eu lembrei que ela mesma havia apontado, como, talvez, uma possibilidade dessa superação o fato de que existem dois tipos de sedução. Uma que ela pratica com os adolescentes-quase adultos e uma outra sedução, mais maternal, que ela teria que ter sido mãe para poder exercitá-la. *E eu tenho... não sei se isso procede, do ponto de vista científico, se tem algum psicanalista, psicólogo, que tenta explicar isso... sei lá eu... mas eu tenho essa sensação de que, talvez, a maternidade pudesse me dar essa capacidade de enfrentar os desafios com os menores. Sabe... essa impaciência... Não sei se são frases feitas, porque eu não tenho filho, mas eu sei que muito se comenta isso: 'Ah... o filho faz adquirir essa paciência, porque*

aquilo é um exercício diário, é um exercício contínuo'. E eu imagino que o vínculo afetivo tem, obviamente, um peso maior. Então eu continuo reafirmando isso: pra mim, isso poderia ter sido um diferencial.

Eu a provoquei, dizendo que pode ser essa uma historinha que a gente inventa para se sentir melhor... Ela disse que não sabia definir. E comentou um encontro que teve com uma colega a quem admiro muito, que há sete anos adotou um menino. *Eu a encontrei na nossa assembléia. Eu perguntei para ela sobre o Rafael. O Rafael já tem sete anos! E me disse assim: Menina, o Rafael está parecido comigo, adora matemática.* Eu comentei que adoro o Rafael, que já foi meu aluno, a quem conheci toquinho, logo da adoção... *E eu fiquei pensando ... ela era muito parecida comigo, nessa coisa da... rigidez. E aí eu senti, nela, essa mudança muito sutil, mas uma mudança que eu acho que é significativa, no trato com esse tipo de aluno. Então, eu continuo reafirmando isso. Não sei se algum dia pretendo ter um filho, pra ver se eu consigo!*

Enxerguei a gata no corredor do apartamento e brinquei: 'A gata não conseguiu'. *A gata não, a gata é outro nível de relacionamento, é um caso de amor e ódio, se ela não está mais afim, vira as costas e já não tem mais o que fazer.*

Comentei que apontava isso no intento de levá-la a uma reflexão sobre si mesma, pois para mim foi onde percebi algo que deixou a desejar, um espaço não resolvido, com o que ela concordou prontamente. Admiti, nesse momento, que, se eu atuasse também nos dois níveis de ensino, talvez eu vivesse idêntica situação de conflito, até pelo fato de que havia chegado lá, reclamando da vida. *E tu sabes, disse ela, que o interessante é que, ao mesmo tempo em que eu tenho toda essa dificuldade com os alunos, eu amo profundamente a escola, porque eu gosto dos colegas, eu gosto do ambiente. Na verdade, eu gosto dos alunos. Eu não gosto da visão que eles têm sobre o que é educação. Eu não gosto de como eles encaram a educação, tu entendes? Mas, assim... nas atividades fora da sala de aula, quando tem as atividades extra pedagógicas, eles são, assim, afetuosos, eu até sou capaz de ter arroubos de afetividades com eles...*

"Vê-se aí que cada ser tem uma multiplicidade de identidades, uma multiplicidade de personalidades em si mesmo, um mundo de fantasias e de sonhos que acompanham sua vida" (MORIN, 2007, p.57).

Não resisti: 'Para tudo! **Sou capaz de ter arroubos de afetividades com eles!!!** É uma pérola!' Rimos muito e ela repetiu: *É uma pérola!* Nisso, a gata, que

também se fez presente na entrevista anterior, entrou e eu me dirigi a ela, salientando que a Lourdes disse que **até é capaz!** *Só a gorda é que entende meus dramas existenciais!* (risos). *É muito maluco isso. Eu tenho essa consciência de que eu tenho um papel, um significado, eu consegui um nível de trabalho, mas lá no CAIC... nós vamos indo... eu convivo com pessoas muito diferentes, mas numa convivência agradável. Nós temos um grupo, especialmente no turno da tarde, que é um grupo diverso, nós somos muito diferentes, mas a gente tem uma convivência muito fraterna. E olha que não é convivência de fazer festa. É convivência do dia a dia, da solidariedade, de dentro da escola, de se ajudar. A gente quebra pau de vez em quando... eu mesma meto os pés pelas mãos. E não tenho vergonha de falar das cagadas que eu faço. Os colegas também... então é um ambiente gostoso que a gente conseguiu construir um ambiente bom de trabalhar.*

A Lourdes lembrou-me que havia me convidado para ir até sua escola para conversar com seus alunos a respeito dela. Eu concordei e de fato a idéia me agrada muito, até para encaminhar algo a partir do que emergiu da leitura destas nossas conversas. E continuou: *Porque é assim.... eu.... não sei se eu já criei uma resistência e já começo a enxergar chifre em cabeça de cavalo, ou se realmente é.* Fiz o seguinte comentário: 'Se eu tivesse qualquer pretensão "psi" no meu trabalho, até poderíamos proceder a essas análises. O que posso fazer é submeter os meus relatos a uma compreensão da psicologia educacional, por que não? Eu é que não tenho bala na agulha para pensar para além do que tu me dizes. Até atuo como *psicóloga de botequim*, que isso eu, modéstia a parte, faço muito bem, mas eu não sairia do *eu acho*. Assim, eu me sinto devendo isso para ti, até para encaminhar uma continuidade, porque esta entrevista é preciosa para mim'.

Mudando o assunto, eu queria que ela voltasse a comentar sobre as marcas que trouxe à superfície, na forma de tatuagens, como elas a constituem. Propus que fizéssemos um exercício: 'Quero que tu completes comigo: Como está se constituindo a Lourdes, uma professora marcada pelo sentimento de:... (eu diria que de superação. E de mais o quê?)' Ela completou: *Pelo sentimento de superação, pelo sentimento de sobrevivência, pelo sentimento de auto-afirmação, pelo sentimento de reação, força e, mais um, que está implícito: a vaidade, que não é uma vaidade explícita, mas é uma vaidade pessoal.* Eu retomei a pergunta: Como foi se constituindo a professora Lourdes, que é uma mulher marcada pelos sentimentos de superação, sobrevivência, auto-afirmação, reação, força e vaidade? *Eu te diria*

aquele versinho da Clarice Lispector: sou como as primaveras. Tantas vezes me cortarem, tantas vezes eu floresço. O sentimento que eu tenho é esse, é bem a resiliência, eu sou uma pessoa de altos e baixos. Eu sou uma pessoa de sentimentos contraditórios, mas que eles não se excluem. Na verdade, eu gosto de ser assim. Eu gosto de ser triste, ao mesmo tempo em que eu gosto de estar alegre; eu gosto de ter sofrido, ao mesmo tempo em que eu gosto de ser muito feliz, eu acho que isso é o que me caracteriza e, de certa forma, as minhas tatuagens reproduzem isso. Elas são dramáticas, elas são pesadas, elas não são femininas e elas reproduzem esse meu “animus”. E é por isso que eu gosto delas.

Atribuir às tatuagens essa “missão” implica dizer que não basta que elas lhe sejam agradáveis e que, por isso goste tanto delas. As tatuagens passam a fazer parte de um universo de significação comum a ela e aos que a cercam, a olham e se interessam em saber mais. O que é constatável é a tatuagem não a deixar “passar em branco”; quem se aproxima espera que, na tatuagem inquirida encontre associações que indiquem vivências, faces, fronteiras; está ávida por metáforas, requisita explicações, quer sejam em nível especulativo ou malicioso, nunca ingênuo. Se românticas, viris, dramáticas, como anuncia Lourdes, hão de ser interpretados, traduzidas e revelados seus sentidos.

Continuando, perguntei que significados ela pensa que são atribuídos ao corpo no cotidiano da sala de aula. *Lembrando da primeira parte da entrevista que te dei, quando eu era menina, adolescente, foi uma experiência muito difícil, principalmente na prática esportiva, pois eu tinha as dificuldades do mundo, eu não tinha coordenação motora, eu tinha vontade de sumir a cada vez que tinha educação física. E, diferente de hoje, quando existe uma abertura maior no sentido de haver escolhas da modalidade de esporte que os alunos desejam praticar. Na época, determinavam um padrão e todos tinham que fazer. Depois, na faculdade, reafirmo o que disse na entrevista, também, um dos primeiros desafios foi tentar superar essa dificuldade, e fui me inscrever para o vôlei. O professor Floriano, do Centro de Educação Física, um dia chegou e disse: ‘olha, é bom tu desistir de fazer vôlei, porque não há condições’. O próprio professor chegou a esta constatação. Aí, como eu já estava em outra fase, porque, se isso tivesse acontecido antes, eu teria ficado extremamente traumatizada. Depois, a questão da acne foi um transtorno muito grave na minha vida, ainda teve os problemas com o peso, os meus problemas de tireóide.*

Lourdes, já abrangendo as próximas questões, que seriam diretamente dirigidas aos olhos com que vê seu corpo em interações nos seus espaços pessoais de convivência, dispara: *Mas posso te dizer que, do alto dos meus 47 anos, eu vivo a melhor fase de relacionamento com o meu corpo, independente das minhas varizes, das minhas celulites, eu vivo uma fase boa, em que eu gosto do meu corpo, eu gosto de como ele é, as tatuagens tornam ele ainda mais agradável aos meus olhos, e é isso que me interessa. E, é claro que, às vezes, ele não corresponde àquilo que eu gosto de fazer. O cansaço já é maior, o professor, tu sabes, passa muito tempo em pé, o dia inteiro. Então, tem esses percalços, mas a minha relação afetiva com o meu corpo é uma relação boa, na atualidade. Tanto para o trabalho quanto para a vida sexual e afetiva está muito tranquilo. Convivo bem com ele.*

Perguntei, então, como ela vê o corpo da professora na escola. *Isso é muito interessante. O que se esperava de uma professora no início do século XX é ainda o que muitas pessoas esperam de uma professora no início do século XXI. Eu conversava com a diretora da escola, que é uma querida pessoa, que não tem nenhum tipo de relação com essas ostentações, ela é tipo eu e tu, anda de tênis, calça jeans e não está muito preocupada em que uma professora tenha que andar de salto. Ela contou de uma mãe que um dia chegou para conversar com ela e perguntou quem era a diretora e ela disse 'sou eu'. Tu sabes que, entre os nossos alunos, uns 20, 30% são de famílias de dinheiro, famílias tradicionais da cidade. Essa mãe olhou de alto a baixo para a diretora e só faltou dizer 'és tu a diretora?'. Então, ao mesmo tempo em que eu acho isso desprezível, eu gosto de ser exatamente a antítese do que se espera da professora.*

Se o que se espera em relação ao corpo da professora, hoje, é o mesmo esperado no século passado, Lourdes e Le Breton (2003) têm visões bastante aproximadas, pois ele, explanando sobre as marcações corporais contemporâneas, diz que, "na época da internet e das viagens espaciais, os artistas pós-modernos ou *pós-humanos* (grifo dele) consideram insuportável possuir o mesmo corpo que o homem da idade da pedra" (p.46). Isso seria o que a Lourdes tenta dizer desde o início, quando se refere à diferença que almeja que suas tatuagens façam nela/com ela/por ela?

Eu gosto de andar de jeans e All Star, eu gosto de andar do jeito que eu gosto, mas eu não gosto da vulgaridade. Eu já te disse, a maioria das minhas tatuagens está em território íntimo e não são apresentáveis. Eu jamais me coloco de maneira

vulgar. *Eu acho que expor o corpo, seja no ambiente de trabalho, seja no ambiente social é muito complicado. Não tenho nada contra com quem expõe, eu não exponho e gosto de me manter dentro de uma linha em que algumas coisas possam ser visíveis e outras, de preferência, não sejam. Até pode ser moralismo, mas acho que é uma medida que me é confortável.*

Eu quis saber mais e perguntei se ela concorda com que a ideia da professora normalista, a professorinha, socialmente construída, é mantida por culpa das próprias professoras. *Muita! Assisti a uma palestra de uma professora que disse coisas com as quais eu discordo radicalmente. Por exemplo, ela disse que 'nós temos que nos colocarmos nos ambientes de uma maneira digna. Uma professora não pode se vestir de qualquer jeito', e esse qualquer jeito ela pontuava: 'nós temos que nos vestir bem, nós temos que usar salto'. Ela falava do protótipo do que é a visão tradicional de uma professora. E eu, como ainda não havia começado as aulas, estava lá com uns bermudões, com uma blusinha bem cavada, estava de chinelo. Pensei 'o que será que ela está pensando da minha figura?'. Então, isso é muito presente, ainda. E entre as mulheres. Por isso a sociedade é podre, de certa forma, porque os homens superaram isso, ou talvez nem tenham tido, mas as mulheres competem entre si e são muito fortes, nesse sentido. Eu sofri muito, em relação a isso, em outros momentos da minha vida. Em alguns locais onde trabalhei (e, talvez, um dos elementos do meu desgosto tenha sido isso) era que se esperava que eu me vestisse de tal maneira, que eu me comportasse desta ou daquela maneira, e eu nunca quis ser assim. Acho que ainda tem muito dessa visão, embora já estejamos em uma sociedade muito mais democrática, em que parece que o diferente é aceito, mas eu não sei até que ponto, de fato. Uma tatuagem de uma florzinha é bonita. Se aparecer uma professora com uma tatuagem de uma libélula é a coisa mais linda, mas uma professora com uma tatuagem do '69' não sei se é, assim, tão agradável. O meu espaço eu fui construindo, eu fui cavando. E lá no CAIC, especialmente, eu me sinto respeitada. Como é uma escola menor, embora não seja pequena, eu percebo isso, o que é muito bom eu me dar conta e sentir que é assim. Mas é muito presente essa visão bem conservadora.*

O que a Lourdes comenta em relação à mãe da aluna e em relação à palestrante, assim como ao juízo que pessoas fazem sobre pessoas, remete a outras tatuagens, aquelas que nós impomos, uns aos outros. E se formos pensar mais aprofundadamente na tatuagem como metáfora de *um dever-ser* (Arroyo,

2007) constantemente sugerido, aconselhado, imposto aos professores, amplamente, mas especialmente às mulheres professoras, por toda uma gama de prescrições que ditam os padrões morais nos quais é esperado pela sociedade que elas se encaixem e às quais correspondam, independente dos conflitos que esses desenhos de conduta, de formas de ser, sentir, pensar possam causar, por estarem em desarmonia com o que é inerente à pessoa, por não considerarem seus valores e talentos, sua marca pessoal.

Eu quis saber como ela se posiciona em relação a esses condicionamentos. *Eu, atualmente, ajo da seguinte maneira: se me confrontarem, boto o bloco na rua. Se for uma atitude de desprezo, também. Já tive oportunidade de ter que defender o direito a ser. E nesse dia da palestra, eu sinto que perdi a oportunidade de contestar, eu deveria ter falado. Eu fico me mortificando depois, quando não faço isso, porque eu perdi uma oportunidade histórica, que era para eu ter delimitado esse espaço, ter mostrado isso. Eu não gosto de mim quando eu não faço essas coisas. É sempre aquela contradição que me persegue a vida inteira. Eu penso que devia ter dito, mas, ao mesmo tempo eu fico pensando que eu poderia ter causado um tumulto, uma discussão, que poderia ter gerado uma polêmica desnecessária, mas, ao mesmo tempo eu também não fico satisfeita porque eu não causei a polêmica, então, fica esse turbilhão 'irresolvível'.*

Era importante, para mim, entender melhor o lugar que ocupam as tatuagens, ou ter o corpo tatuado, na sua forma de ser-estar no mundo, muito influenciada pela idéia de um “corpo acessório”, de Le Breton (2003), para quem o que é determinante, nas sociedades contemporâneas, é que o corpo tornou-se “uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível de muitos emparelhamentos” (p. 28), compreensíveis pela ideia da tomada do corpo como “prótese”, “kit”, “encarnação provisória”. Por isso perguntei qual a importância das tatuagens na tomada das atitudes que ela toma, que vão do silenciamento até a defesa do ‘direito a ser’, do direito ao corpo. *É uma coisa maluca isso. Na semana passada estava bem quente, eu fui para o colégio e coloquei uma blusa que não deixava as tatuagens diretamente expostas e foi um entrevero ao redor de mim. ‘Professora, o que está escrito aqui?’ E eu falo. ‘Professora, o que está escrito aqui?’. Isso, de certa forma, é um elemento de ligação. [A linguagem da tatuagem!] Tu podes, a partir disso, estabelecer um vínculo até mesmo histórico. Isso pode ser um ponta-pé inicial para um assunto que deva*

ser tratado, e com os alunos eu sinto que nunca é um distanciador. Com alguns colegas, é, mas com os alunos, nunca. Para os alunos sempre tem uma aura de contravenção e a proximidade deixa as meninas, especificamente, querendo saber 'o que significa isso, o que significa aquilo?', 'ah, eu vou fazer...'. Outro dia eu estava na aula, até com essa blusa que só deixa aparecer as tatuagens em certo nível, e um aluno perguntou 'quantas mais tatuagens a senhora tem, onde é que tem?' e eu disse que 'aquelas que são plausíveis de serem vistas estão à mostra; aquelas são de foro íntimo ninguém vê a não ser aquelas pessoas com as quais eu quero privar minha intimidade. Ele adorou, bateu palma, foi aquela risalhada. Então, é, com os alunos, sempre um fator de proximidade. Eu nunca me senti discriminada pelos alunos, é uma coisa impressionante. Eu já me senti discriminada pelos pais de alunos, já me senti discriminada por alguns colegas, mas nunca pelos alunos. Isso é muito significativo, penso eu.

Entretanto, ler Le Breton (2003) ainda me mantinha no plano das ideias. Marcando de onde sentiu o preconceito, a discriminação em relação às tatuagens, e também o quanto elas têm de fator de aproximação com os jovens alunos, que as espreitam mesmo pela roupa que não as mostra inteiras, de certa maneira, Lourdes encaminhou minha compreensão num sentido que, até então, era meramente teórico, advinda somente da explicação do autor a partir da sua concepção, tanto no que respeita ao corpo tido como *um acessório*, quanto como *um parceiro*, condição que eleva o corpo a um lugar de predileção do discurso social. Isso como resposta à individuação crescente das sociedades ocidentais, que coloca o indivíduo, a um modo beneficiário, a outro, vítima do declínio dos valores coletivos. "Trata-se, então, de satisfazer essa sociabilidade, a *mínima*, baseada na sedução, isto é, no olhar dos outros" (p.53, grifo do autor). Comentou ele que, quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais comedidas, a única consistência do outro é, muitas vezes, a de seu olhar.

Já me encaminhando para o término da entrevista, fiz uma reflexão: Concordo que nós, professores, somos seres especiais e temos redobrada necessidade de conexão. Quero crer que nos tornamos professores, entre outras razões, porque encontramos o grande portal para essa suprema necessidade de con-tato que nós temos e, diante de todas as possibilidades que se mostram, na época em que fazemos nossas escolhas profissionais, a sala de aula é onde nos conectamos, onde nos sentimos muito mais próximos. Quantas vezes tu mesma disseste: 'eu disse

para os meus alunos...'. Percebes que não disseste para mais ninguém, só para os alunos. Eu poderia afirmar que nós, pelo tempo que passamos com alunos, não nos revelamos, não mostramos tanto as marcas que nos constituem, num dia inteiro, no convívio familiar, ou entre colegas e amigos, como o fazemos aos alunos. Tu, por exemplo, com quem comentas o que vês na televisão, e onde? Com os alunos. E é por aí que eu penso que o(a) professor(a) tatuado(a) avança. Ele(ela), tendo o corpo tatuado, como tu disseste na outra entrevista, já tem um cartão de visitas, no contato com os alunos: pela tatuagem, é a conexão que se estabelece. A tatuagem, no corpo do professor, homem ou mulher, encurta caminhos no relacionamento com os jovens alunos; atua como uma ponte.

Lourdes concordou. *E isso é muito verdade. E com os alunos maiores tem retorno. Tu podes dialogar, de fato, mesmo que às vezes isso te deixe profundamente indignada com o sentimento de individualismo que eles carregam, mas tu consegues dialogar. E isso é extremamente positivo, mas eu só fico pensando que não são muitos professores que têm esse significado, que se compreendem assim. Eu estava lendo na minha entrevista e eu concordo com isso que tu disseste. Eu acho que o professor que é professor, de fato, entende essa ligação, mas não é a maioria; é uma minoria que percebe, que sente isso, seja através de uma tatuagem, seja através do afeto, seja através da relação de uma professora dos anos iniciais com os pequenininhos, eu tenho a sensação de que não é muita gente que tem a amplitude do que nós significamos, por isso eu reafirmo o que eu disse na entrevista: a nossa profissão é extremamente importante. Nós estamos mal, mas não adianta nós ficarmos dizendo que estamos mal. É o ato de falar e reafirmar essa profissão. Como sempre o fez Freire (1996):*

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p.60).

A mim, pelo menos, me reconforta ir para a praça, colocar nariz de palhaço e gritar e depois colocar nas minhas redes sociais, isso me fortalece. Tu não imaginas a satisfação que eu senti (para alguém, pode parecer bobo), mas, para mim foi uma coisa quando eu cheguei ao colégio e um aluno me disse 'professora, eu lhe vi no centro, na praça, com nariz de palhaço, a senhora gritando, eu ouvi a senhora falar'.

Ele parou, com a mãe dele. É o fato de que se quebrou essa ideia de que o professor é apenas um transmissor de conhecimentos, de informações. Isso não tem mais importância, mas o professor que é o formador de consciência, o professor que desperta esses sentimentos, esse tem importância, e é atrás desse que eu corro, é atrás desse valor que eu me viro, dia e noite, no meu trabalho. E é por isso, talvez, a minha dificuldade no ensino fundamental, porque é difícil essa conexão com os menores.

Lourdes, indiscutivelmente, fala desde o lugar de quem, como professora, é ciente de seu lugar social na constatação de que somente aprendemos a ser humanos, segundo Arroyo (2007), em uma trama complexa de relacionamentos com outros seres humanos, por isso *corre atrás* de ser, sempre, e cada vez mais, gente, como Freire (1996) também dizia gostar de ser, porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas geram barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, ele sabe, também, que os obstáculos não se eternizam.

Maturana & Rezepka (2000) enfatizaram que grande parte das nossas dificuldades como educadores reside no fato de que esquecemos que o mundo que se vive é sempre uma criação pessoal, e isso sendo esquecido, “não nos damos conta de que a tarefa educacional é uma criação de mundos”, e nós, professores, somos a referência para a criação desses mundos. E o mais instigante, mostra-se quando ele diz que “o mundo que os nossos alunos criam em seu viver sempre surgirá criado conosco, embora nos pareça alheio” (p.36).

Esse *não se dar conta* situa-se muito próximo do que Arroyo (2007) comentou como um processo que foi aos poucos acontecendo com os professores, ao se sentirem desejosos de quem os ouvissem e respeitassem nas suas manifestações, enquanto categoria profissional. Na participação em movimentos sociais, sindicais e culturais, os professores tiveram o sentido da palavra direito alargado, passando pelo direito ao conhecimento, ao saber, à cultura, à memória, à identidade e à diversidade, chegando ao fundamental, que é o direito pleno como humanos. “Nessas vivências de fronteiras os professores e as professoras foram questionando a imagem tradicional de escola e de professor(a) e foram reconstituindo suas auto-imagens.” (p.53) Então, de professores que viam os alunos como contas bancária onde depositavam os conteúdos, numa alusão à educação bancária contestada por Paulo Freire, passaram a enxergar e sentir os alunos. “Captam em seus olhares e

comportamentos de crianças e adolescentes sua insatisfação, até desinteresse e indisciplina.” (p.53) Descobriram os educandos, as crianças, adolescentes e jovens como gente e não apenas como alunos.

Voltando a comentar nossos dois encontros, eu mencionei que, quando nós conversamos, muitos aspectos da formação profissional da Lourdes foram levantados. Eu quis saber no que contribuíram aquela conversa que ela acabou de ler e esta que estávamos tendo para que ela pensasse com mais atenção, e em que aspectos. Respondeu assim: *Principalmente nesse aspecto, que hoje tu falaste de novo, e eu fiquei mais mexida ainda, nessa questão da minha relação profissional com os alunos menores. Isso, sem dúvida, me incomoda, talvez seja o maior desafio que eu tenho que tentar superar, mas ao mesmo tempo em que eu tenho essa consciência, eu não vejo muita estratégia de como fazer isso. Nisso a tua presença na minha vida foi um desacomodador, no sentido positivo, porque eu tenho pensado muito sobre isso. E é, provavelmente, aquilo sobre o que mais me questiono, atualmente, porque é uma escola que eu amo, de paixão, e é a escola onde eu deveria ser a melhor, então olha que contradição: eu gosto da escola, me sinto confortável, mas, ao mesmo tempo, eu não sou a profissional que eu tenho certeza que eu poderia ser. Onde é que se quebra esse elo de ligação? Eu tenho algumas hipóteses. Aquela da maternidade pode ser uma, a da acomodação pode ser outra. É fácil eu dizer que são pequenos e a minha linguagem não funciona e a gente vai usando desculpas... Quem sabe, de repente eu assumo que eu quero encontrar a saída e vá usar alguma estratégia para fazer isso.*

É por isso que a resposta a essa incerteza se encontra ao mesmo tempo na aposta e na estratégia. Na aposta, pois não temos absolutamente certeza de conseguir os resultados que queremos; na estratégia, que permite corrigir nossa ação, se vemos que ela deriva e vai para outro caminho (MORIN, 1997, p.23).

É que também a correria do trabalho impede, às vezes tu está cheia de boas intenções, quer fazer, mas tem todo o sistema (e não é porque ele é mau; é porque é o sistema) e tu estás envolvida com ele, ele te cobra notas e todo o resto e tu vais trabalhando, as coisas vão acontecendo, não sei se pelo melhor, não sei se pelo pior.

Eu havia lido em relatos de estudos que abordam o cotidiano docente a recorrente referência a um certo queixume verbalizado pelos professores depoentes,

no sentido de considerarem suas vidas privadas invadidas pelas atividades de ordem profissional, sem que possam – e o desejam muito – estabelecer os limites entre aquilo que respeita ao pessoal e o profissional.

Diretamente, não interroguei sobre esse assunto, mesmo o sabendo gerador de muitos conflitos, inclusive familiares, por isso muito me chamou a atenção, no tecer dos fios e tramas que se mostram na narrativa da Lourdes, o fato de que, entre tantos questionamentos e contradições por ela apontados, em nenhum momento ser mulher-professora trouxe incômodo ou limitadores ao desenvolvimento de uma e de outra, essa co-existência da professora na mulher que se desenvolve e da mulher na professora em que se torna, porque, como escreveu Nóvoa (1995), lembrando frase de Jennifer Nias (1991), que diz: “*o professor é uma pessoa; e uma boa parte da pessoa é o professor*”, o processo identitário da profissão docente, a despeito dos tempos de racionalização e de uniformização com os quais se depararam, “cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor” (p.15). Com o que Arroyo (2007, p.27) parece-me concordar, pois disse que “somos professores, somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente”. E seguiu o educador argumentando, orgulhoso, que poucos trabalhos e posições sociais podem usar o verbo ser de maneira tão apropriada, na medida em que são poucos os trabalhos que se identificam tanto com a vida pessoal, salientando que os tempos da escola invadem todos os outros tempos.

Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angustias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós (ARROYO, 2007, p.27)

Aqui, mais uma vez paro para referir, bastante envaidecida, por ter, de uma forma não invasiva – pelo menos, assim desejo que tenha sido – provocado, se não completa abdução, movimentos (in-re)trospectivos na vida da Lourdes, conforme salientado por ela. Não tem este trabalho aproximação com projetos de formação de professores, mas me sinto gratificada por ter sido desenvolvido optando pela entrevista (auto)narrativa, sem que a tivesse experimentado anteriormente. Digo isso porque essa modalidade de entrevista tem sido trabalhada em iniciativas de formação de professores, mediante um projeto de formação que parte da reflexão sobre si mesmo, na elaboração de uma (auto)biografia. Pude perceber que se dá o

que eu havia lido em Delory-Momberger (2008), para quem, semelhante a qualquer outra iniciativa, o ato de narrar sua vida inscreve-se na dinâmica de um *projeto de si*, pois nesse processo que se dá em forma de introspecção, embora possa ser negado, provoca um movimento que leva aquele que se narra adiante de si.

Estaria eu a conseguir o que, quando li em Larrosa (2006, p.51), achei um distante ideal a ser alcançado, e por poucos – ser alguém que conduz alguém até si mesmo?

Em meio aos sentimentos expostos pela Lourdes, eu, talvez porque movida por algo como uma “teorização sobre a tatuagem”, tendo a pensar que nessas relações conturbadas entre a professora e os alunos do ensino fundamental, a tatuagem não desempenha as mesmas “funções” que alcança com os jovens alunos do ensino médio. Tenho somente experiências com alunos do ensino fundamental, mas pouco trato com crianças pequenas, portanto arrisco dizer que, talvez os menores ainda necessitem de professores dos quais tenham, mais que a presença, a exposição, as trocas em busca do conhecimento; querem con-tato com toque-tato-*tatu* – esse sentido que possibilita que conheçamos e nos deixemos conhecer por dentro de nossa pele (o que não se restringe às baixas idades).

Seguindo esse raciocínio, poderíamos dizer que os alunos maiores já transpuseram essas carências e se moldaram aos convívios, principalmente escolares, nos quais os sentidos mais reclamados sejam o da visão (salientado acima por Le Breton (2003), quando disse que, porque nos tornamos mais distantes, comedidos, o olhar é o que nos traz a consistência do outro) e o da audição. Com isso, o con-tato acontece para além da pele, no que, na pele é mostrado ou sobre o que está escrito na pele é dito. E mais, no que, ainda, vai ser descoberto, inferido, maliciado em relação à professora tatuada. Em torno disso, acontece uma “cumplicidade”, que tanto satisfaz aos alunos como à professora. Admiração, contemplação são, sem dúvida, disparadores de seduções.

Eu entendo a Lourdes quando diz não ter “essa sedução” para com os alunos menores, mas ainda tenho muito a pensar sobre a ideia de ser uma sedução que requereria a tão desejada “maternalidade”. Talvez, e não seria intento a ser perseguido neste trabalho, o que alastraria esta temática a outras searas, seria interessante pensar na dicotomia autoridade/autoritarismo nos atributos da sedução. Evidentemente, as relações da Lourdes com seus “pequenos”, ao que parece, tornaram-se impossibilidade, em vista de que ela não os seduz, não os encanta.

Portanto, ressentir-se de não ser, para eles, a autoridade que sabe ser para os alunos do ensino médio. Ela é consciente disso, entretanto insiste em se dizer sem a formação necessária para trabalhar com crianças, atribuindo essa função a quem tenha desenvolvida a matern[al]idade. Esses posicionamentos da Lourdes apontam outras contradições. Reforçam a idéia da professora “primária” como ser necessariamente maternal. Isso não seria (re)afirmar que ainda se espera da professora hoje, no início do século XXI o que se esperava dela no início do século XX, para usar as suas palavras? Será que é isso mesmo? Ou poderíamos pensar que as discrepâncias que acusamos entre a formação que temos e a de que necessitaríamos para enfrentar os desafios cotidianos diminuiriam se nos incluíssemos como agentes dessa formação? Temos a formação que temos porque a “recebemos”, porque “nos deram” ou porque a concebemos, como produção para (e de) nós mesmos?

Uma das frases que a Lourdes ostenta no ombro tem, para ela, o sentido da superação. Superação da dor, superação do sentimento de finitude, diante da consciência da brevidade da vida, superação sobre si mesma, naquilo que ela sente e sabe que nem a si mesma satisfaz quando deixa que seu *animus* grite por ela, grite sem que ela possa, antes, pensar se quer gritar. Eu gostaria muito de vir a saber que, de alguma maneira, contribuí para que essa frase – ou outras de igual sentido – também passasse a ser uma marca, um signo da superação desses condicionamentos auto-imputados e que essa brilhante professora possa contribuir para que a meninada de sua escola do ensino fundamental ilumine as suas mentes por conviver com a paixão que ela tem pelas salas de aula do ensino médio.

7.1 “Por que eu preciso das tatuagens?”

A depender de como nos posicionamos na vida, oscilamos entre o que possa existir entre o obscurecimento e a translucidez. Nesse espaço de possibilidades, a Lourdes, defendendo a idéia de que o preconceito só existe pelo desconhecimento sobre quem é e o que faz a pessoa, e de que ele acaba quando a pessoa passa a ser apreciada pelo que é e não pelo que aparenta, fez(-se) uma pergunta, aparentemente solta “por acaso”, num quase-diálogo interior: ‘*Por que eu preciso das tatuagens?*’

Essa pergunta poderia ter sido feita em inúmeras circunstâncias. Mas não foi. Somente uma razão a justifica: o reconhecimento da necessária permanência das tatuagens na pele. Isso porque elas já participam, de forma indelével, da imagem com que a Lourdes se vê e, principalmente, da forma como ela quer ser vista. São marcas escolhidas que não denunciam somente os eventos, os gostos, os símbolos, os sentidos que deliberou imprimir no corpo, mas são como um mapa, em visíveis e ocultos desenhos e grafismos indicadores da sua percepção do mundo. Avançando à concepção do corpo como a tela da tatuagem, as tatuagens da Lourdes são como telas espelhadas. Assim como a projetam ao olhar do mundo, nelas o mundo é refletido.

Essas são somente perturbações, um pouco mais “pesadas” que me ocorrem, talvez porque, tendendo a ver a tatuagem com as cores e as formas com que se mostram libertando corpos, desatando amarras, tenha-as olvidado e agora se mostrem como a dizer que, embora situadas no lado obscuro da tatuagem, sempre estiveram ali, até pelo que pode existir de libertador conhecer seus “lados”, o quanto formos capazes, pois a tatuagem, como estou aprendendo a vê-la, se não sou eu a fazê-lo, ela se mostra em seus caracteres multidimensionais (Morin, 2007) e pode ser, assim, uma ponte ou uma barreira; um disparador da imaginação ou uma enseada para a ilusão.

Em alguns momentos da sua narrativa de professora implicada nas questões políticas da profissão, encontramos referências à necessidade da criação de personagens e do uso de máscaras: *E isso eu acho apaixonante no magistério, isso eu acho apaixonante na nossa profissão, mas isso é tão pouco debatido, tão pouco discutido: como nós temos que, realmente, usar máscaras! É aquela história... tu constróis o personagem e tu sabes o que as pessoas esperam de ti. E naquele momento, em que tu tens que fazer o que as pessoas esperam de ti, tu estás num dilema, porque, se eu fizer o que as pessoas esperam de mim, vou queimar meu filme com alguém. Se eu não fizer, eu também vou queimar.*

A composição do personagem, com o que tanto contribuem as tatuagens, tem que ser mantida, sejam ou não essas máscaras adotadas no sentido de agradar aos que a admiram ou enfrentar os que a repudiam. De qualquer maneira, penso eu, que são as máscaras construções artificiais (construídas pela arte) e, assim sendo, passíveis de, se por demais interiorizadas, destruírem o contato de quem as porta, consigo mesma.

Por vaidade, eu comprei uma briga, e será que realmente estou convencida de que aquilo era o que eu deveria questionar ou se foi por uma vaidade minha, porque os outros esperam isso de mim? Talvez esse seja um dos descuidos que eu tenho e as pessoas me enxergam assim, então, qualquer bucha de canhão que tem já me enxergam. A partir daí tu falas, tu reclamas e eu visto o uniforme direitinho e desempenho. E isso, muitas vezes eu sinto que me dá uma sobrecarga e eu fico pensando... aquilo nem era muito comigo, por que eu me meti? Bem... fazer o quê? Já tinha entrado mesmo...

Convido Arroyo (2007), mais uma vez, para ajudar na compreensão desse condicionamento, francamente assumido pela Lourdes, mas tão pouco discutida, concordo, pelos professores, que são as nossas máscaras. Ele lembra de ter assistido a uma entrevista de uma atriz de teatro à qual era perguntado o que a personagem tinha a ver com a mulher-atriz e como separar a personagem do humano de quem a representa. Aludindo aos papéis desempenhados pelos professores e professoras, às máscaras, que têm construído, tanto a imagem social do magistério quanto a auto-imagem dos professores, Arroyo pergunta “como tirar a máscara de professora, de professor quando termina o espetáculo da docência? A máscara virou um modo de ser?” (p.28)

No discurso de Lourdes, durante a entrevista, fica evidente o lugar da tatuagem como fato de aproximação com os alunos, especialmente os alunos do ensino médio. A tatuagem assumiria uma funcionalidade, corresponderia a uma estratégia?

Não correspondendo a um critério de utilidade, fato que se verifica com os alunos do ensino fundamental, eu estaria sendo muito incisiva se trouxesse a discussão dual, já desgastada no meio educacional, qual seja a autoridade em oposição ao autoritarismo? Rapidamente, vou lembrar que a Lourdes se sente confortável, amada, admirada pelos alunos do ensino médio. Eles a reconhecem como autoridade. O mesmo não acontece com os alunos do ensino fundamental, com os quais, por não transitar entre eles como aquela a quem admiram, não lhe reconhecem autoridade, restando a ela atitudes autoritárias. Conforme seu relato, quando percebe a impossibilidade de causar qualquer impacto, com ou sem tatuagens, sente-se desacetada.

Para acautelar a Lourdes, mesmo sem querer minimizar seu desassossego, lembro do que me contou, em entrevista, uma colega que tem tatuagens bem evidentes, variando entre coloridas e escuras, em relação ao apreço de seus filhos,

no transcurso do seu desenvolvimento. Em crianças, não gostavam de terem a mãe como a única tatuada em reuniões escolares. Crescidos, não escondem o orgulho que sentem em poderem mostrar a amigos, a professores, que são filhos de uma mulher tatuada.

Essa variação no procedimento dos meninos pode ajudar à Lourdes na compreensão do que considera uma falta de sedução para com os alunos ainda infantis. Poderia ser que eles também gostassem de ter uma professora igual às outras? Poderiam esses meninos sentirem-se desconfortáveis, incomodados com as tatuagens?

Ou, entre outras perspectivas, podem eles desejar, como meio para suas relações na sala de aula, não o ambiente maternal, nem o-que-manda-e-o-que-obedece, mas o movimento da ludicidade como linguagem, implicando a magia do jogo, para o que, a maneira como se apresentam os jogadores, se já marcados, ou ainda por marcar(-se) é, também, um ato estratégico, para o qual, ao mesmo tempo, concorrem, o desejo de conquista e o desejo de saber.

Nesse desafio de estabelecer vínculos afetivos, que se dá em uma rede de interpretações de si e do mundo, a professora Lourdes, em conversas com sua própria meninice, há de encontrar como superar os obstáculos, pois o que é a história que contamos a nós mesmos, se não o mostrar nossas tatuagens? E, como a Lourdes define as suas, não são femininas, são dramáticas... porque **ela** precisa das tatuagens...

8 ALGUMAS PALAVRAS

Não podemos conhecer nada que nos seja exterior passando por cima de nós próprios (...) o universo é o espelho no qual podemos contemplar apenas aquilo que aprendemos a conhecer em nós próprios.
(Ítalo Calvino)

Na apresentação deste trabalho e em momentos esparsos no texto, aludo ao fato de as tatuagens terem, metaforicamente, como que se tatuado em mim, antes mesmo de tê-las em consideração de temática de estudo. E de como, já “tatuada”, fui procurando saber de seus significados, especialmente, nos corpos das professoras, onde estavam quando as vi.

Independente das formas com que eu descreva “meu encontro com as tatuagens”, tenho sido inquirida, principalmente por pessoas ligadas ao universo acadêmico que dizem não entender como alguém que não é da “galera tatuada” e nem navega nas águas da antropologia vem a se interessar por tatuagens. E traduzem seu desconforto dizendo que estranho é esse interesse ter vindo de uma professora com formação em Letras, em mestrado na Educação. Veem nisso um grande contrassenso, pois a regra que seguem os trabalhos na Educação circunscreve os interesses ao campo de significados mais próximo dos mestrandos, que ficam, naturalmente, voltados a escolhas de temáticas de estudo que respondam a questões sobre a própria prática, ou sobre contextos próximos, de modo a dar conta de vivências pessoais e profissionais.

O que eles não sabem é que as tatuagens, para mim, figuram como símbolos gráficos – ícones – que abrem links nesse hipertexto que é a história passada no e com o corpo da professora; o que eles não alcançam é, contrariando suas análises, o quanto isso tem a ver com minhas vivências, com meu “campo de significados mais próximo”. E o quanto tem de pessoal trazer para a academia um tema que, na área da educação, ainda se situa fora dos limites das convenções acadêmicas, mesmo que, a princípio, as reflexões que trago não foram pensadas para corresponderem à categoria dos chamados temas não-canônicos.

Ao me aperceber, entretanto, de que “Professoras Tatuadas” seria, no momento que mencionado, um tema provocador de estranhamentos, escrevi sobre

ele numa forma mais ensaística, autoral, segundo a Professora Jurema Brites²⁸, procurando, ao escrever, dialogar com as leituras que fazia; ao expor minhas limitações, meus preconceitos, também as aprendizagens nas quais foi possível transpô-los. Esses aspectos, junto a outros, foram salientados pelos professores componentes da banca examinadora da dissertação como determinantes para a assunção deste trabalho na qualidade de um ensaio.

Assim, boa parte deste ensaio tratou de tematizar as tatuagens-marcas que as professoras trazem no corpo, como narrativas, e qual a importância das narrativas advindas das tatuagens nos seus convívios da docência.

Conversando sobre as imagens tatuadas e os significados a elas atribuídos, avancei na compreensão de que os desenhos que eu via de fora ora ocultavam, ora mostravam a natureza das marcas internas que as professoras escolheram para mostrar/ocultar na pele.

Em meio aos longos “papos” sobre tatuagens, talvez por conversar com mulheres com mais de trinta anos; mulheres maduras, portanto, compreendi que as suas tatuagens guardam (auto)leituras sobre o próprio corpo, em atitudes muito próximas a rituais, e porque nunca mencionados, creio que vividos desde sua inconsciência. Assim sendo, mantive o respeito pelo dito, pelo narrado, lamentando não ter ousado na interlocução, gerando maior aprofundamento, para poder entender o lugar atribuído a esse mistério da tatuagem, que tem a força do estilhaçamento, ao mesmo tempo que a da recomposição em outra narrativa, como a situar o momento em que o presente já se torna o passado e a nascente de um novo presente; um tempo que, não findando, principia.

Em qualquer que seja o motivo, em geral, drástico, romântico, que naturaliza a marcação do corpo das professoras, está implícita a mudança de atitude com relação ao próprio corpo, ao tempo e à mudança mesma, que a tatuagem cela, complementa, finaliza e abre possibilidades que vêm acompanhando a sensação de terem deixado de ser aquela que eram, por vezes ainda sem saber em quem estão se tornando. Entender esse momento do tatuar-se me remete à arte do mosaico, mais precisamente à lembrança de que a mão do mosaicista, a desferir o golpe, despedaçando a peça inteira é a mesma da delicada intuição com que junta os cacos e cria outro contexto.

²⁸ Jurema Gorski Brites, Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais/CCSH – UFSM.

Na concomitância das atividades deste trabalho, quando passei a ver as tatuagens das professoras como ícones (marcas individuais) aos quais se prendiam as narrativas principais, seletamente escolhidas, foi um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma revelação importante, levando-me a indagar a respeito de quais seriam as sutilezas que me ligavam ao tecido em que se estampavam professoras tatuadas. Eu andei a cata de identificações com o que me propunha a pesquisar. Não sendo adepta de marcações corporais, não tendo manifestado interesse por tatuar-me, mesmo nesse convívio com a tatuagem – em práticas e teorias, não tinha, já estando na fase de elaboração das entrevistas, respostas ao que, muito mais do que os outros, eu a mim me perguntava, sob pena de ter que trocar o título e o rumo da dissertação: Por que professoras tatuadas?

Já na elaboração da entrevista-base eu experimentei encontros com minhas marcas de professora, o que não deixou de ser como provocações que lançava a mim mesma, em inquietantes matizes para serem aprofundados, porque o que lembramos torna nossas vidas, de certo modo, mais prazerosas e cheias de sentido.

Em meio às agendas das entrevistas, iniciei as transcrições e percebi que as respostas que eu buscava se mostravam passíveis de serem articuladas. Do gravador eu ouvia as colegas expondo suas marcas, em ondas de emoção, em fluxos de ações e interações. Seu ser-estar em tensões e fusões de encontros, valores e caminhos no mundo eram comigo compartilhados; e foi, ao ouvir o que se dava com elas, no comum dos dias, no trivial da existência que as minhas marcas foram “chamadas”. Fui encontrando identificações, não por possuir marcas iguais. Antes, pela diferença, mas principalmente, por me perceber tão marcada, como se tatuada fosse.

Eu, a querer saber dessas marcas e me sabendo marcada como elas; elas, com o atrevimento e a ousadia de trazer à flor da pele as narrativas que lhes marcam esta existência. Por isso as admirava, por isso a importância por mim sentida de refletir sobre as marcas que nos são comuns, aquelas cujos sentidos compartilhamos e aquelas que, embora comuns, no sentido do que é banal, mas que, em narradas, torna a história de cada uma, uma história única, inusitada.

A primeira transcrição já foi me transformando de uma maneira impensada, pois o que poderia ter sido feito em processo mecânico de transcrever palavras, sinalizou-me um desafio criativo. Ouvindo-nos (a mim e à professora entrevistada) em linguagem, deparei-me com o fato de que aquela narrativa haveria de ter a mim

como escritora. E porque o encontro ao qual eu ouvia pareceu-me ser o determinante para o contar(-se) dos fatos da vida, naquele fluxo ininterrupto dos acontecimentos, eu mudei o planejado, e optei por relatar o encontro mesmo, com essa professora, correndo os riscos a serem assumidos com tal iniciativa.

Foi, então, ao tomar outro rumo, que este texto passou a se configurar tendo, não a anunciada pesquisa, apenas em breves momentos mencionada, mas tão-somente a interação vivenciada na entrevista-narrativa, por eu ter acreditado que, mesmo sendo bastante extensa e densa em alguns aspectos, foi possível sintetizar os questionamentos, as reflexões que me moveram no sentido de atentar para as nossas marcas como aprendizagens que se realizam no transcurso do tempo, em que algumas meninas se tornam professoras.

Para mim, foi importante, não somente saber que tatuagens a colega professora traz na pele, mas também, que tatuagens imprimiram na memória os afetos que a singularizaram no cotidiano, e saber, com ela, dessas marcas que traz de sua história de vida, o que a atravessa e a afeta. O que significou mostrar como, na leitura de si que faz uma mulher adulta, professora como eu, e como tantas, construiu sentidos presentificando as emoções que a memória guardava de suas [nossas!] próprias pegadas, dos estigmas que o passado imprimiu, das emoções marcadas no corpo pelos afetos ditos, sentidos, vividos, silenciados; e, quem sabe indizíveis, até então. Sem esquecer que as tatuagens, nas sutilezas de um mostrar-ocultar, são também maneiras de tornar visíveis os corpos escondidos pelas relações na docência.

Tudo possível por se dar num encontro aberto para o desconhecido de nós mesmas, o que, segundo Morin (2009, p.36), seria “entrar na aventura desconhecida, onde talvez sejamos, ao mesmo tempo, desbravadores e desviantes.” Ideias que nem pensávamos possuir emergiram no diálogo. E assim pareceu-me até mais instigante lidar com a desordem e com as incertezas, sabendo-nos o amálgama das nossas e de tantas outras vozes que se inventam por nos sentimos ‘aprendentes’ na nossa história de ser professoras, e o quando, pelas marcas que reconhecemos nos nossos corpos, favoreceu nossa forma de sentir o corpo, em sendo marcado, tatuado, escondido ou visibilizado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima**: A sala de aula como um espaço do crescimento integral. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ARNAUS, Remei. Voces que cuentan y voces que interpretan: Reflexiones em torno a la autoria narrativa em uma investigación etnográfica. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: Atualidade da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e sociedade**. SP: Brasiliense, 1986.
- BORDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína.(Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Trad. Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodrigues e Maria Izabel Penna Buarque de Almeida. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BRAZ, Camilo. Albuquerque de. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo, Campinas, SP, 2006. - Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo. 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Trad. João Reis, Lisboa: Teorema, 1985.
- CICERO. *Da República*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:INMZBoz2MAsJ:www.ebooksbrasil.org/eLibris/darepublica.html.&cd=27&hl=pt-BR&ct=clnk&client=gmail&source=www.google.com>. Acesso em 01-05-2011.
- COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- CONNELLY, F. Michel y CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.

CORAZZA, Sandra M. Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Ana. **Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005 – Coleção Clínica Psicanalítica.

COUY, Venus Brasileira. No princípio, era a tatuagem. In.: *Travessias*, Ed. 09, 2010. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_009/artecomunicacao/no%20principio%20era%20PRONTO%5B1%5D.pdf. Acesso em 01 mai. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: Figuras do indivíduo-projeto**. Trad. Maria da Conceição Possegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Possegi. Natal. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOWBOR, Fátima. Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Organizadoras: Sonia Leite de Carvalho e Deise Aparecida Luppi. São Paulo: Cortez, 2007.

DROWN, Dan. **O símbolo perdido**. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Sextante. 2009.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontologia del Lenguaje**. Chile: J.C. Sáez, 1997.

FERNANDES, Maria Esther. História de vida: dos desafios de sua utilização. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VII, n. 1, p. 15-31, jan.- jun. 2010.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Ler o corpo que ensina – uma aproximação dos efeitos de sentido dos gestos de proximidade corporal entre professoras e crianças das séries iniciais do ensino fundamental. In.: *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss04_06.pdf. Acesso em: 24/07/2011.

GAUTHIER Clermont & MARTINEAU Stéphane. Imagens de sedução na pedagogia. “A sedução como estratégia profissional”. Trad. Francisco Pereira de Lima. In: **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 66, Abril/99, p.20-21

GOMES, Roger Marcelo Martins. **Organização escolar e poder: um estudo sobre o professor de ensino médio na construção de sua subjetividade**. In.: *Anais do XIX*

Encontro de Psicologia de Assis, 2006. Disponível em: http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/12_Roger_Marcelo_Martins_Gomes.htm, acesso em 25 ago.2011.

GONZAGUINHA. **Grito de alerta**. Disponível em: http://www.paixaoeromance.com/70decada/grito/hgrito_de_alerta.htm. Acesso em: 22 set. 2011.

GONZÁLEZ-REY, Fernando L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Chico Buarque de. **As minhas meninas**. Disponível em: <http://www.musiconline.xpg.com.br/letras/chico-buarque/as-minhas-meninas/491196>. Acesso em: 22 set. 2011.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org). **Vida de Professores**. Trad. Maria dos Anjos Caseiro e Miguel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto. 1992.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de Vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si** : Uma teoria da indentidade. Trad. Joana Chaves. Lisboa : Instituto Piaget, 2005.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paullus. 2005.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História oral no Brasil**. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes. 2005

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Pedagogia profana**: Danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**. Antropologia das emoções. Trad. Luis Alberto Salton Peretti. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Trad. Maria Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LEITÃO, Débora Krischke. Sinal de nascença escolhido: a prática da tatuagem e a valorização da pessoa singular. In: KOURY, Mauro Pinheiro e BARRETO, Maria Cristina Rocha (Orgs.). **Antropologia da Emoção**. Ensaios. João Pessoa, GREM, 2004. (Edição em CD-Rom). Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/Antropologia%20da%20Emo%E7%E3o.%20Ensaios.%20CD-Rom.%20JP.%20GREM.%202004.pdf#page=133>. Acesso em 23 fev. 2010.

LÉVY, Pierre. **O Fogo Libertador**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. De Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOZANO, Jorge E. Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FEEREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MAFFESOLI, Michael. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARCELINO, Fernando César. **A mensagem por trás da imagem**: estudo de tatuagens à luz da análise do discurso. São Paulo, 2007. - Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Mackenzie. São Paulo, 2007.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Reginaldo de Pietro. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Textos selecionados** (Os Pensadores). Trad. e notas: Marilena de Souza Chauí, Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MOOJEN, Gabriel. **Histórias tatuadas**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

MONTENEGRO, Oswaldo. **Metade**. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/oswaldo-montenegro/metade.html>. Acesso em: Acesso em: 22 set. 2011.

MORIN, Edgard, Complexidade e ética da solidariedade. In CASTRO, Gustavo. et al **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **Ciência com Consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 11ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

_____. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. - 16ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Trad. Eliane Lisboa. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2007.

MOSKA, Paulinho. **A seta e o alvo.** Disponível em :<
<http://www.letras.com.br/paulinho-moska/a-seta-e-o-alvo>> Acesso em: 22 set. 2011.

MOURA, Eliane Perez Gonçalves de. Da pesquisa (auto)biográfica à cartografia: desafios epistemológicos no campo da psicologia. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica:** teoria e empiria. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal:** prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In. NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1995.

_____. Prefácio In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **história e histórias de vida** – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ORLANDI. Eni, P. **Cidade dos sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caeiro.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

PINEAU, Gaston. Prefácio In: PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (orgs.). **(Auto)Biografia:** formação, territórios e saberes.Natal. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte:** piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PORTINARI, Denise. A última fronteira: repensando o corpo na contemporaneidade. In: CASTILHO, Káthia; GALVÃO, Diana (orgs.). **A moda do corpo, o corpo da moda.** São Paulo: Esfera, 2002.

POSSEGUI, Maria da Conceição. Prefácio in: JOSSO, Marie-Chistine. **Experiência de vida e formação.** São Paulo: Paullus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). **Narrativas de formação e saberes biográficos.** Natal. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (orgs.). **(Auto)Biografia:** formação, territórios e saberes. Natal. RN: EDUFRN; São Paulo:

Paulus, 2008.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

QUEIROZ, Rachel de, Bonecas Russas. Publicado em: 23/09/00, **Correio Braziliense** – Brasília – DF. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/2000/artigo45.htm>>, acesso em 02 mai. 2011.

RAMOS, Celia Maria Antonacci. **Teorias da tatuagem**. Corpo Tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra. Florianópolis: UDESC, 2001.

RAMOS, Celia Maria Antonacci. **Tatuagem contemporânea**: uma incorporação dialógica em tempos de globalização. In: III Seminário do Núcleo de pesquisa da faculdade de moda. 2004. São Paulo, SENAC. Disponível em: <<http://pages.udesc.br/~poeticasdourbano/Tatuagem%20Contempor%20E2nea%20-%20uma%20incorpora%E7%E3o%20dial%F3gica%20em%20tempos%20de%20globaliza%E7%E3o.pdf>> . Acesso em: 03 out. 2011.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIO, João do. **A alma encantada das ruas**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira e EVANGELISTA, Marcela Boni. **Da fala à escrita**: processos e procedimentos em busca da construção narrativa. 2010. Disponível em: <<http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no9/46-dossie/157-da-fala-a-escrita-processos-e-procedimentos-em-busca-da-construcao-narrativa>>. Acesso em 01 mai.2011.

SCHEINER, Andrei. Moletta. **Marcado na pele: consumo**, tatuagem e cultura de massa. Rio de Janeiro, 2006. - Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SENNET, Richard. **O artífice**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Cartografia histórica: trilhas e trajetórias da formação de professores. In: **Revista FAEEBA**, Salvador/BA: UNEB, v. 12, n. 20, p. 431-445, 2003.

_____. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGUI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto)biográfica e práticas de formação**. Natal. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>. Acesso em: Acesso em: 22 set. 2011.

TEIXEIRA, Renato. **Aprendendo a viver.** Disponível em: <http://www.lettras.com.br/renato-teixeira/aprendendo-a-viver>. Acesso em: 22 set. 2011.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, Karen e PEREIRA, Jesus Vasquez (Coordenadores). **História falada:** memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VELOSO, Caetano. **Pele.** Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/caetano-veloso/pele/96140>. Acesso em: 22 set. 2011.

VIEIRA, Ricardo. As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto)formação de professores, imigrantes e idosos. In: PASSEGUI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **(Auto)biografia:** formação, territórios e saberes. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Sala de Aula: Da angústia de labirinto à fundação da liberdade. In: MORAIS, Regis de (org). **"Sala de Aula. Que espaço é esse?"** Campinas: Papyrus, 1998. Disponível em <http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/salaaula.html>, acesso em 21 ago. 2001.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.